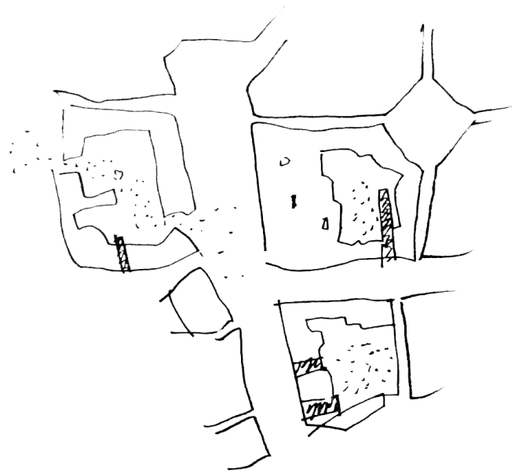


Atravessamento e chegada ao miolo do quarteirão: contágio do domínio colectivo no logradouro devoluto.

Projecto de regeneração no centro histórico de Braga.

Ana Fontainhas Carneiro de Azevedo Machado

FAUP
2017

Atravessamento e chegada ao miolo do quarteirão: contágio do domínio colectivo no logradouro devoluto.

Projecto de regeneração no centro histórico de Braga.

Ana Fontainhas Carneiro de Azevedo Machado

FAUP
2017

Faculdade de Arquitectura
Universidade do Porto
2017

Atravessamento e chegada ao miolo do quarteirão: contágio do domínio colectivo no logradouro devoluto.

Projecto de regeneração no centro histórico de Braga.

Ana Fontainhas Carneiro de Azevedo Machado

Dissertação de Mestrado em Arquitectura apresentado
à Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

Orientadora:
Professora Doutora Arquitecta Ana Sofia Pereira da Silva

Aos meus pais, ao Francisco
e à Rosinha.

Nota prévia. A presente dissertação não segue o novo acordo ortográfico e as citações de língua portuguesa não se alteraram em conformidade com o mesmo. As citações de língua estrangeira presentes no corpo do texto foram sujeitas a uma tradução livre por parte do autor para uma leitura mais fluída. As imagens produzidas e que acompanham a apresentação das propostas de projecto (designadas de *colagens* bibliografia de imagens, p.145) pretendem ser apenas uma sugestão da materialização dessas mesmas propostas, e não uma aproximação irrepreensível à realidade. Todas as imagens (digitalizadas, retiradas da internet, ou do arquivo pessoal) foram, de alguma forma, alteradas ou tratadas, sendo que qualquer utilização ou reprodução das mesmas requer uma referência a este trabalho ou autorização por parte da autora.

Índice

Agradecimentos *(3)*

Resumo *(5)*
Abstract *(7)*

1. Nota Introdutória *(9)*

2. Problematização
   2.1 A revisita *(15)*
   2.2 Espaços de uso colectivo em desuso *(21)*

3. Reflexão
   3.1 Cidade como palimpsesto *(33)*
   3.2 O miolo do quarteirão *(55)*
   3.3 Atravessar o quarteirão *(67)*

4. Proposta
   4.1 Contaminação do espaço público no miolo do quarteirão *(79)*
   4.2 Mapeamento programático da cidade (programa de carácter colectivo) *(89)*
   4.3 Projecto
      4.3.1 Quarteirão A - *Fórum B (95)*
      4.3.2 Quarteirão B - *Sala Lafayette (107)*
      4.3.3 Quarteirão C - *Recreio do Raio (119)*

5. Considerações finais *(131)*

6. Referências bibliográficas *(141)*

7. Lista de origem/crédito de imagens *(145)*

8. Anexos *(151)*

Agradecimentos

Aos meus pais, por contribuírem sempre para a minha plenitude, equilíbrio e felicidade.
Ao Francisco, que, por existir, me faz mais completa.
À minha avó, fonte de uma força sobrenatural.
À Rosinha, pelo Gonçalo e pelas conversas que ficam para sempre.

À minha orientadora, Ana Sofia Pereira da Silva, pelos encontros, pela calma, constante motivação e disponibilidade.
Ao arquivo da Câmara Municipal de Braga, pelos desenhos e informação disponibilizada.
Àqueles professores, de projecto, desenho, construção, história e teoria, que não se limitam pelos títulos das respectivas disciplinas e que participaram de forma marcante no meu processo de aprendizagem em Arquitectura.
À d. Susete pelas conversas de balcão na biblioteca. Ao sr. Jorge e sr. Valentim pela boa disposição e dedicação aos alunos.

Ao meu núcleo duro, Marias e Martas, pela amizade, pelos conselhos, pelos passeios e pelos vinhos.
Ao Bernardo, pelas viagens e crescimento, ao João, irmão lá de casa, ao Chico, pelas conversas de seis anos, ao Bruno pela presença e ajuda, a todos pela amizade desde o início. A todos os outros amigos que encheram estes últimos anos de bons momentos.
À Andreia, pela amizade que já conta com mais de metade das nossas vidas.
À Ana, irmã em Delft e depois no Porto, pelos telefonemas que lhe fiz a caminho de casa. À Eleanor, à Anna, ao Nick, à Dominika, ao Jayden, ao Andy e à Geerke pelos meses de crescimento exponencial em Delft e Roterdão.
À Helena, ao Tó e à Maria, pela experiência na livraria, pela contribuição, pelos almoços e pelos jogos do café que me levaram ao Jorge.
Ao Jorge, pelos poemas e pelas boleias, pela presença e apoio, e, mais que tudo, pelo que ainda virá.

4 Atravessamento e chegada ao miolo do quarteirão: contágio do domínio colectivo no logradouro devoluto.
Projecto de regeneração no centro histórico de Braga.

Resumo

A presente dissertação parte de uma vontade de repensar o papel de alguns espaços e edifícios de uso colectivo na cidade de Braga, actualmente devolutos ou em processo de desertificação, com vista a devolvê-los à comunidade enquanto formas participativas no seu quotidiano e enquanto *motores* de revitalização da vida urbana no centro histórico. Esta temática surgiu, inicialmente, do interesse em estudar as *galerias comerciais* construídas nos anos 80, hoje obsoletas e vazias, tendo evoluído para uma análise mais abrangente que engloba outras formas de invasão do interior do quarteirão por actividades, e consequentemente infraestruturas, colectivas; são exemplo disso os parques de estacionamento e túneis que, por sua vez, deixaram mazelas significativas na malha urbana ao originarem *vazios sobrantes* e descaracterizados no centro da cidade.

Partindo de uma análise histórica (debruçada na evolução das formas colectivas da cidade, no processo de contaminação do miolo do quarteirão e no aparecimento das galerias comerciais), explorámos os problemas concretos, urbanos e arquitectónicos, levantados por cada um dos três quarteirões que definimos como casos de estudo. Recorremos a uma abordagem que podemos apelidar de *acupunctura urbana*, tendo como objectivo o desenvolvimento de um conjunto de propostas que ambicionam, não só regenerar circunscritamente os quarteirões (associando a requalificação dos *vazios sobrante*s à reactivação das *galerias comerciais*), mas também provocar um impacto positivo nas áreas vizinhas; apesar do carácter, à partida, pontual da estratégia, esta pretende ter, também, uma dimensão ou efeito radiante. Podemos dizer, então, que este trabalho é um exercício de projecto que procura reanimar a utilidade e beleza destes espaços e edifícios "doentes" ao oferecer-lhes um propósito colectivo e ao integrá-los nas dinâmicas da cidade.

6 Atravessamento e chegada ao miolo do quarteirão: contágio do domínio colectivo no logradouro devoluto.
Projecto de regeneração no centro histórico de Braga.

Abstract

This dissertation comes from an urge to rethink the role of some spaces and buildings of collective use in the city of Braga that are currently unoccupied or in the process of being completely deserted, in order to give them back to the community as participative forms of its everyday life and as *engines* of revitalization of the urban life in the historic centre. This theme initially arose from the interest to study the *commercial galleries* built in the 80s, obsolete and empty nowadays, having evolved to a broader analysis that includes other forms of invasion of the interior of the urban block with collective activities, and consequently collective infrastructures; as an example we have the parking lots and tunnels that left significant scars in the urban tissue, originating uncharacterized and *left-over empty spaces* in the city centre.

Starting from an historical analysis (concerning the evolution of the collective forms of the city, the process of contamination of the interior of the urban block and the emergence of the commercial galleries), we explored the particular problems, urban and architecture wise, of each one of the three urban blocks we chose as case-studies. Our approach, which we can call *urban acupuncture*, aims for the development of three different projects, one for each case-study, all of them intending not only to regenerate each urban block (associating the requalification of the *leftover empty spaces* with the reactivation of the *commercial galleries*) but also to induce a positive impact on the neighbour areas; despite the punctual feature of the strategy perceived at first glance, it also has a radiant dimension or effect. Therefore, we can say that this work is a project exercise that searches for the reanimation of these "sick" spaces' utility and beauty by offering them a collective purpose and integrating them in the city dynamics.

8 Atravessamento e chegada ao miolo do quarteirão: contágio do domínio colectivo no logradouro devoluto.
Projecto de regeneração no centro histórico de Braga.

1. *Nota Introdutória*

Na presente dissertação, propomo-nos explorar o problema dos espaços e edifícios de uso colectivo devolutos ou em processo de desertificação no centro histórico de Braga, com vista a desenvolver um projecto que permita devolver (e, nalguns casos, oferecer) essas estruturas à cidade. A escolha do tema parte de uma preocupação de foro político e da vontade de melhorar a vida colectiva da cidade que, aos olhos de uma bracarense, não cumpre o seu total potencial. Os temas abordados no trabalho debruçam-se, também, sobre uma necessidade urbana actual; paralelamente ao esvaziamento de estruturas e equipamentos colectivos com qualidades de apropriação e participação na esfera pública da cidade, nota-se também uma falta de espaços públicos de carácter mais informal e maleável.

Colocado este problema, achamos desde o início imprescindível desenvolver uma dissertação teórico-prática, onde a pesquisa teórica informa a dimensão prática da intervenção e onde os problemas projectuais encaminham essa mesma investigação teórica numa relação simbiótica, permitindo uma abordagem de projecto mais completa e consistente. Não nos propomos a desenvolver uma proposta de redesenho dos espaços públicos existentes, apesar de acharmos necessária uma actuação nesse sentido; procuramos, por outro lado, tirar partido de áreas e estruturas de uso colectivo pouco usadas, mal aproveitadas e em eminência de abandono enquanto complementos da actual rede de espaços colectivos.

A estrutura tripartida desta dissertação organiza-se segundo um conselho metafórico de Nuno Portas[1]: 1-*Problematização* ("Identificar a doença"), 2-*Reflexão* ("Entender o que a provoca") e 3-*Proposta* ("Receitar").

Começámos, no primeiro capítulo, pelo *reconhecimento* do problema e delimitação da área de estudo que nos propomos analisar (centro histórico de Braga), seguidos de uma identificação e mapeamento dos espaços de uso colectivo desertificados nessa porção de cidade. Estas duas acções permitiram-nos reconhecer um *fenómeno* recorrente: o atravessamento do limite do quarteirão e a ocupação do seu espaço de logradouro por infra-estruturas que servem actividades do foro colectivo, de que são exemplo as galerias comerciais, parques de estacionamento ou túneis de trânsito automóvel.

No segundo capítulo, com vista a compreender o estado actual das estruturas colectivas em Braga, estudámos a evolução das noções de espaço público e a forma como este foi sendo materializado na cidade ao longo dos séculos, desenvolvendo uma sucinta *contextualização histórica* que clarifica o surgimento dos espaços devolutos onde iremos intervir. Associado a isto, abordamos conceitos implícitos neste problema, cla-

1. "Antes de receitar/ Identificar a doença/ E entender o que a provoca." *In* Portas, Nuno. (2005). *Os tempos das formas*, p.158.

rificando as noções de privado, público e colectivo. Explorámos, também, conteúdos inerentes à noção de cidade consolidada e a certos factos urbanos relacionados com o tema em análise (evolução do conceito de *miolo do quarteirão* e aparecimento das *ruas comerciais* que o atravessam e que dão aso a que o espaço de logradouro seja contaminado por actividades do foro colectivo). Como ponte para o desenvolvimento da proposta de projecto, elaborámos um levantamento funcional da área em estudo, no sentido de identificar as lacunas programáticas desta parte da cidade e mapear a actual organização funcional da mesma; desta forma conseguimos perceber como é que as nossas propostas se podem relacionar com a vizinhança e, ao mesmo tempo, preencher falhas no que respeita aos programas de carácter colectivo no centro histórico.

Chegámos, no último capítulo, a uma ideia de *intervenção* e a uma proposta de projecto urbano que se desenvolve a partir das problemáticas anteriormente abordadas e que explora os momentos de transição entre os vários gradientes de espaço público - "espaço público de circulação e acesso"[2] (rua ou praça), formas de atravessamento (galerias comerciais) e miolo do quarteirão. O projecto propõe novas estruturas colectivas para a cidade, abordando três áreas de intervenção a diferentes escalas e com recurso a diferentes soluções (urbanas e arquitectónicas) conforme os problemas que cada caso de estudo levanta.

Queremos, com a presente dissertação, alertar para a importância de uma rede de espaços públicos saudável nas cidades, como forma de contributo para uma sociedade mais equilibrada que preza, não pela individualidade, mas pela cidadania e vida em comunidade.

2. Portas, Nuno. *Op.cit*, p.105.



12 Atravessamento e chegada ao miolo do quarteirão: contágio do domínio colectivo no logradouro devoluto.
Projecto de regeneração no centro histórico de Braga.

Fotografia tirada na Avenida Central, em Braga. 1996.

De uma forma ou de outra, todas as cidades são a minha cidade. (…) Todas as cidades são a minha cidade, à qual sempre regresso. Tudo é então diferente, pois conheço o que é diferente. Os olhos abrem-se à minha cidade, sou de novo um estranho maravilhado, capaz de ver: de fazer.

Siza, Álvaro. (2009). *01 Textos*, p.175.



i1



i2

14 Atravessamento e chegada ao miolo do quarteirão: contágio do domínio colectivo no logradouro devoluto.
Projecto de regeneração no centro histórico de Braga.

2. *Problematização*
2.1. A revisita

Desde que iniciei os meus estudos em Arquitectura fui ganhando uma maior sensibilidade na análise das formas da cidade, com um outro olhar e um novo filtro, mais racional e analítico. Escolhi este momento final do curso para revisitar a cidade de Braga, de onde sou natural. Neste caso, o filtro racional e analítico alia-se à componente emocional, resultado da proximidade que tenho com a cidade onde vivi até aos sete anos e onde estudei até aos dezoito.

Comecei a fazer percursos diferentes dos habituais, a espreitar por cima de muros e a explorar caminhos e edifícios nos quais nunca tinha entrado porque não precisava ou porque saíam da minha rotina. Passei a ver a cidade de outro modo, a conhecer-lhe uma *faceta* que vai muito para além das ruas movimentadas e das praças simbólicas e representativas da sua história. Entusiasmou-me conhecer a sua *identidade secreta*, composta de espaços por descobrir que, ou por descuido e desinteresse das entidades responsáveis ou por se estarem a tornar obsoletos no que respeita ao seu programa ou oferta, têm vindo a ser cada vez mais marginalizados e invisíveis aos olhos dos habitantes. A questão dos espaços colectivos desertificados foi, assim, ganhando relevância no modo como passei a experienciar a cidade.

Adquiri uma vontade de trabalhar com o "real sujo"[1], conceito que surgiu na altura do pós-guerra em discussões da *Team 10* (1960-1981). O grupo queria alertar para a necessidade da prática *realista* de arquitectura, numa relação próxima com o contexto real, em forma de manifesto contra os ideais de *tábua rasa* defendidos pelos modernistas e recusando, por sua vez, as abstracções inerentes aos projectos de cidades ideais ou "in vitro"[2]. Um dos melhores exemplos desta *postura urbana* são os parques infantis desenhados por Aldo van Eyck nesse clima de pós-guerra em Amesterdão. Nestas intervenções, o arquitecto tirava partido dos vazios esquecidos na malha urbana para construir estruturas dedicadas às crianças, oferecendo à cidade um novo sentimento de alegria e esperança durante um período difícil (i3, i4, i5).

Este tipo de abordagem urbanística propõe um novo olhar sobre a cidade, com maior enfoque no comum e menos belo e não tanto no simbólico e grandiloquente. Relaciona-se em parte com as problemáticas levantadas por Ignasi Solà-Morales em *Terrain Vague*. Neste texto, o autor aborda uma tendência iniciada por alguns fotógrafos

i1 Fotografia de Nigel Henderson de duas crianças a brincar com duas rodas de bicicleta, na fase do pós-guerra (1949-1956).

i2 *The Independent Group*. Este grupo era constituído por um conjunto de artistas (pintores, escultores, arquitectos, críticos, escritores, entre outros) que, na década de 50, reuniam no ICA (Institute of Contemporary Arts, em Londres) e tinham por objectivo fazer prevalecer uma atitude moderna face à sociedade contemporânea. Defendiam a cultura pop, isto é, a estética do objecto *as found*, procurando sempre trabalhar com a crueza do real. (Da esquerda para a direita: Peter Smithson, Eduardo Paolozzi, Alison Smithson, Nigel Henderson. O casal Smithson participava, também, nos encontros da *Team 10*).

1. Conceito acompanhado de outras noções ou significados, como "ground-up", "situational", "real circumstances", "lived-in conditions", "experienced cases" e "immediate contexts". "The search to express the genius loci is always associated with irregularity or roughness of real forms. Reality has always been dirty and messy, it has always been "dirty real"." *In* Lefaivre, Liane. (2002). *Aldo van Eyck. The playgrounds and the city*, p.25.

2. Prieto, Eduardo. (2011). *La arquitectura de la ciudad global*. p.44.





i3





i4





i5

16 Atravessamento e chegada ao miolo do quarteirão: contágio do domínio colectivo no logradouro devoluto.
Projecto de regeneração no centro histórico de Braga.

i3 Parque infantil em Van Boetzelaerstraat, Amesterdão, projecto de Aldo van Eyck.

i4 Parque infantil em Dijkstraat, Amesterdão, projecto de Aldo van Eyck.

i5 Parque infantil em Zeedijk, Amesterdão, projecto de Aldo van Eyck.

(Estas fotografias do "antes e depois" distinguem, através da imagem, *espaço* de *lugar*. O arquitecto aproveitou os vazios da cidade e preencheu-os com um programa público que contribuiu em grande medida para o bem-estar da mesma, oferecendo às crianças novos espaços para brincar. Muitos desses parques infantis já não existem, tendo sido ocupados por novas construções, o que, por sua vez não desvaloriza o impacto que tiveram na altura do pós-guerra enquanto espaços de optimismo e esperança.)

nos anos 70 cujo principal objecto de estudo eram os espaços *sobrantes* na cidade, vazios e abandonados, por um lado fisicamente presentes na malha urbana, e por outro ausentes do quotidiano citadino[3], muito à semelhança dos espaços que iremos analisar em Braga. *Vague*, termo francês, descreve acertadamente o que são estes espaços; oscilantes e instáveis (sofrem vagas), vazios e descomprometidos (estão vagos), indeterminados e incertos (são vagos). É-lhes inerente um sentido expectante e de enorme potencial para a vida colectiva da cidade, que contrasta em grande medida com o que eles são na realidade. O que distingue os *espaços* dos *lugares* é o facto de os últimos serem espaços habitados, participativos e com vida; os nossos casos de estudo são exemplos de *lugares* que se foram transformando em *espaços*, vazios de actividade e vivências.

Pretendemos, então, trabalhar com as partes *feias* da cidade e fazer frente a uma vontade tendencial de tratar apenas as que são simbólicas e representativas da mesma, contrariando o processo de esvaziamento que esses mesmos espaços têm sofrido e explorando o potencial dessas estruturas *vagas* enquanto complementos da actual rede de espaços públicos; "Espaço e certeza são entidades estranhas; espaço é o potencial para o novo"[4].

3. "Mentally exterior in the physical interior of the city." *In* Solà-Morales, Ignasi. (2014). *Terrain Vague.*

4. Hertzberger, Herman. (2002). *Articulations*, p.28.



18 Atravessamento e chegada ao miolo do quarteirão: contágio do domínio colectivo no logradouro devoluto.
Projecto de regeneração no centro histórico de Braga.

Clarabóia da *Passage du Caire*, em Paris.

The desert too stands for emptiness, despite the contours of hills and valleys and its teeming life. Here it is the absence of people and objects, the desolation, that leaves us with a feeling of emptiness. This feeling is even stronger in the deserted city, where everything revolves around people. Without people, the space of the houses, streets and squares, the space in a physical sense is emptiness, a void. Emptiness is a feeling too, one you experience the moment you know or suspect that something precious is lacking or has left, but equally so when we are the "leavers".

Hertzberger, Herman. (2002). *Articulations*, p.28.


i1


i2


i3


i4


i5


i6


i7


i8


i9


i10


i11


i12

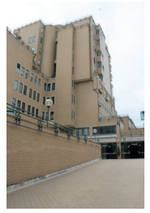

i13


i14


i15


i16


i17


i18


i19



20 Atravessamento e chegada ao miolo do quarteirão: contágio do domínio colectivo no logradouro devoluto.
Projecto de regeneração no centro histórico de Braga.

2. *Problematização*

2.2. Espaços de uso colectivo em desuso

A área de estudo que decidimos analisar e na qual propomos intervir é o centro histórico de Braga, não só por razões emocionais e afectivas, mas também por questões de operatividade e controlo da área de trabalho e intervenção; como explica Aldo Rossi, "A área-estudo pode (…) considerar-se uma *abstracção* no que respeita ao espaço da cidade; [servindo] para melhor definir um certo fenómeno"[1].

Assim sendo, desenvolvemos um mapa (i20) que expõe o levantamento de vários espaços de carácter colectivo[2] contidos nos limites da área de estudo que se encontram em processo de desertificação ou num nível já avançado de desuso e marginalização. Apesar de não ser nosso objectivo propôr uma solução para todos estes espaços/edifícios "doentes" que identificámos no centro histórico, achamos pertinente ter uma visão geral do estado das estruturas colectivas nesta zona. Este exercício tem em vista, não só identificar espaços de uso público problemáticos nesta parte da cidade, mas também encontrar uma *estratégia* forte de intervenção que nos permita desenvolver um projecto de requalificação para alguns deles.

Durante este processo de levantamento fomos identificando várias qualidades ou tipos de espaços colectivos; espaços vazios ou construídos, formas isoladas ou inseridas na malha urbana, espaços cuja responsabilidade recai total ou parcialmente sobre entidades públicas, como o mercado (i1) ou espaços de posse privada e uso colectivo, de que são exemplo os parques de estacionamento (i13) e os edifícios comerciais (i2, i5, i6, i7, i8, i10, i11, i12, i15, i16, i17, i18). Considerámos apropriado distinguir no mapa os espaços devolutos com maior urgência de intervenção dos espaços que, apesar de estarem em processo de abandono, têm ainda alguma procura ou utilidade.

De forma a dar início a esta análise, começámos pelos edifícios isolados. Temos o exemplo do Mercado Municipal (i1) que, por razões culturais e económicas, não conseguiu competir com as grandes superfícies comerciais[3]. O mesmo acontece com Hospital de São Marcos (i19) que, desde a abertura do novo Hospital de Braga

i1 Mercado Municipal.
i2 Galeria Comercial Campo da Vinha.
i3 Campo da Vinha.
i4 Atalho Rua dos Chãos-Campo da Vinha.
i5 Galeria Comercial Alameda Shopping.
i6 Galeria Comercial Avenida + Bragashopping.
i7 Galeria Comercial Lafayette.
i8 Centro Comercial Santa Bárbara.
i9 Edifício Rua do Castelo.
i10 Galeria Comercial Raio-Avenida.
i11 Galeria Comercial Gold-Center.
i12 Galerias do Bingo.
i13 Parque de estacionamento do Rechicho.
i14 Cinema S. Geraldo.
i15 Shopping Santa Cruz.
i16 Liberdade Street Fashion.
i17 Centro Comercial do Rechicho.
i18 Centro Comercial Granjinhos.
i19 Hospital de S. Marcos.

i20 Mapeamento dos espaços de uso colectivo em desuso no centro histórico de Braga.

1. Rossi, Aldo. (2001). *A arquitectura da cidade*, p.84.

2. Recoremos à definição de espaço colectivo sugerida por Maurice Cerasi: "El espacio colectivo de una ciudad puede ser definido como el sistema unitario de espacios y de edificios englobados en el territorio urbanizado que tienen una incidencia sobre la vida colectiva, que definen un uso común para amplios extractos de la población y que constituyen la sede y los lugares de su experiencia colectiva." *In* Cerasi, Maurice. (1990). *El espacio colectivo de la ciudad: construcción y disolución del sistema público en la arquitectura de la ciudad moderna,* p.87. Os espaços de uso colectivo podem, então, ser públicos ou privados.

3. Já existe, no entanto, um projecto de requalificação deste edifício, aprovado no início deste ano, que pretende reactivar a participação do mercado na cidade. *In https://www.cm-braga.pt/pt/0201/comunicacao/noticias/item/item-1-5059*.



i21



i22

22 Atravessamento e chegada ao miolo do quarteirão: contágio do domínio colectivo no logradouro devoluto.
Projecto de regeneração no centro histórico de Braga.

i21 Vista interior da Galeria Lafayette.

i22 Vista exterior da Galeria Lafayette.

numa zona mais periférica da cidade, se encontra sem qualquer uso[4]. O edifício da rua do Castelo[5] (i9) está também completamente vazio; foi construído no fim da primeira metade do século XX, aquando da demolição da muralha medieval, e pertencia à Universidade do Minho e às Infraestruturas de Portugal (esta última fracção foi vendida a uma agência imobiliária[6] no ano passado, apesar de todas as lutas e petições contra esse leilão público).

O mesmo desinteresse pela herança edificada tem-se tornado óbvio com o recente processo de reabilitação da sala de cinema S. Geraldo (i14). Construída em 1916 e fechada há cerca de 20 anos, é um caso que tem ganho protagonismo nas discussões da esfera pública; a ideia para a reabilitação deste edifício, até recentes reivindicações que conseguiram atrasar o processo[7], passava por transformá-lo num espaço que mistura o comércio *gourmet* com a oferta hoteleira. Este modo de actuar, cada vez mais frequente em Braga e noutras cidades do país, resulta muitas vezes em intervenções comummente designadas de *fachadistas,* que, por sua vez, desfiguram o património edificado para albergar novos programas, em grande medida, redundantes: como podemos constatar através deste levantamento, já sofremos de um excesso de edifícios comerciais no centro histórico de Braga, todos eles quase completamente vazios e inutilizados.

As galerias e os centros comerciais de pequena escala são, então, mais um problema a ter em conta nas dinâmicas colectivas do centro histórico. Por não conseguirem competir com os equipamentos comerciais de maior dimensão localizados na periferia da cidade, muito devido à falta de estacionamento não pago e à dimensão das lojas (destinadas ao comércio a retalho), são neste momento espaços com pouca procura. As taxas de desocupação destes equipamentos variam, sendo que a tendência augura um futuro pessimista.

Os edifícios comerciais de menor dimensão têm, geralmente, a frente limitada pela métrica dos lotes que constituem o quarteirão, prolongando-se transversalmente à fachada para o seu espaço de logradouro. São exemplo desta tipologia o Alameda Shopping (i5), o Lafayette (i7, i21, i22), Raio-Avenida (i10), Gold Center (i11) e Bingo (i12). O centro comercial Avenida, inicialmente desta tipologia, sofreu uma extensão que ocupa mais de metade do miolo do quarteirão e possibilita mais duas entradas (Rua

4. Existe uma proposta de regeneração da parte mais recente deste equipamento que sugere a transformação do hospital num centro de arte contemporânea. *In https://www.publico.pt/local-porto/jornal/arquitecto-propoe-museu-de-arte-contemporanea-no-edificio-do-antigo-hospital-de-braga-24021476*. No entanto, a parte antiga do Hospital será transformada num hotel de 4 estrelas, a inaugurar no início de 2018. *In http://ominho.pt/hotel-no-antigo-hospital-s-marcos-abre-no-inicio-2018/.*

5. Antiga Escola Comercial de Braga cujo projecto é do arquitecto José Marques da Silva.

6.*https://www.publico.pt/2016/09/15/local/noticia/o-patrimonio-de-braga-tornouse-um-alvo-apetecivel-para-a-hotelaria-1744099*

7. *https://sgeraldocultural.org/*



i23



i24



i25

24 Atravessamento e chegada ao miolo do quarteirão: contágio do domínio colectivo no logradouro devoluto.
Projecto de regeneração no centro histórico de Braga.

de Santo André e Rua dos Chãos), sendo agora conhecido por Braga Shopping (i6). Para além destes, existem edifícios comerciais de maior dimensão, entre eles o centro comercial de Santa Bárbara (i8), o centro comercial do Rechicho (i17), dos Granginhos (i18), de Santa Cruz (i15) e, mais recentemente, o Liberdade Street Fashion (i16).

i23 Praça do Campo da Vinha (vista nascente--poente).

i24 Atalho Rua dos Chãos-Campo da Vinha (vista nascente-poente).

i25 Entrada poente do atalho a partir do Campo da Vinha e túnel que atravessa o quarteirão, originando atravessamento pelo seu interior.

O excesso destas estruturas deve-se, em grande parte, à sociedade de consumo da qual temos vindo a fazer parte nas últimas décadas, e que deu grande relevância ao sector comercial nas dinâmicas colectivas da cidade. Por falta de *planeamento* ou dualidade de interesses dos poderes políticos, os investidores privados tiveram oportunidade de apostar nesta área, sendo que hoje, como podemos constatar, as consequências são nefastas. Assistimos a uma espécie de *urbanismo comercial*, onde "as superfícies especializadas de toda a espécie implantaram-se (...) essencialmente em função das lógicas dos actores comerciais e muito pouco em função de políticas urbanas voluntaristas ansiosas por integrar o comércio na cidade, ou mesmo de se servir dele para orientar e gerir o desenvolvimento urbano."[8] O que aqui nos preocupa não é a privatização de alguns espaços públicos, mas sim o desequilíbrio que hoje vemos na distribuição de programas colectivos e as consequências das pressões dos interesses privados na morfologia urbana: o espaço público confunde-se muitas vezes, nos dias de hoje, com espaço de consumo.

A esta tendencial privatização dos espaços colectivos e consequente degeneração e dissolução do espaço público, acrescenta-se a construção excessiva de túneis e parques de estacionamento que interferem, quase sempre negativamente, com a estabilidade da rede de ruas e praças desta zona da cidade. O motivo principal que provocou o aparecimento deste tipo de infra-estruturas subterrâneas foi a vontade de tornar pedonal grande parte do centro histórico, afectando a fluidez do trânsito automóvel nesta procura de uma cidade museificada ou, usando as palavras do Município, de um "centro comercial ao ar livre"[9].

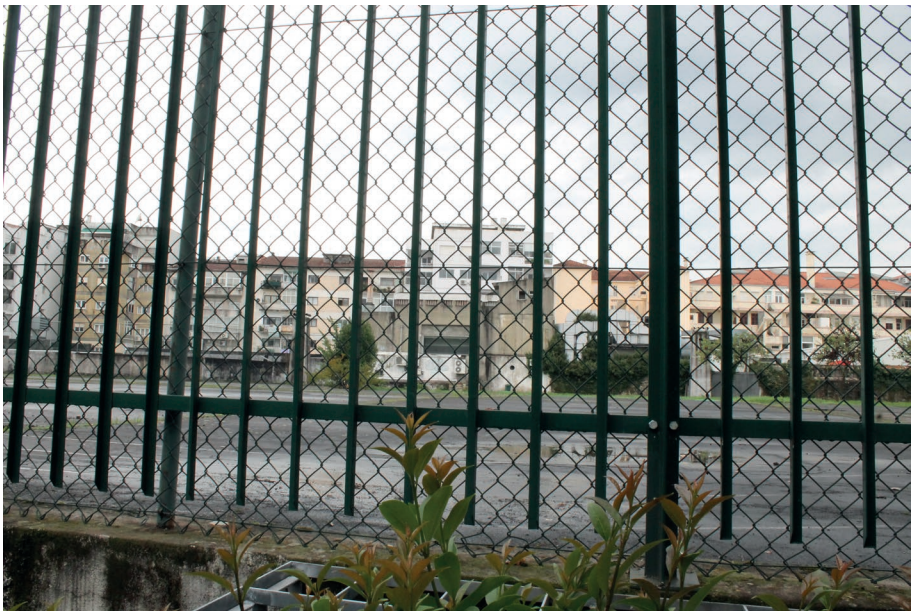
O Campo da Vinha (i3, i23) é um exemplo de espaço público perturbado pela construção de um parque de estacionamento subterrâneo e de uma galeria comercial semi-enterrada (i2). Foi em tempos uma praça com bastante presença na cidade sendo que agora pode ser descrita como uma soma de artifícios (árvores, fontes, escadas, rampas, túneis, bancos, canteiros e volumes soltos) que desvalorizam toda a sua escala e potenciais qualidades enquanto espaço amplo de estar e convívio. Por sua vez, o atalho entre a rua dos Chãos e o Campo da Vinha (i4, i24) resultou da construção do túnel de ligação entre essa praça e a Avenida da Liberdade (i25). A intervenção deixou uma

8. Ascher, François (2010). *Novos princípios do urbanismo seguido de novos compromissos urbanos: um léxico*, p.118.

9. https://www.rtp.pt/noticias/economia/zona-pedonal-de-braga-aumenta-para-130-mil-metros--quadrados-centro-comercial-ao-ar-livre_n94853.

i26





i27



i28

26 Atravessamento e chegada ao miolo do quarteirão: contágio do domínio colectivo no logradouro devoluto.
Projecto de regeneração no centro histórico de Braga.

grande cicatriz nesta parte do centro histórico, para a qual ainda não foram apresentadas soluções que integrem este *esventramento* do quarteirão nas dinâmicas da cidade.

Outro caso problemático relacionado com a construção de parques de estacionamento subterrâneos tem lugar nas traseiras da Escola Superior de Música. A plataforma de cobertura do parque de estacionamento do Rechicho (i13, i26, i27, i28) estende-se por quase toda a área de logradouro desse quarteirão, sendo neste momento um espaço impraticável e sem utilidade para a cidade, indisponível para o usufruto dos moradores deste quarteirão e inacessível aos transeuntes.

i26 Plataforma de cobertura do parque de estacionamento do Rechicho (vista nordeste-sudoeste).

i27 Plataforma de cobertura do parque de estacionamento do Rechicho (vista nascente-poente).

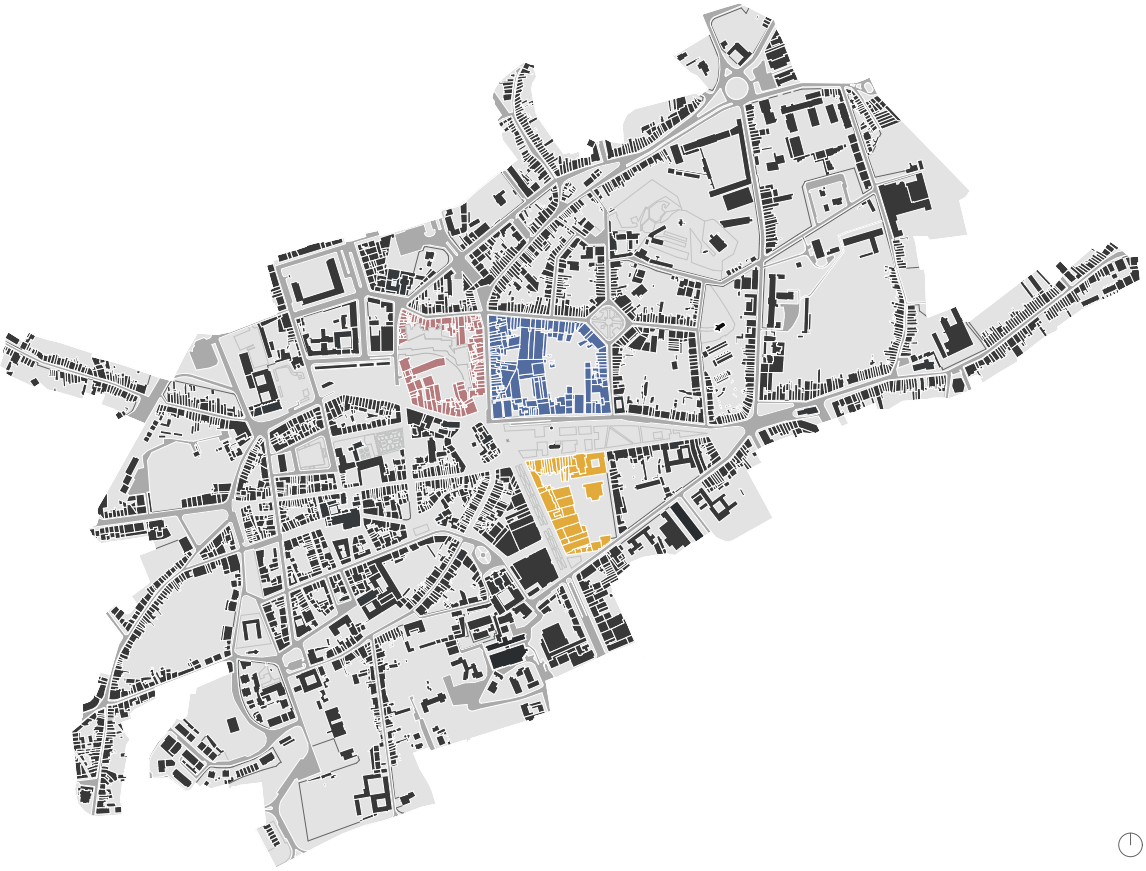
i28 Interior do parque de estacionamento.

Como podemos constatar, a vida colectiva (comércio, tempo livre e actividades culturais) vai, cada vez mais, tomando lugar em espaços de gestão privada, isto é, fora do território público. Por sua vez, as estruturas privadas às quais recorremos para praticar desporto, ir ao cinema, assistir a concertos ou fazer compras acabam por ser bastante instáveis, no sentido em que obedecem a lógicas privadas que variam à mercê dos seus interesses, materializando-se, muitas vezes, em formas descartáveis.

Ao mesmo tempo, o *esvaziamento* de actividade colectiva nos espaços públicos da cidade torna-os cada vez menos participativos e, erradamente, pouco prioritários em linhas de acção das entidades públicas. É alarmante perceber como o desenho de grande parte dos vazios públicos de maior escala no centro histórico foram perturbados ou condicionados pela construção de túneis ou parques de estacionamento (como é o caso da Avenida Central, da Avenida da Liberdade, do Campo da Vinha), sendo que os restantes são praças-*ilha*, envoltas em faixas de trânsito automóvel (entre os quais a Praça Mouzinho de Albuquerque, a Praça do Município, ou o Largo Carlos Amarante). Somos, assim, apologistas de que o espaço público deve ter um papel protagonista na vida colectiva da cidade, não colocando de parte a existência de equipamentos privados que o complementem.

Após esta reflexão crítica sobre o estado actual das formas colectivas da cidade, chegou o momento de expormos os lugares para os quais propomos uma intervenção. Partindo do levantamento, somos inevitavelmente confrontados com um *fenómeno* específico que se repete na malha urbana e que associa a ocupação do miolo do quarteirão por actividades do foro colectivo à presença de galerias comerciais[10] que se estendem para o seu interior. Não queremos com isto dizer que um implique o outro, mas que vemos potencial no modo como se podem relacionar tendo em vista uma possível regeneração simbiótica de ambos. As galerias acabam por ser formas tipológicas que potencialmente possibilitam o acesso directo ao logradouro, permitindo estabelecer pontos de ligação com a rede de espaços públicos; funcionam como *braços* que se estendem para uma parte misteriosa e escondida da cidade que, por sua vez, sofreu alterações

10. Podemos constatar este facto nos quarteirões onde se implantam o Alameda Shopping, as Galerias Comerciais Lafayette e as Galerias Comerciais Bingo e Goldcenter.



i29

28 Atravessamento e chegada ao miolo do quarteirão: contágio do domínio colectivo no logradouro devoluto.
Projecto de regeneração no centro histórico de Braga.

significativas nas últimas décadas. Por serem acontecimentos repetitivos na malha da cidade que, ao mesmo tempo, levantam questões urbanas distintas e específicas a cada um dos casos, escolhemos como casos de estudo os quarteirões A, B e C (i29).

Iremos apropriar-nos destas estruturas e procurar devolvê-las (totalmente ou em parte) à esfera pública, com o objectivo de construir novos equipamentos que contribuam para uma maior integração dos cidadãos na vida colectiva do centro histórico; com isto visamos contrariar o processo de esvaziamento das galerias comerciais ao mesmo tempo que regeneramos o respectivo espaço de logradouro invadido por actividades do foro colectivo, oferecendo-o à cidade enquanto forma participativa no seu quotidiano.

i29 Quarteirões onde propomos intervir.

Os próximos capítulos querem ser uma preparação para a fase projectual, uma contextualização histórica onde procuramos perceber a evolução das formas de espaço público ao longo dos séculos, as mudanças que o miolo do quarteirão foi sofrendo e o surgimento das galerias comerciais na cidade.

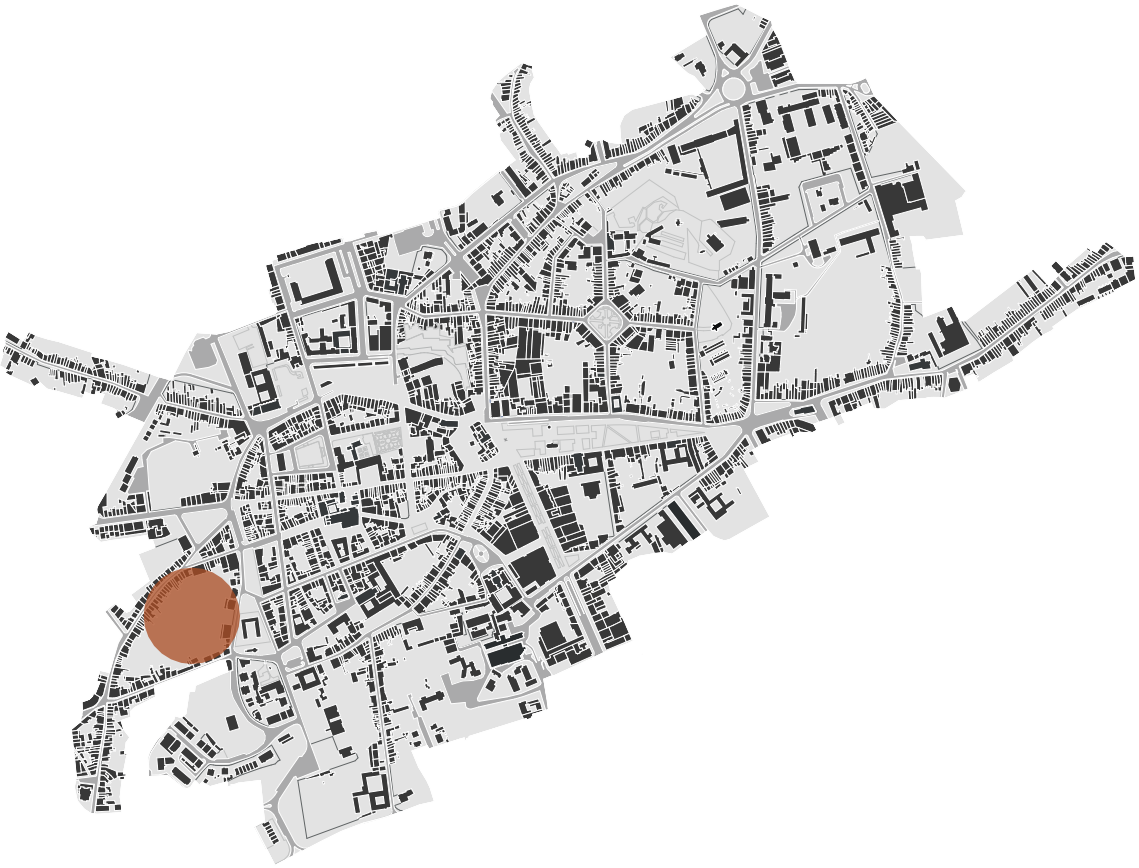


30 Atravessamento e chegada ao miolo do quarteirão: contágio do domínio colectivo no logradouro devoluto.
Projecto de regeneração no centro histórico de Braga.

Pianta di Roma, 1756.
Gravura de Giovanni
Battista Piranesi.

A cidade é feita de partes e *A unidade dessas partes é dada fundamentalmente pela História, pela memória que a cidade tem de si mesma.*

Rossi, Aldo. (2001). *A arquitectura da cidade*, p.86.



i1



0 100

i2

32 Atravessamento e chegada ao miolo do quarteirão: contágio do domínio colectivo no logradouro devoluto.
Projecto de regeneração no centro histórico de Braga.

3. *Reflexão*

3.1. Cidade como palimpsesto[1]

i1 Assentamento castrejo, anterior à ocupação romana.

i2 Assentamento romano, Bracara Augusta.

Os primeiros registos que temos de Braga enquanto cidade ou assentamento minimamente planeado datam das invasões romanas na Península Ibérica. Braga, na altura denominada de *Bracara Augusta*, foi fundada pelo imperador Augusto "provavelmente no ano 16 a.C."[2], sendo um ponto estratégico no projecto do império romano para Península Ibérica[3].

Nota-se desde as primeiras concepções de Cidade, a existência de uma *dualidade* de conceitos: cidade enquanto matéria/construção e cidade enquanto comunidade/pessoas[4]. Consideramos, por isso, relevante estudar a evolução da cidade de Braga tendo em conta este factor, de modo a compreender as implicações que cada domínio tem no outro; como é que a sociedade se revê na forma construída e em que medida é que esta última influencia a sociedade que alberga.

Bracara Augusta, como todas as outras cidades romanas, é um bom exemplo da vontade de desenhar cidades conforme a sociedade que se pretende construir; neste caso o *hardware* serve o *software*. As cidades romanas eram estruturas planeadas, nas quais os espaços comuns - quer edificados, quer vazios – tinham grande relevância na malha urbana. As intenções de desenho partiam da ideia de sociedade que os romanos ambicionavam atingir no que respeita a aspectos políticos, religiosos e sociais. Inseridos na grelha do *cardus* e *decumanus* (i2), os espaços com importância colectiva e política localizavam-se em sítios estratégicos e privilegiados da mesma, constituindo formas de excepção; o destaque oferecido aos espaços colectivos reflecte o valor que os romanos davam ao *cidadão* em detrimento do indivíduo[5], tendo como grande prioridade o domínio público da cidade ao projectar espaços comuns de lazer, ócio, partilha e cultura. À semelhança de grande parte das cidades fundadas pelos romanos, *Bracara Augusta*

---

1. "Papiro ou pergaminho que contém vestígios de um texto manuscrito anterior, que foi raspado ou apagado para permitir a reutilização do material e a posterior sobreposição de um novo escrito." *In www.infopedia.pt*.

2. Martins, Manuela. (2000). *Bracara Augusta. Cidade Romana,* p.4.

3. De *Bracara Augusta* partiam seis grandes vias, em direcção a Lisboa, Ponte de Lima, Barcelos, *Austurica Augusta*, Chaves e Mérida.

4. "El origen de la ciudad griega es físico y material, es anterior a la configuración del grupo, de sus costumbres y tradiciones. Por el contrario, en Roma el término *civitas* no es original o seminal, sino que deriva de *civis* y de su plural *cives*, es decir un conjunto de personas que concurren públicamente y que acuerdan someterse a las mismas leyes, principios y costumbres, y solo posteriormente originó el de *urbs*, que designa la ciudad como conjunto construido. De manera que si en Grecia el término ciudadano (*polites*) es derivado del origen físico *polis*, en Roma el ciudadano antecede de la ciudad como forma física (...)." *In* Quesada, Fernando. (2015) *Comunidad, común, comuna,* p12.

5. Grimal, Pierre; Oliveira, Rui. (2003). *As cidades romanas*, p.19.



i3



i4

34 Atravessamento e chegada ao miolo do quarteirão: contágio do domínio colectivo no logradouro devoluto.
Projecto de regeneração no centro histórico de Braga.

tinha um fórum, umas termas, um teatro, um anfiteatro[6] e, possivelmente, um templo e mercado[7], para além dos bairros residenciais[8] que constituíam a restante malha.

Tendo em conta que as cidades romanas eram feitas à imagem de Roma e que "Roma nascera em torno do seu *fórum*"[9], o núcleo forte que organizava o resto da malha era uma praça, uma estrutura de representatividade política e centro da vida pública da cidade que albergava funções administrativas e comerciais, para além de ser um lugar de encontro e convívio entre cidadãos.

Como foi anteriormente referido, as *termas* eram outro espaço característico da cidade romana, implicando uma complexa rede de aquedutos e chafarizes de forma a garantir o fornecimento de água a toda a comunidade. As termas, assim como o fórum, tinham também um forte papel na vida em sociedade, funcionando como ponto de encontro entre os cidadãos, propício à prática de exercício físico, ao passeio e troca de ideias (as de *Bracara Augusta* localizavam-se, assumidamente, no ponto mais alto da Cividade). O curioso é que estes espaços termais não cumpriam apenas propósitos de higiene e convívio; eram também espaços de cultura. Existem registos que comprovam que em certas cidades romanas estes espaços tinham anexada uma biblioteca, que permitia e incentivava uma espécie de *democratização* da cultura[10]. O cultivo do corpo era, desta forma, associado ao cultivo da mente. Apesar de não haver indícios de um espaço de biblioteca anexado às termas de *Bracara Augusta*, sabemos que, neste caso em específico, o teatro romano situava-se estrategicamente próximo delas[11], tirando proveito do declive do terreno para o desenho do auditório. Estas duas estruturas estavam propositadamente bem posicionadas, permitindo que se associasse o lazer à cultura e que se tirasse partido do *lugar*, de forma a ter uma vista privilegiada sobre a cidade.

i3 Vestígios do teatro romano de *Bracara Augusta*.

i4 Vestígios das termas romanas de Bracara Augusta.

A restante porção da malha urbana – área residencial - era maioritariamente regular, o que, para além de ter vantagens defensivas e económicas, contribuía para a sensação de igualdade entre cidadãos no que dizia respeito à distribuição dos lotes para

6."Os teatros e os anfiteatros não eram destinados aos mesmos espectáculos: os primeiros estavam reservados às comédias, às tragédias, e à mímica. Os segundos destinavam-se às exibições de carácter violento: combates de gladiadores, caçadas na arena (*venationis*) e todas as variedades mais ou menos disfarçadas de sacrifícios sangrentos." *In* Grimal, Pierre; Oliveira, Rui. (2003). *Op. cit*, p.69.

7 Alarcão, Pedro. (2014). *Intervenção arquitectónica em contexto arqueológico: propostas e desafios para a cidade de Braga*, p.16.

8. Martins, Manuela. (2000). *Op. cit*, p.13.

9. Grimal, Pierre; Oliveira, Rui. (2003). *Op. cit*, p.51.

10. "As bibliotecas que fazem parte das termas, como as de Caracala, mostram que a leitura é um dos hábitos que os romanos não dispensam para o seu bem-estar. Todas as termas imperiais continham bibliotecas, o que demonstra a preocupação dos imperadores pela difusão e pela acessibilidade à cultura". *In* Silva, Paula. (2002). *As termas romanas de Bracara Augusta*, p12.

11. Alarcão, Pedro. (2014). *Op. cit*, p.16.



i5

36 Atravessamento e chegada ao miolo do quarteirão: contágio do domínio colectivo no logradouro devoluto.
Projecto de regeneração no centro histórico de Braga.

as suas habitações[12], oferecendo o protagonismo da excepção aos espaços de carácter colectivo.

Este traçado ortogonal lançado pelos romanos manteve-se até à Idade Média, apesar do claro processo de descentralização que a cidade foi sofrendo ao longo dos séculos. O centro da cidade, antes no Alto da Cividade, passa a ser a zona da Sé catedral, o que teve como consequência a transformação da área respectiva ao assentamento romano em zona agrícola da cidade medieval[13] (i5).

Nesta fase, o processo de construção da cidade torna-se em grande parte responsabilidade da estrutura clerical, o que, por sua vez, transparece na formalização dos espaços públicos. É com a nomeação do Bispo D. Pedro[14] em 1070, pouco antes do nascimento do país, que se inicia o processo de edificação da Sé de Braga (1089) e consequente "dignificação e enriquecimento da diocese"[15]. A construção da Sé catedral permitiu que a cidade aumentasse em população e riqueza, ganhando, assim, importância no panorama da Península Ibérica[16]. Apesar disso, "A mancha urbana da cidade era, em meados do séc. XII, bastante reduzida"[17] (i6).

i5 Sobreposição das muralhas romana (mais a sul) e medieval.

A cidade tradicional medieval tem alguns pontos em comum, ainda que poucos, com a forma de desenhar a cidade dos romanos. É, da mesma forma, a rua que ordena o traçado urbano, mas neste caso a malha é mais orgânica e não segue a regra ortogonal que ainda subsistia no Alto da Cividade. Explicada por Nuno Portas, a cidade tradicional como hoje a conhecemos é construída tendo em conta três elementos - o espaço público (de acesso, circulação e de estar), o edificado (enquanto limite do espaço público) e o logradouro[18]. Tendo em conta que as ruas não seguiam um traçado

12. Grimal, Pierre; Oliveira, Rui. (2003). *Op. cit*, p.19.

13. A descoberta das marcas de *Bracara Augusta* foi relativamente recente, nos anos 50, época de grande desenvolvimento imobiliário e de expansão da cidade. Silva, Paula. (2002). *Op. cit* p.42.

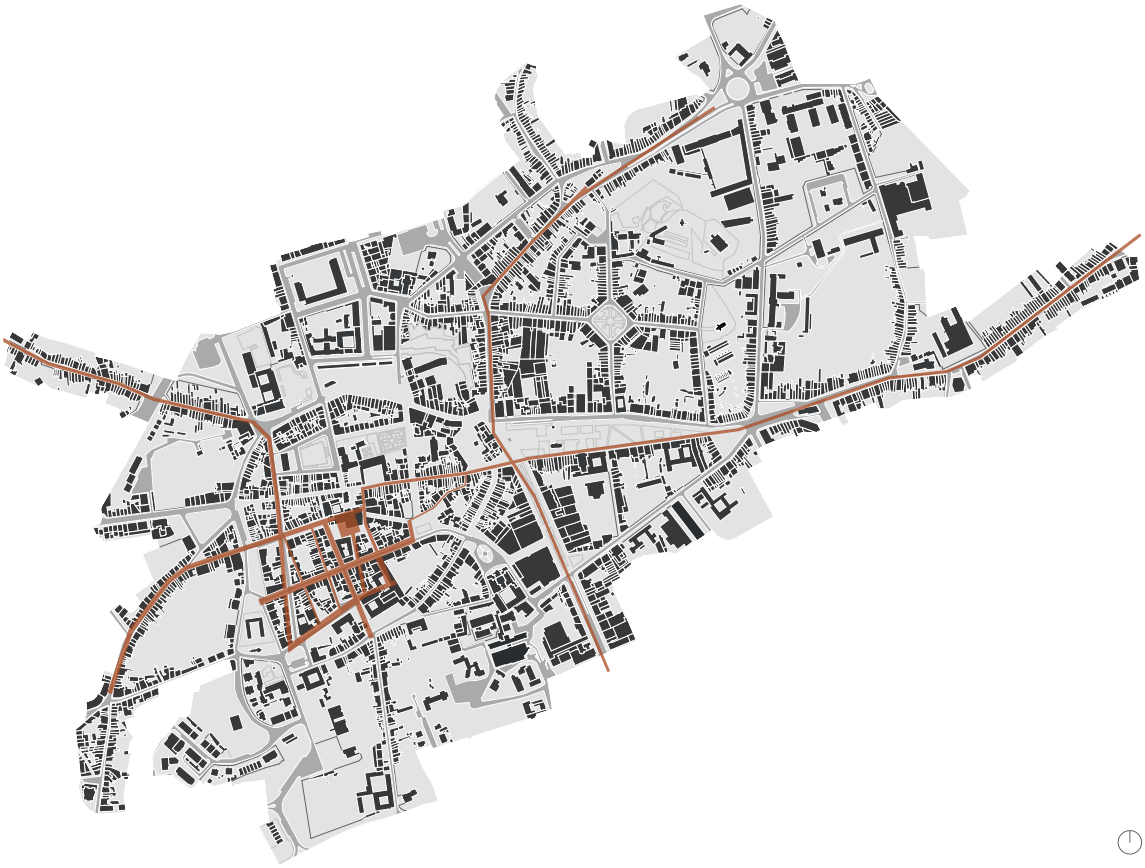
14. Este bispo foi fundamental para o processo de independência do reino de Portugal visto ter contribuído para a importância do papel da cidade de Braga nesse mesmo reino. O testemunho da obra do bispo D. Pedro perdurou até ao início do séc. XVI altura em que D. Diogo de Sousa, outra figura fundamental da história da cidade de Braga, foi nomeado arcebispo.

15. *Braga e a sua catedral: caderno informativo*. (1990), p.70.

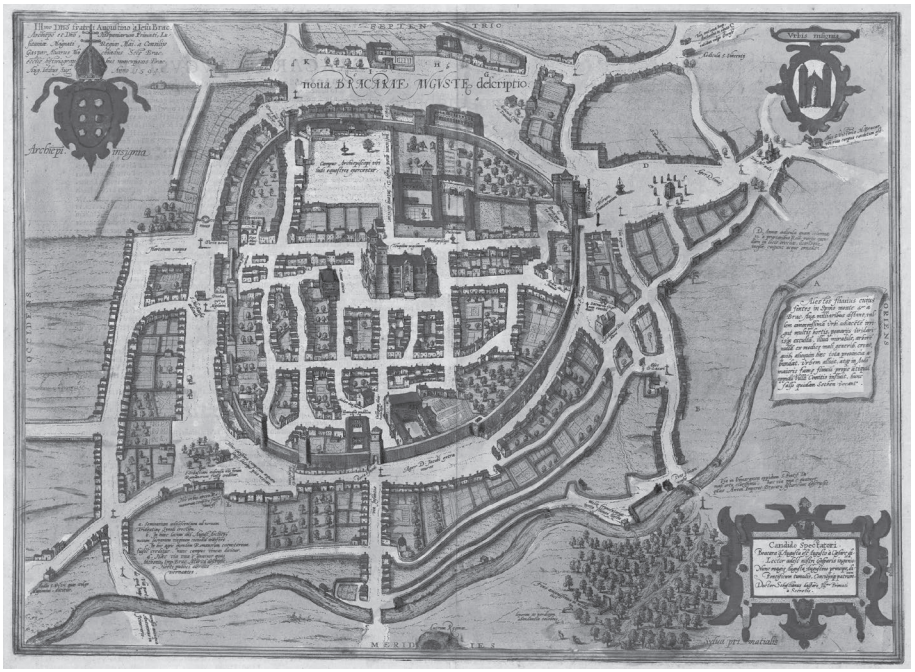
16. Não há certezas acerca das razões que levaram a Sé a ser erguida neste sítio específico, "embora a tradição diga que aí se teria localizado um templo romano e depois um outro páleo-cristão." Importante será notar que esta implantação coincide não só, com o centro da área cercada pela muralha medieval, mas também com a rede de ruas que se crê ser de herança romana; a Sé foi construída num "espaço comum às cercas romanas e medieval". *In* Oliveira, Eduardo Pires de; Moura Eduardo Souto; Mesquita, João (1982). *Braga: evolução da estrutura urbana,* p.22.

17. O limite norte da muralha medieval seria a actual Rua dos Capelistas, a sul seria a actual rua do Alcaide, a nascente o castelo (Torre de Menagem, construída em 1378 por ordem de D. Fernando com intenções defensivas) e a poente o arco da Porta Nova. *Braga e a sua catedral: caderno informativo*. (2000), p.70.

18. Portas, Nuno. (2005). *Os tempos das formas*, p.105.



i6



i7

38 Atravessamento e chegada ao miolo do quarteirão: contágio do domínio colectivo no logradouro devoluto.
Projecto de regeneração no centro histórico de Braga.

i6 Braga na Idade Média. Podemos ver que parte do traçado da cidade romana ainda persiste e foi aproveitado para o desenho da cidade medieval intra-muralhas (1070-1505).

i7 Mapa da cidade de Braga de 1594, da autoria de Georg Braun e publicado na sua obra *Civitates Orbis Terrarum*.

ortogonal, devido a questões de topografia, o espaço de logradouro resultava muitas vezes em formas estranhas, visto ser o espaço sobrante desses quarteirões com formas irregulares; a cidade intra-muralhas era, então, bastante densa, com ruas estreitas e poucos espaços vazios.

Enquanto que na cidade romana, os espaços públicos de encontro eram uma das prioridades no desenho urbano, na cidade medieval sente-se um certo desprezo pelos espaços de carácter colectivo, sendo que os que existem são por norma interiorizados e implicam algum controlo, isto é, a presença de um orador (rei, padre, professor…) face a uma audiência. Eram, por assim dizer, *pouco democráticos*. Os espaços exteriores comuns resumiam-se aos adros das igrejas e às ruas e largos tortuosos que se abriam na malha urbana, geometricamente irregulares e claramente desenhados sem um propósito colectivo; serviam para ocasiões informais de comércio, encontro e convívio ocasional.

Após uma fase menos boa de viragem do século XIV para o século XV durante a qual o país sofreu uma forte crise populacional devido à guerra, à Peste Negra e à fome e em que a cidade de Braga se resumia a "um pequeno aglomerado de casas e ruas à volta da Sé"[19], seguiu-se o período dos Descobrimentos, fase de maior riqueza para o país. D. Diogo de Sousa[20] foi nomeado arcebispo de Braga em 1505, pouco depois da descoberta do caminho marítimo para a Índia e com ele dá-se início à construção de uma cidade iluminista. Foi durante o seu mandato que Braga sofreu consideráveis alterações desde a Idade Média, alterações essas que têm ainda grande impacto nos dias de hoje.

O arcebispo transformou, significativamente, este pequeno aglomerado, dizendo que procurava "fazer de uma aldeia cidade à custa do [seu] trabalho e fazenda"[21]. Como resultado da sua estadia em Florença e Roma e consequente familiarização com as novas ideias do Renascimento, o arcebispo trouxe para Portugal referências modernas de planeamento urbano: "comprou casas, quintais e vinhas para poder abrir e alargar praças e ruas"[22]. Com estes novos vazios que se estendiam para além da muralha (i6), a cidade modernizou-se, tornando-se mais salubre e iluminada e permitindo que os cidadãos tirassem partido destes amplos espaços de estar, bastante distintos das ruas estreitas, tortuosas e escuras, típicas da Braga medieval. O espaço público volta a ganhar protagonismo no planeamento da cidade, isto é, passa a ser desenhado e intencional, à semelhança das cidades romanas.

19. *Braga e a sua catedral: caderno informativo*. (1990), p.76.
20. "D. Diogo de Sousa é a personalidade mais marcante de todo o urbanismo bracarense". *In* Oliveira, Eduardo Pires de; Moura Eduardo Souto; Mesquita, João (1982). *Op. cit*, p.25.
21. *Braga e a sua catedral: caderno informativo*. (1990), p.84.
22. *Ibid*.



i8



i9

40 Atravessamento e chegada ao miolo do quarteirão: contágio do domínio colectivo no logradouro devoluto.
Projecto de regeneração no centro histórico de Braga.

i8 Intervenções no espaço público da cidade durante o mecenato de D. Diogo de Sousa (1505-1532).

i9 Praça Conde de Agrolongo (Campo da Vinha).

Do projecto de cidade de D. Diogo de Sousa resultaram a praça Conde de Agrolongo[23] e a Avenida Central[24], de grande importância não só na nossa área de intervenção como na cidade, de um ponto de vista mais abrangente.

Relativamente à praça Conde de Agrolongo, sabemos que, por sua iniciativa, o arcebispo comprou o terreno de forma a oferecê-lo à cidade e aos seus cidadãos enquanto novo espaço de estar. Era uma verdadeira praça renascentista e foi por muitos anos o espaço mais amplo da cidade, com um papel vincado nas suas dinâmicas. Este espaço público foi servindo a sociedade ao longo dos séculos, adaptando-se às práticas religiosas, militares, partidárias e estatais, representativas da mesma[25]. Apenas no início do século XX a praça permitiu um novo tipo de apropriação, mais informal: servia de palco para uma feira semanal que atraía grande quantidade de pessoas residentes em cidades ou vilas mais próximas (i9).

Um outro espaço público inaugurado nos anos de governo de D. Diogo de Sousa é a Avenida Central, uma reminiscência da via romana que ligava *Bracara Augusta* a Astorga. Aberta no século XVI, foi ganhando importância na cidade uns séculos mais tarde, com a construção de edifícios de relevância[26]. Este período de transição entre os séculos XIX e XX irá provocar um novo processo de descentralização da cidade; a Avenida Central transforma-se num importante espaço de consumo, típico de um contexto pós-revolução industrial. Depois do alto da Cividade e da Sé Catedral, a Avenida Central, na altura designada de Passeio Público (i16), passa a ser o novo centro de Braga, mantendo forte a relação que já tinha com a zona da Sé através da Rua do Souto, muito procurada devido ao seu forte carácter comercial. Este novo centro provou ser um espaço público bastante flexível ao longo dos séculos, adaptando-se aos gostos e tendências da sociedade; o que era na altura o Jardim Público (meados do século XIX) passa, no século XX, a ser uma avenida de faixas pedonais e de trânsito automóvel (i17), sendo nos dias de hoje uma praça maioritariamente pedonal pontuada por espaços verdes.

Voltando à Braga quinhentista, resta dizer que não foram apenas os espaços de estar que foram objecto de trabalho urbanístico de D. Diogo de Sousa. O arcebispo repensou, também, as aberturas da muralha, não mais encaradas como simples portas

23. Por norma chamado de Campo da Vinha devido ao vinhedo de Santa Eufémia que lá existia.
24. Ou campo de Sant'Ana, nome da ermida que em tempos existiu no meio desta praça.
25. Foi em tempos conformada pelo Convento do Pópulo, Convento de São Salvador e Seminário de S. Pedro (importantes símbolos da contra-reforma no século XVI), pelo quartel militar, e foi, também, mais tarde, a praça de onde o General Gomes da Costa iniciou a parada militar da Revolução Nacional, através da qual se deu o fim da Primeira República e se instaurou a Ditadura Militar.
26. Edifícios públicos (a biblioteca, liceu e o Banco do Minho), de cultura (Cinema de S. Geraldo - demolido em 1915 e reconstruído no Largo Carlos Amarante, actual localização do Banco de Portugal), de lazer (café Viana) e residenciais (Casa Rolão, desenhada por André Soares).



i10



i11

42 Atravessamento e chegada ao miolo do quarteirão: contágio do domínio colectivo no logradouro devoluto.
Projecto de regeneração no centro histórico de Braga.

i10 Intervenções urbanísticas na fase do Barroco tardio (1725-1850).

i11 Praça Mouzinho de Albuquerque.

e postigos, mas transformadas em importantes eixos de contacto com o exterior[27]. Por tudo isto, D. Diogo de Sousa é apelidado de "novo fundador da cidade de Braga"[28].

A actividade urbana dos séculos seguintes - desde a segunda metade do século XVI até ao início do século XVIII - consistiu apenas em materializar o projecto herdado de D. Diogo de Sousa. No entanto, a cidade foi também marcada pela obra importantíssima de André Soares[29], dando-se início a uma fase de Barroco tardio. Um dos melhores exemplos do crescimento da cidade para além da muralha e de desenho de espaço público no centro histórico é a Praça Mouzinho de Albuquerque, construída na primeira metade do séc. XVIII e exemplo de harmonia e equilíbrio, através da sua composição simétrica.

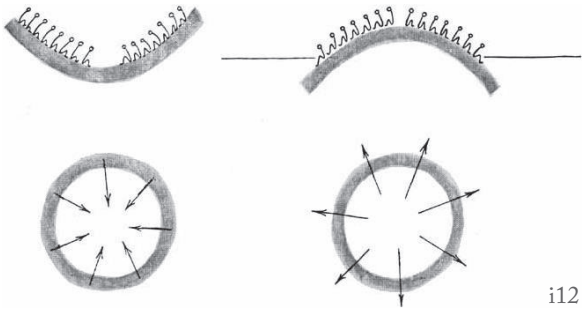
Durante o clima de pós-Revolução Industrial e com a implantação da República em 1910, a cidade de Braga vai acompanhando o clima de progresso que inclui o abastecimento de água ao domicílio, o acesso a energia termo-elétrica e a transportes urbanos. Todos estes avanços tecnológicos têm grande influência na nova forma de pensar a cidade, que ganha um mercado coberto em estrutura metálica[30] (i13), novos jardins, um novo hospital, o Theatro Circo e um bairro operário. O novo cemitério (1872) e a estação de caminho-de-ferros (1875) aumentam ainda mais o perímetro da cidade a nordeste e a sudoeste, respectivamente, e obrigam à abertura de novas ruas, sendo que, poucas décadas mais tarde, a cidade passa a ser pensada tendo em conta o automóvel.

27. "Serviam, essencialmente, de suporte ao maior fluxo da cidade, devido às actividades mesteirais e comerciais, entre outros, que aí tinham lugar." *In Braga e a sua catedral: caderno informativo*. (1990), p.141.

28. *Braga e a sua catedral: caderno informativo.* (1990), p.83.

29. Apesar de ser arquitecto, as suas intervenções tinham um propósito urbano muito forte, que passava muitas vezes pela marcação de uma praça (Edifício da Câmara Municipal de Braga), remate de uma rua (Palácio do Raio) ou pelo desenho de espaço público (capela de Nossa Senhora da Torre).

30. Demolido, actual praça do Município.



i12



i13

44 Atravessamento e chegada ao miolo do quarteirão: contágio do domínio colectivo no logradouro devoluto.
Projecto de regeneração no centro histórico de Braga.

Podemos concluir, a partir dos conteúdos expostos, que as prioridades inerentes à produção de espaço público foram evoluindo, trazendo com elas novas formas de desenho e materialização do mesmo. Percebe-se, claramente, que a cidade funciona da mesma forma que um palimpsesto e que os espaços públicos gerados no passado podem tanto desaparecer ou, como em grande parte dos exemplos que demos, ser *reinterpretados*.

Durante os séculos de ocupação romana, é de notar uma preocupação com o bem-estar quer físico quer intelectual dos habitantes, havendo espaços tanto destinados ao lazer e convívio como à discussão política e de problemas que dizem respeito ao cidadão e, consequentemente, ao indivíduo[31]. O objectivo dos romanos era, assim, materializar uma ideia de *comunidade*.

i12 *Two kinds of Centrality.* Desenho explicativo de um projecto para uma igreja da autoria de Aldo van Eyck, publicado em 1965. As igrejas, um modelo de espaço público bastante comum na época medieval, tinha como princípio a existência de um ponto central, de onde era proclamada a mensagem e em direcção ao qual todas as pessoas se viravam. O sentido de comunidade era, de certa forma posto em causa, visto que os membros da audiência dispunham-se de costas voltadas entre si, atentando apenas à figura central.

Por outro lado, durante a Idade Média, vemos uma certa despreocupação no que respeita ao planeamento de espaços colectivos, sendo que os únicos espaços desenhados para esse propósito são, por norma, *mono-orientados*[32]. Este facto deve-se em grande medida ao regime monárquico e à força que a religião tinha na sociedade; eram entidades autoritárias que, por sua vez, recusavam comportamentos ou ideias desviantes.

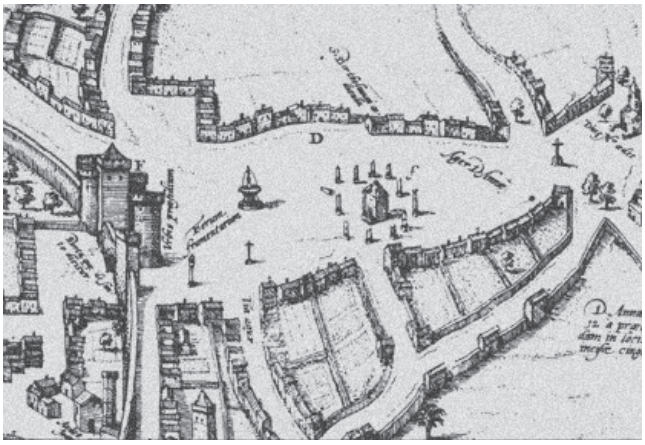
D. Diogo de Sousa foi o primeiro, a seguir à colonização romana, a pensar no projecto de cidade tendo em conta a organização e planeamento dos espaços públicos exteriores, oferecendo-lhes particular relevância no seu projecto de cidade *iluminista* cujo ponto central passa a ser o Homem e não Deus. Na idade moderna, os espaços colectivos voltam a ter um propósito político, na medida em que procuram qualificar as condições de salubridade e qualidade de vida do cidadão.

Numa fase de pós-revolução industrial, o propósito maior dos espaços públicos passam a ser as infra-estruturas de *transporte* e os espaços de *consumo*. Hertzberger defende, curiosamente, que só a partir do século XIX é que começaram realmente a existir edifícios públicos, sendo que as igrejas, templos, teatros, anfiteatros, universidades, entre outros edifícios dos séculos anteriores permitiam apenas a entrada a certas e determinadas pessoas que cumpriam as várias restrições requeridas para o usufruto desses mesmos espaços, restrições essas impostas pelos responsáveis ou donos dos mesmos. A revolução industrial permitiu que fossem surgindo edifícios de carácter puramente público, de que são exemplo em Braga o mercado coberto em estrutura de ferro (i13) e a estação de comboios.

i13 Mercado Municipal de Braga (construção em ferro) da autoria de João Moura Coutinho. Construído em 1915 e demolido em 1955.

Partindo desta análise, e estabelecendo uma ligação com a cidade que reconhecemos nos dias de hoje, podemos constatar que o desenho de muitos dos espaços públicos

31. É também importante ter em conta que o povo romano era consideravelmente tolerante no que respeita às práticas religiosas, o que se reflecte no facto de os povos e cultos indígenas terem persistido ao longo dos séculos de ocupação romana. *In* Martins, Manuela. (2000). *Op. cit*, p.37 e 41.
32. Hertzberger, Herman. (2002). *Articulations*, p.39.



i14



i15



i16



i17

46 Atravessamento e chegada ao miolo do quarteirão: contágio do domínio colectivo no logradouro devoluto.
Projecto de regeneração no centro histórico de Braga.

i14 Campo de Santa Ana (actual Avenida Central). Pormenor do desenho de Georg Braun onde se vê a Capela de Santa Ana e marcos miliários.

i15 Praça da República. Fotografia onde se vê o Passeio Público do lado direito (actual Avenida Central).

i16 Passeio Público (actual Avenida Central).

i17 Avenida Central.

referidos anteriormente, entre os quais se incluem o Campo da Vinha[33], a Avenida Central[34] e a Avenida da Liberdade[35], espaços com peso histórico, simbólico e identitário na cidade, foi em grande medida condicionado e alterado devido a iniciativas de fim colectivo associadas a interesses de carácter privado (como a construção de túneis ou parques de estacionamento). Este tipo de intervenções acaba por sobrepor o interesse individual ao do cidadão[36] e, devido a essa discrepância e promiscuidade de interesses, o carácter integrador e abrangente inerente à ideia de espaço público[37] é posto em causa. A arquitectura destes espaços acaba por se desadequar às necessidades actuais da sociedade, originando, por sua vez, um perigoso processo de esvaziamento dos mesmos.

Fazendo uso de uma citação de Nuno Portas, a questão que agora se coloca é: "Como é que se pode realizar em termos de espaço o princípio de um "tecido colectivo" com "bordados individuais", para usar a frase de Levi-Strauss?"[38] Como hipótese de resposta, recorremos a uma outra citação, desta vez de Aldo van Eyck: "Uma cidade deve ser um conjunto maravilhoso de lugares, maravilhosamente configurado, onde todas as portas, janelas, divisões, casas, jardins, edifícios, ruas, praças, parques, estradas são lugares reais - em que todos os espaços interiores e exteriores são lugares maravilhosos. A configuração total da cidade deve formalizar um composto compreensível de imagens, um conjunto de lugares que o habitante possa compreender enquanto entidade. A

33. É, nos dias de hoje, uma praça sem grande utilização prática, servindo quase unicamente para passagem. A arquitectura desde espaço (projecto de 1995) não incentiva o estar, tampouco outro tipo de apropriação que não seja o consumo. A praça, com um parque de estacionamento subterrâneo, sofre de um sobre-desenho de espaço público, resultando numa amálgama de escadas, rampas, diferenças de pavimento, plataformas, fontes, edifícios enterrados, edifícios elevados, árvores e postes de iluminação. É uma praça importante pela sua história e não tanto pelo seu uso quotidiano.

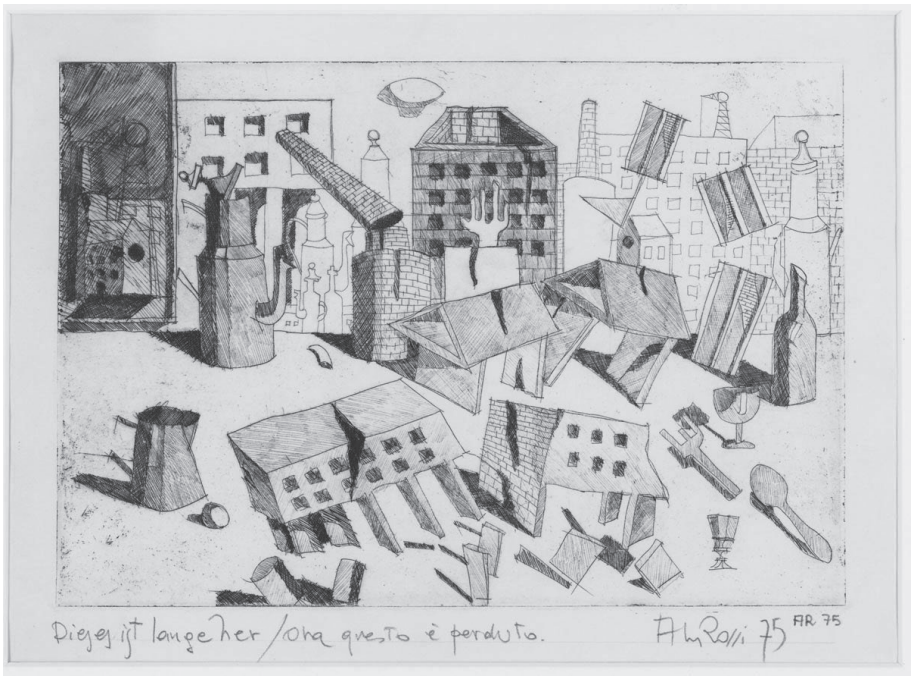
34. Após todas as formas que tomou, é actualmente um espaço maioritariamente pedonal, com um parque de estacionamento subterrâneo e pontuado de espaços verdes sem grande utilidade, que funcionam em grande medida como canteiros.

35. Esta avenida, orientada na direcção norte-sul, transformou-se, em recentes intervenções, num percurso desenhado por canteiros de flores, desprotegido da chuva no Inverno, e extremamente exposto ao sol no Verão. Este projecto incita apenas ao percurso e ao movimento, não propondo espaços de estar prolongado numa rua que é essencialmente comercial. Abaixo do primeiro trecho da avenida passa um túnel, que por sua vez estabelece ligação com o Campo da Vinha e Avenida Central, anteriormente referidos.

36. Zygmunt Bauman explica esta tendência no seu livro *Modernidade Líquida* (2001); o cidadão, segundo ele, é aquele que procura o seu bem-estar a partir do bem-estar da cidade, enquanto que o indivíduo, por outro lado, se apresenta reticente a questões como o "bem comum" ou "causa comum".

37. Recorremos às definições de "público" e "privado" explicadas por Herman Hertzberger: "In a more absolute sense you could say: public: an area that is accessible to everyone at all times; responsibility for upkeep is held collectively. Private: an area whose accessibility is determined by a small group or one person, with responsibility for upkeep". *In* Hertzberger, Herman. (1991). *Lessons for students in architecture*, p.12. Importante clarificar que o espaço privado pode, por opção do dono ou grupo que o gere, ser de uso colectivo, não tem necessariamente de ser individual.

38. Portas, Nuno. (2005). *Op. cit*, p.168.



i18



i19

48 Atravessamento e chegada ao miolo do quarteirão: contágio do domínio colectivo no logradouro devoluto.
Projecto de regeneração no centro histórico de Braga.

estrutura urbana deve ser ao mesmo tempo caleidoscópica e claramente articulada, de forma a que o habitante possa formar, espontaneamente, uma imagem da mesma. Esta imagem, esta cidade interiorizada, difere de pessoa para pessoa. Existem tantas cidades interiorizadas como habitantes."[39]

i18 *Ora questo è perduto*, 1975. Gravura da autoria de Aldo Rossi que procura representar a nostalgia que advém do processo de renovação e reconstrução da cidade, que por vezes é necessário, mas não deixa de ser doloroso devido a questões de representatividade, memória e simbolismo.

i19 *Metropolis* 1923. Esta colagem de Paul Citroen.

Sendo a cidade o substrato material da sociedade (aglomerado de identidades), deve procurar actualizar-se de forma a servir esse organismo em constante mutação e evitar transformar-se num "museu morto"[40]. Torna-se, por isso, urgente uma rede de espaços públicos competente nesta tarefa, enquanto elemento que, por um lado, contribui para a auto-estima, participação e atracção dos habitantes e, por outro, permite a transmissão dessa identidade a gerações futuras, enquanto materialização de uma memória colectiva.

No entanto, o peso que a cidade consolidada tem no que respeita à transmissão e ao carácter de uma sociedade não pode ser um factor bloqueador, isto é, não deve impedir que intervenhamos na cidade análoga sem medo de o fazer. Acreditamos no conceito de cidade como palimpsesto, enquanto um processo continuado no tempo e, por isso, a nosso ver, a sua herança histórica não tem que ser intocável. Não queremos cair no erro de Zora, uma das cidades imaginadas por Italo Calvino, que "obrigada a permanecer imóvel e igual a si própria para melhor ser recordada, (...) estagnou, desfez-se e desapareceu. A Terra esqueceu-a."[41]

Sabemos, como diz Rem Koolhaas no texto *Cidade Genérica*, que o centro histórico, cumprindo o seu papel de "lugar mais importante", está sobre grande pressão: "deve ser o mais velho e o mais novo, o mais constante e o mais dinâmico"[42]. Torna-se, então, fundamental ter em atenção o que foi feito no passado para sabermos como agir hoje[43], informada e conscientemente.

Foi, também, por isso, que decidimos intervir nesta parte da cidade, por sentirmos essa necessidade de fazer equivaler a oferta da vida colectiva às necessidades dos habitantes. Apesar de não propormos uma intervenção para as praças e ruas sobre as quais nos debruçámos nesta contextualização histórica, achamos fundamental conhecer a sua história na medida em que queremos intervir em harmonia e consonância com o que representam, enquanto factos urbanos fundamentais

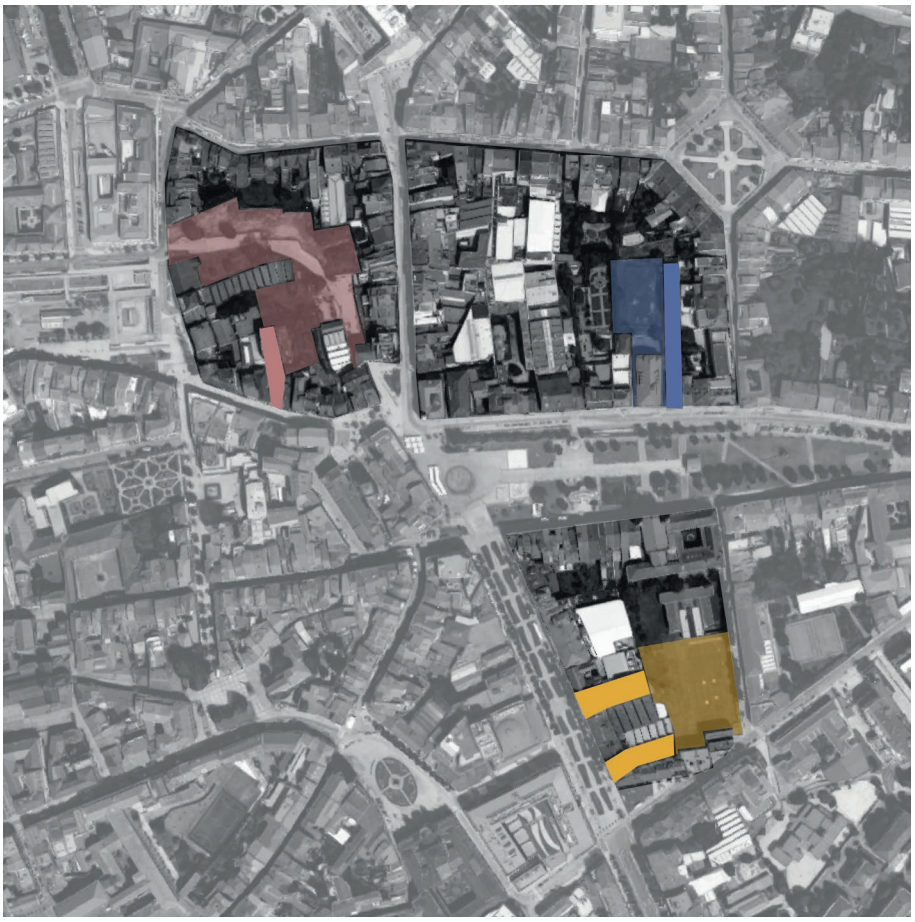
39. Strauven, Francis. (1998). *Aldo van Eyck: the shape of relativity*, p.421.

40. Portas, Nuno. (2005). *Op. cit*, p.156.

41. Calvino, Italo. (2011). *As Cidades Invisíveis*, p.25.

42. Koolhaas, Rem; Mau, Bruce. (1998). *Small, medium, large, extra-large: Office for Metropolitan Architecture*, p.1248.

43. "(…) a história da arquitectura constitui o material da arquitectura. Operamos na construção de um grande projecto unitário no tempo; trabalhando sobre determinados elementos que lentamente modificamos; e através disto chegamos seguramente à invenção. Entre estes elementos têm um relevo particular as formas tipológicas." *in* Rossi, Aldo. (2001). *A arquitectura da cidade*, p.15.



i20

50 Atravessamento e chegada ao miolo do quarteirão: contágio do domínio colectivo no logradouro devoluto.
Projecto de regeneração no centro histórico de Braga.

à memória colectiva de Braga e à sua identidade. Escolhemos, por outro lado, complementar e equilibrar a formalidade e representatividade dos espaços públicos existentes com a proposta de uma nova rede de espaços informais a partir da regeneração de espaços colectivos devolutos que, por sua vez, se foram degradando colateralmente à evolução da cidade - galerias comerciais e espaços de logradouro (des)ocupados. Estas estruturas foram surgindo à margem do (pouco) planeamento urbano e resultaram de soluções puramente funcionais e estratégias economicistas de cidade que menosprezaram a qualificação de dinâmicas do foro colectivo e político.

Os três casos problemáticos que decidimos explorar (i20) resultaram de iniciativas desenvolvidas tanto por entidades públicas como por entidades privadas, mas sempre com o objectivo de serem de uso colectivo. Temos como exemplo um logradouro esventrado pela construção de um túnel (Quarteirão A - rosa), outro que foi completamente descaracterizado pela construção de um centro comercial que o atravessa em três frentes e de um parque de estacionamento subterrâneo (Quarteirão B - azul) e um terceiro caso de miolo do quarteirão preenchido quase na totalidade por uma plataforma de cobertura de um outro parque de estacionamento (Quarteirão C - amarelo). Para além disso, os três quarteirões têm um outro factor em comum: a existência de uma ou mais galerias comerciais vazias ou em processo de desertificação. Os próximos dois capítulos debruçam-se sobre o processo evolutivo de desenvolvimento do miolo do quarteirão ao longo dos séculos (desde a sua forma até ao papel que foi desenrolando na cidade no que respeita aos vários modos de uso e apropriação) e sobre as galerias comerciais, explicando o seu aparecimento e procurando perceber as razões que levaram à sua descaracterização e estado obsoleto.

i20 Quarteirões e espaços onde propomos intervir.



52 Atravessamento e chegada ao miolo do quarteirão: contágio do domínio colectivo no logradouro devoluto.
Projecto de regeneração no centro histórico de Braga.

Planta de *Nolli* invertida
do centro histórico de
Braga

In the spaces between my fingers lives another hand.

Leo Vromen *in* Hertzberger, Herman. (2002). *Articulations*, p.51.



i1

54 Atravessamento e chegada ao miolo do quarteirão: contágio do domínio colectivo no logradouro devoluto.
Projecto de regeneração no centro histórico de Braga.

3. *Reflexão*

3.2. O miolo do quarteirão[1]

Com o passar dos séculos, os diferentes componentes da cidade tradicional ("espaços públicos de circulação e acesso, edificação marginal em quarteirão, [e] espaço não construído de logradouro"[2]) foram evoluindo no que respeita à sua forma e prioridade no desenho urbano. Este sistema de cheios e vazios que organiza as partes pública e privada da cidade destaca-se pela sua flexibilidade: se um elemento muda, o outro adapta-se, mantendo-se os princípios organizativos sem se impor *a priori* um formato a qualquer um deles.

i1 *Het Straatje*, 1657-58, da autoria de Johannes Vermeer.

No capítulo anterior estudámos a evolução da malha do centro histórico de Braga, análise que nos fez tomar consciência da relevância que o espaço público sempre teve enquanto reflexo da sociedade. Por outro lado, consideramos também importante explorar as implicações que a evolução do espaço público teve na volumetria e desenho do miolo do quarteirão, sendo esse um dos pontos fulcrais da nossa proposta de intervenção.

O modo como o espaço de logradouro[3] foi sendo interpretado alterou-se ao longo dos tempos, isto porque o miolo do quarteirão, enquanto *negativo* do espaço público, funciona como uma espécie de "mola" que se adapta às *pressões* da sociedade, às suas exigências e necessidades. Sendo o logradouro a porção não construída do quarteirão correspondente ao conjunto de espaços privados nas traseiras das habitações, a sua geometria molda-se às formas do espaço público, desenhado pelas frentes do quarteirão. Foi uma parte de cidade desde sempre desprezada e secundarizada, um "resíduo"[4] colateral à regra do tecido urbano, que, apesar disso, sempre teve grande relevância em questões de salubridade e arejamento da cidade.

Começando pela transição entre a cidade romana e medieval, podemos dizer que ambos os modelos de quarteirão são relativamente parecidos na medida em que a parte edificada estabelece o limite entre domínio público e privado. Apresentam, no entanto, algumas diferenças: enquanto que na cidade medieval o edificado ocupava apenas a parte periférica do quarteirão, originando um espaço vazio de maior dimensão comum a todas as casas ou loteado na correspondência a cada uma (à semelhança das *insulae*

1. "O quarteirão é um contínuo de edifícios agrupados entre si em anel, ou sistema fechado e separado dos demais; é o espaço delimitado pelo cruzamento de três ou mais vias e subdivisível em parcelas de cadastro (lotes) para a construção de edifícios. É também um modelo de distribuição de terra por proprietários fundiários. Como é também o modo de agrupar edifícios no espaço delimitado pelo cruzamento de traçados." *In* Lamas, José. (2010). *Morfologia urbana e desenho da cidade*, p.88.
2. Portas, Nuno. (2005). *Os tempos das formas*, p.105.
3. "O logradouro constitui o espaço privado do lote não ocupado por construção, as traseiras, o espaço privado, separado do espaço público pelos contínuos edificados." *In* Lamas, José. (2010). *Op. cit*, p.88.
4. Lamas, José. (2010). *Op. cit*, p.98.



i2

56 Atravessamento e chegada ao miolo do quarteirão: contágio do domínio colectivo no logradouro devoluto.
Projecto de regeneração no centro histórico de Braga.

romanas, que albergavam várias famílias), nas *domus* romanas (edifícios unifamiliares) o edifício ocupa toda a extensão do quarteirão, sendo que os vazios, neste caso de pequenas dimensões, correspondem aos pátios privados das casas. Para além disso, e como vimos no capítulo anterior, os quarteirões medievais são, contrariamente aos romanos, bastante irregulares, devido às condicionantes topográficas e à despreocupação com o desenho do espaço público; a prioridade era o sistema de ruas de acesso às casas e lojas.

Por sua vez, na época iluminista e, principalmente, na época barroca, o espaço público ganha uma nova importância no planeamento urbano e, por isso, o quarteirão torna-se mais relevante na medida em que as fachadas são pensadas como frentes participativas das praças e ruas que conformam. A própria forma do quarteirão regulariza-se de maneira a participar do rigor geométrico no desenho do espaço público. Um bom exemplo disso é a praça Mouzinho de Albuquerque em Braga, na qual a configuração dos quarteirões se adapta à malha preexistente com vista a garantir um espaço público regularizado e estável. O logradouro é, consequentemente, o constituinte que sofre com esses ajustes. Apesar disso, e comparando com a malha medieval, podemos ver que o barroco desenha espaços de logradouro de maior dimensão, preocupando-se também com a sua proporção e desenho; o que de início era um espaço *sobrante* nas formas urbanas, usado para hortas ou jardins, passa a ser visto como uma extensão da casa.

i2 Vários quarteirões do centro histórico de Braga cujo logradouro foi *invadido* por actividades do foro colectivo (parques de estacionamento, edifícios comerciais, garagens, armazéns).

A seguir à Revolução Industrial e com a valorização dos terrenos da cidade, agora com menos espaço disponível para construção, os interiores ajardinados do século XIX foram sendo apropriados para edificações clandestinas que eram necessárias à cidade mas que não eram nobres o suficiente para se posicionarem nas frentes de quarteirão. Estas partes *secretas* da cidade passam a ser espaços desejados e as pequenas construções que já existiam no seu interior começam a ganhar escala, "desde as hortas à ilha operária, do armazém à fábrica e finalmente à garagem, ou seja, todas as actividades (para as quais o esquema burguês de aparências não deixava sítio) se vão acantonar nas entranhas do modelo tornando-o mais lucrativo (e também mais funcional às necessidades práticas), mas, ao mesmo tempo, corrompendo-o por dentro."[5]

Posto isto, podemos afirmar que, nas últimas décadas, o miolo do quarteirão foi sendo encarado como um escape para construções e actividades que não tinham outro espaço na cidade, situação que se repete especialmente em malhas densas, como é o caso do centro histórico Os armazéns, anexos, parques de estacionamento e edifícios comerciais, querendo implantar-se no centro da cidade, apoderaram-se dos vazios dos logradouros, o que, por sua vez, inverte o sentido privado que antes lhes era associado.

Importante será dizer que o que questionamos acerca deste processo de invasão do miolo do quarteirão não é o contágio do domínio colectivo no domínio privado

5. Portas, Nuno. (2005). *Op. cit*, p.106.



i3



i4

do logradouro, mas sim os propósitos que levaram a que esse contágio acontecesse. Temos exemplos que comprovam que essa contaminação de programas pode ser saudável e bem-sucedida, casos onde se tira partido destes espaços enquanto motores de regeneração urbana. Isto só se aplica se as prioridades forem o sucesso e saúde da vida colectiva e não os interesses privados de alguns indivíduos ou entidades.

Tomemos como exemplo o projecto urbano *ProEixample* em Barcelona: o objectivo da intervenção passa por recuperar a ideia inicial da cidade planeada por Cerdá, que acabou por fracassar em alguns pontos devido a interesses imobiliários (em termos práticos, a proposta do urbanista resultou muito mais densa e, consequentemente, menos salubre do que o que teria sido idealizado[6]). Com este projecto de regeneração urbana, iniciado em meados dos anos 90, os interiores dos quarteirões são transformados em zonas de estar de usufruto colectivo, continuando muito fechados sobre si mesmos. Isto oferece aos espaços um carácter hermético, permitindo que se isolem do alarido, movimento e poluição da cidade. Em alguns casos, à regeneração do miolo do quarteirão é associado um edifício público como um centro cultural (Casa Elizalde), uma piscina (Torre de las Aigues (i3)) ou uma escola (Escola Carlit).

i3 Jardins de la Torre de Les Aigues. *Pro-Eixample*, Barcelona.

i4 Jardins Tete Montoliu. *Pro-Eixample*, Barcelona.

Sugerimos, então, que os espaços de logradouro sejam interpretados como *bolsas de ar* na cidade, enquanto espaços maleáveis que se vão adaptando às necessidades urbanas. Apesar de serem, por norma, formas não autónomas, dependentes do desenho das linhas limítrofes entre espaço público e espaço privado, oferecem à malha urbana margem de manobra e espaço para ajustes, constituindo assim, uma parte de cidade "permissiva e escondida"[7]. Importante sublinhar que "Este lugar modesto [do logradouro] na morfologia da cidade tradicional é justamente o seu maior atributo, permitindo-lhe jogar um papel relevante na evolução da cidade."[8]

Foi-lhes, então, sempre associada uma sensação de *mistério* e descoberta, por serem a face oculta da cidade, o conjunto de espaços secretos que dizem respeito apenas às casas que lhes correspondem. São uma espécie de inverso da vida pública, de contra-espaços da sociedade. Quando entramos no interior do quarteirão, atravessando este limite com *espessura*, isto é, com dimensão temporal e espacial - uma casa, uma loja, um restaurante, ... - sentimos que estamos fora da cidade e da realidade urbana que conhecemos. A partir deste *grande umbral*, podemos encontrar qualquer coisa: um pátio desenhado, uma horta, um jardim ou uma pequena floresta. É um espaço que se encerra sobre si mesmo e que ao mesmo tempo é penetrável e convidativo por meio das *válvulas* que são as casas ou equipamentos que lhe dão acesso. O quarteirão, composto

6. Os quarteirões foram todos construídos com quatro frentes e os edifícios, projectados para ter apenas 16 metros de altura, atingem os 24 metros.
7. Portas, Nuno. (2005). *Op. cit*, p.106.
8. Lamas, José. (2010). *Op. cit*, p.98.



i5

60 Atravessamento e chegada ao miolo do quarteirão: contágio do domínio colectivo no logradouro devoluto.
Projecto de regeneração no centro histórico de Braga.

de matéria construída e de vazio, pode, assim, ser visto como um organismo vivo que "*respira*"[9] e estabelece essa relação entre domínios púbico e privado.

Posto isto, a nossa proposta consiste em desenhar uma espécie de rede paralela de espaços de uso colectivo nos logradouros *mutilados* por nós escolhidos, que, por sua vez, complemente a rede de espaços públicos existente. Associando-os às estruturas devolutas que atravessam o quarteirão (galerias comerciais), queremos sugerir uma nova forma de apropriação dos mesmos, mais permissiva, informal e flexível.

A ordem (neste caso, o carácter privado do logradouro na malha tradicional da cidade) será, então, assumidamente quebrada, mas como diz Robert Venturi "o significado pode ser realçado pela ruptura com a ordem, mas a ordem deve existir antes de ser infringida"[10]. Queremos, no seguimento desta citação, realçar que não somos apologistas da ocupação colectiva de todos os espaços de logradouro da cidade; iremos apenas ter essa atitude relativamente aos três casos de estudo onde o contágio do domínio colectivo no espaço privado do logradouro já existe, de forma ambígua e mal aproveitada.

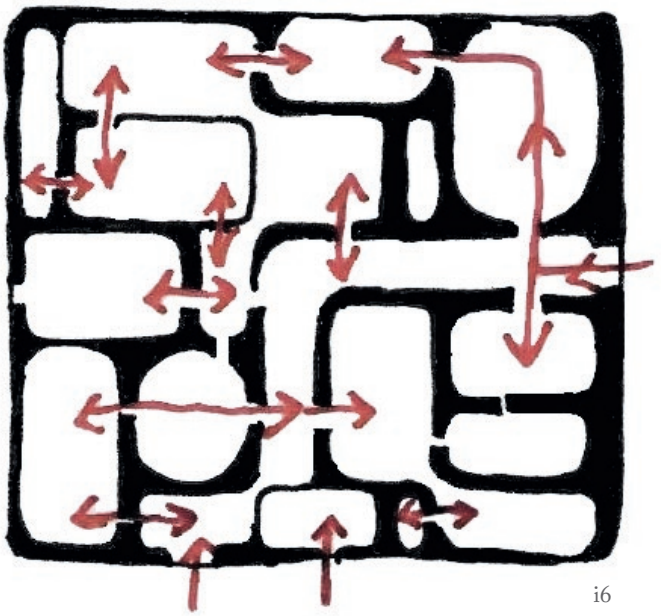
i5 Fotografia da autoria de Werner Kreusch, 1961. Criança espreita, por cima do muro, a zona este de Berlim.

Apesar de propormos assumir a contaminação do domínio colectivo no miolo do quarteirão, queremos também manter o carácter hermético destes vazios, no que respeita ao seu posicionamento e papel urbano; os espaços propostos querem ser, por um lado, motivo de descoberta e surpresa na cidade e, por outro, espaços controlados, afastados do ruído e recolhidos do movimento do centro histórico. Os mecanismos que regulam esta dualidade[11] (abertura-fechamento) são as tais *válvulas*, estruturas responsáveis pelo *movimento respiratório* de transição entre o espaço público de acesso, estar e circulação (ruas, praças, largos) e o miolo do quarteirão. Estes momentos de atravessamento devem, por isso, funcionar como uma espécie de *filtros*, na medida em que controlam a passagem ao mesmo tempo que convidam à entrada. Têm a função de reconciliar polaridades; da mesma forma que Aldo van Eyck explica os espaços *in-between*, estas estruturas medeiam a transição, não entre espaços exteriores e interiores, mas entre dois espaços públicos de diferentes qualidades.

9. "Man still breathes in and out. Is architecture going to do the same?" *In* Strauven, Francis. (1998). *Aldo van Eyck: the shape of relativity*, p.351.

10. Venturi, Robert. (2014). *Complexity and contradiction in architecture*, p.41.

11. "I like elements which are hybrid rather than "pure", compromising rather than "clean", distorted rather than "straightforward", ambiguous rather than "articulated", perverse as well as impersonal, boring as well as "interesting", conventional rather than "designed", accommodating rather than excluding, redundant rather than simple, vestigial as well as innovating, inconsistent and equivocal rather than direct and clear. I am for messy vitality over obvious unity. I include the non sequitur and proclaim the duality." *In* Venturi, Robert. (2014). *Op. cit*, p.16.



i6

62 Atravessamento e chegada ao miolo do quarteirão: contágio do domínio colectivo no logradouro devoluto.
Projecto de regeneração no centro histórico de Braga.

Interessa-nos, então, conhecer estes equipamentos que questionam a linha limítrofe do quarteirão (galerias comerciais), o seu aparecimento e o papel que têm vindo a desempenhar nas dinâmicas colectivas da cidade.

i6 Desenho explicativo
do Pavilhão de vidro,
SANAA, 2006.



64 Atravessamento e chegada ao miolo do quarteirão: contágio do domínio colectivo no logradouro devoluto.
Projecto de regeneração no centro histórico de Braga.

The Arrival of Spring in Woldgate, East Yorkshire, 2011, da autoria de David Hockney.

Si la verticalidad tiene algo que sobrepasa el mundo real, las direcciones horizontales representan el mundo concreto de acción del hombre. (...) Lo que ocurre "a lo largo" del camino, pues, se agrega a la tensión creada por la meta que hay de alcanzar y el punto de partida dejado atrás.

Norberg-Schulz, Christian. and Margarit, Adrian. (1975). *Existencia, espacio y arquitectura*, p.25-27.



i1


i2


i3

66 Atravessamento e chegada ao miolo do quarteirão: contágio do domínio colectivo no logradouro devoluto.
Projecto de regeneração no centro histórico de Braga.

3. *Reflexão*
3.3. Atravessar o quarteirão

Assiste-se, em Portugal, a um aparecimento tardio[1] das galerias comerciais. Estas estruturas materializam um processo de *interiorização* da rua comercial, que, nestes casos, em vez de se desenvolver tangencialmente ao limite do quarteirão, prolonga-se transversalmente ao mesmo, em direcção ao seu interior. Foram, na maior parte das vezes, (pobremente) desenhadas de forma a explorar ao máximo a profundidade do lote, tendo resultado de iniciativas puramente economicistas e lucrativas que muitas vezes se sobrepunham ao interesse político e social da cidade. Como diz Jorge Figueira "são a lei do mercado em espaço construído", isto é "o máximo de lucro, o mínimo de recursos"[2]. Nos dias de hoje, estes equipamentos sofrem um processo acelerado de decadência e desertificação.

i1 Galeria Comercial Lafayette, em Braga. Projecto de 1978, construída em 1980.

i2 *Passage* de l'Opéra, em Paris. Inaugurada em 1822 e demolida em 1925.

i3 *Passage de l'Opéra*, 1970-71, da autoria de Conroy Maddox. (Pintada de memória, em Inglaterra.)

As *passages* de Paris são os primeiros exemplos desta tipologia de edifício de uso colectivo e carácter comercial, tendo sido idealizadas e construídas num clima de luxo socio-económico pós-Revolução Industrial (início do século XIX). Com a massificação do consumo, tornou-se urgente, não só a construção de novas estruturas de redes viárias que assegurassem o transporte de bens, mas também de novos espaços para exposição (pavilhões) e venda dos mesmos (mercados e galerias). As *passages*, muitas vezes designadas de "inner boulevards"[3], eram estruturas de ferro revestidas em mármore e atravessavam o interior dos quarteirões parisienses; a iluminação era garantida através de uma clarabóia que acompanhava toda a extensão da *promenade*[4]. Estes espaços de acesso público interiorizados e espacialmente qualificados, onde a temperatura era controlada, permitiam que as pessoas passeassem pelos interstícios da cidade tranquilamente, afastadas do trânsito e abrigadas da chuva no inverno e do sol no verão.

Eram um "mundo em miniatura"[5] gerido pelos comerciantes que tinham lá os seus estabelecimentos, desde lojas a albergarias, e onde se vivia uma realidade paralela da cidade, muitas vezes associada a actividades boémias e ilegais. Formam uma espécie de malha oculta, completamente independente da malha de ruas convencional que divide vinculadamente o domínio público do privado. É-lhes associada uma ideia de sonho, quase heterotópica, na medida em que são espaços que têm em si um carácter de dualidade muito forte, tornando difícil para o transeunte a tarefa de perceber se está dentro ou fora. Estas estruturas dão forma a passagens privadas de uso colectivo que atravessam todas as *camadas* do quarteirão sem que o transeunte se aperceba disso,

1. Transição dos anos 70 para os anos 80 do século passado.
2. Jorge Figueira. (2000). *A cidade e as Serras in* Jornal Arquitectos 195.
3. Benjamin, Walter; Tiedemann, Rolf. (1999). *The arcades project*, p.31.
4. *Ibid.*
5. *Ibid.*



i4

68 Atravessamento e chegada ao miolo do quarteirão: contágio do domínio colectivo no logradouro devoluto.
Projecto de regeneração no centro histórico de Braga.

sendo, por isso, inovadoras, na medida em que colocam em perspectiva os conceitos de interior e exterior, ao mesmo tempo que questionam os limites abruptos que convencionalmente dividem os espaços públicos dos privados. A acessibilidade é de tal forma ambígua que *dissolve* a relação entre edifício e rua; a única diferença é o facto de encerrarem à noite por meio de portões. Existe, nestes casos, uma relação simbiótica e articulada entre o domínio público e privado: o espaço público penetra na área privada do quarteirão sem afectá-lo negativamente, muito pelo contrário. Mais do que serem espaços comerciais, as *passages* são ruas.

i4 Pequenas ilustrações das *passages* de Paris.

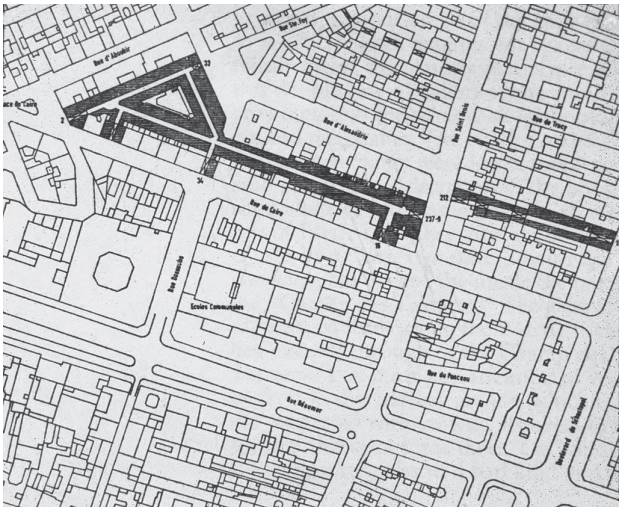
Num primeiro olhar, e tendo apenas em conta a organização distributiva dos espaços, as galerias comerciais de Braga apresentam algumas semelhanças com as *passages* parisienses; seguem a mesma lógica de rua interiorizada que se desenvolve ao longo de um lote estreito, na qual o corredor centralizado permite o acesso às lojas que se distribuem ao longo do mesmo. Por outro lado, no que respeita à implantação na cidade e à participação ou utilidade urbana, são muito distintas; enquanto que as galerias parisienses funcionam como atalhos urbanos, na medida em que permitem o atravessamento total do quarteirão, as de Braga têm uma única entrada/saída, são uma interpretação *perversa* do objectivo primordial das galerias parisienses que, de acordo com Spiro Kostof, seria aproximar e facilitar a integração de novas áreas que iam surgindo nas periferias de Paris, assegurando uma rede de atalhos para o centro da cidade. As *passages* de Paris são, literalmente, passagens pelo interior do quarteirão, tendo, por isso, um propósito de cidade que não se esgota no interesse lucrativo dos investidores. Em sentido contrário, as galerias comerciais de Braga são becos-sem-saída, sem nada que convide à entrada a não ser as lojas (hoje quase ou completamente vazias).

Para além disso, as galerias parisienses foram construídas de acordo com o seu tempo, altura em que o ferro começa a fazer parte da arquitectura da cidade[6] e o homem usufruía do espaço público de forma diferente. Walter Benjamin descreve bem o espírito dessa época; o cidadão (*passeante*) saía à rua para deambular e observar a cidade e não tanto para conversar ou conviver com outros; era um mirador de montras, um solitário que apenas sabia viver no meio da multidão. Estas estruturas comerciais estavam, assim, profundamente ligadas ao homem da época; participavam construtivamente nos fluxos urbanos enquanto atalhos entre ruas, que pelo facto de terem lojas e montras remetiam

6. "The rail becomes the first prefabricated iron component, the precursor of the girder. Iron is avoided in home construction but used in arcades, exhibition halls, train stations – buildings that serve transitory purposes." *In* Benjamin, Walter; Tiedemann, Rolf. (1999). *Op. cit*., p.3.



i5



i6

para esse sentido de *promenade*, de *flânerie*[7], sendo, nessa medida, modernas[8].

Apesar da conformidade e adequação destes equipamentos relativamente à época em que foram construídos, podemos afirmar que as galerias parisienses continuam a fazer sentido nos dias de hoje de um ponto de vista urbanístico. Ainda que seja necessário repensar a função que desempenham[9], estes edifícios continuam a funcionar bem no quotidiano parisiense, formalizando uma espécie de rede viária secundária da cidade, pouco evidente aos olhos de quem a experiencia pela primeira vez. Como explica Aldo Rossi em *A Arquitectura da Cidade*, as tipologias, assim como as formas, são eternas; a função, por sua vez, é volúvel.

i5 *Jour de pluie à Paris,* 1877, da autoria Gustave Caillebotte.

i6 Planta da *Passage du Caire*, 1779.

Por razões sociais, culturais e tecnológicas, os espaços de loja no interior destas galerias comerciais, de áreas bastante reduzidas devido aos constrangimentos do lote, tornaram-se obsoletos[10]. Com isto, e contrariamente às *passages*, as galerias de Braga deixaram de poder cumprir o seu único propósito, que, por sua vez, se esgota na função (comercial) e não no contributo para a rede de espaços públicos da cidade[11].

Para além das consequências resultantes das flutuações económicas e de mercado, a escala e qualidade arquitectónica/espacial das galerias de Paris, Milão, Londres ou Bruxelas em nada se compara aos corredores anónimos e descaracterizados que são as galerias comerciais de Braga; as primeiras foram, desde início, muito mais ambiciosas no que respeita ao sentido de presença e participação na cidade. Não estamos, com

7. "The crowd was the veil from behind which the familiar city as phantasmagoria beckoned to the flâneur. In it, the city was now landscape, now a room. And both of these went into the construction of the department store, which made use of flânerie itself in order to sell goods. The department store was the flâneur's final coup." *In* Benjamin, Walter; Tiedemann, Rolf. (1999). *Op. cit*., p.10.

8. Esta tipologia foi repetida em muitas outras cidades; Spiro Kostof diz que existem cerca de 280 galerias do século XIX espalhadas por todo o mundo, referenciando as de Londres, Milão e Bruxelas.

9. Grande parte das galerias comerciais de Paris não tem as lojas activas. *In* Barbey, Gilles. (1990). *L'évasion domestique: essai sur les relation d' affectivité au logis*, p.??.

10. Apesar de a componente comercial ser uma parte importante e inseparável do nosso quotidiano, é algo que varia a uma velocidade avassaladora "Yet even though shopping is such an inherent part of daily life and even though it overwhelms other activities in number and in scale, it is also the most unstable, most short-live, and most vulnerable to the threat of decline and obsolence. Unlike programs such as schools, universities and churches, where participation is secured by continuous enrolment, or hospitals where attendance is ensured by basic human need, there is no guaranteed frequency or density of use for shopping. Because shopping is so dependent on external factors – the economy, trends, or even the weather – attendance can fluctuate drastically in monthly or even hourly cycles. (...) Shopping, on the other hand, is continually being reinvented, reformulated, and reshaped to keep up with the most subtle changes in society (...) follow shifts and cultural tastes and in social and urban patterns". *In* Koolhaas, Rem. (2001). *Project on the city*, p.130.

11. "Um facto urbano determinado unicamente por uma função, não é fruível para além da razão dessa função. Na realidade, continuamos a fruir elementos cuja função de há muito se perdeu; o valor destes factos reside unicamente na sua forma. A sua forma participa intimamente na forma geral da cidade, é, por assim dizer, uma invariante." *in* Rossi, Aldo. (2001). *A arquitectura da cidade*, p.79.



i7

72 Atravessamento e chegada ao miolo do quarteirão: contágio do domínio colectivo no logradouro devoluto.
Projecto de regeneração no centro histórico de Braga.

isto, a sugerir que as galerias comerciais de Braga devam cumprir exactamente *o mesmo* papel urbanístico que as parisienses (encurtar distâncias); como vimos, a importação indiscriminada e acrítica de modelos, considerando as escalas e realidades totalmente distintas de ambas as cidades, não acarreta consigo bons resultados. Sugerimos, por outro lado, que, à semelhança das *passages*, estes edifícios cumpram *um* papel urbano de maneira a não serem apenas meros edifícios comercias.

Torna-se, por outro lado, curioso constatar que as galerias construídas no século XX, antepassados dos actuais centros comerciais, são uma "versão apagada"[12] do que era o *centro* da cidade antiga e medieval, ao qual se associavam, para além do comércio, programas religiosos, intelectuais e económicos, isto é, programas verdadeiramente políticos e consequentes na vida colectiva da comunidade; eram espaços de encontro e de troca, tanto de bens como de ideias e opiniões. Em tempos, a comunidade encontrava-se nos banhos públicos, no fórum ou no adro da igreja, estruturas substituídas nos dias de hoje pelos centros comerciais. Nota-se uma clara mudança de paradigma acerca do que deve ser um lugar de encontro; o domínio público foi em parte suprimido pelo interesse de consolidação da esfera privada.

i7 Seeberger Escalator, 1905, Lawrence, Massachusetts.

Seguindo os conselhos de Nuno Portas e optando por uma reutilização destas estruturas (a nosso ver com potencial arquitectónico e/ou na relação que estabelecem entre o miolo do quarteirão e o espaço público[13]) iremos, com a nossa proposta, partir para uma reflexão acerca do papel que estas *formas* podem cumprir na cidade.

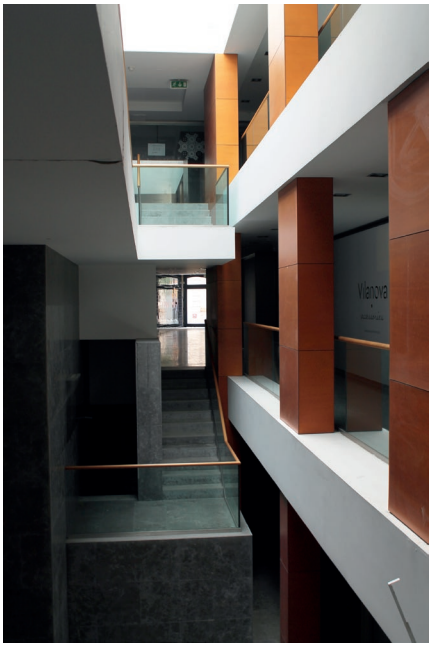
Recorremos, para isso, ao conceito (já antes mencionado) de *in-between* explorado por Aldo van Eyck, tendo em conta que iremos interpretar as galerias enquanto espaços *intermédios*, à escala urbana. O arquitecto recorre a este termo, emprestado do filósofo Martin Buber, para melhor explicar os espaços de transição que, segundo ele, tanto a cidade como a arquitectura tanto precisam. Esta preocupação surge, em grande parte, como consequência dos temas levantados pela teoria da relatividade que questiona o *tempo* (mais especificamente a sua elasticidade), deixando de ser percepcionado enquanto unidade de medida adimensional ou estanque que separa o passado do futuro. O presente passa, assim, a ter uma dimensão, uma *espessura*, resultando de um jogo

12. Lefebvre, H. and Frias, R. (2008). *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro Editora, p.20.

13. "(...) the author (...) mentions a number of factors that can contribute to the genesis of "place potential". And as might be expected, this exposition leads one more to a description of the configurative approach. Places must be conceived "in terms of each other". They must be related to one another "with regard to their consecutive aesthetical impact and their interrelated place meaning" (...)." *In* Strauven, Francis. (1998). *Aldo van Eyck: the shape of relativity,* p.421.



i8



i9



i10



i11

74 Atravessamento e chegada ao miolo do quarteirão: contágio do domínio colectivo no logradouro devoluto.
Projecto de regeneração no centro histórico de Braga.

interessante que conjuga a "memória e a antecipação"[14] durante a experimentação do espaço, isto é, o que já descobrimos na relação com o que ainda nos irá surpreender.

A nossa vontade passa, então, por repensar o propósito urbano destes equipamentos, tendo em conta os conceitos de *promenade* e *flânerie* que, por sua vez, associamos à tipologia de corredor das galerias comerciais; estas *válvulas* materializam um momento de preparação para a descoberta do miolo do quarteirão por parte do transeunte[15], prolongando quer espacial quer temporalmente[16] o âmbito e a experiência de chegada e/ou de saída.

i8 Galeria Lafayette (Quarteirão A).

i9 Galeria Alameda Shopping (Quarteirão B).

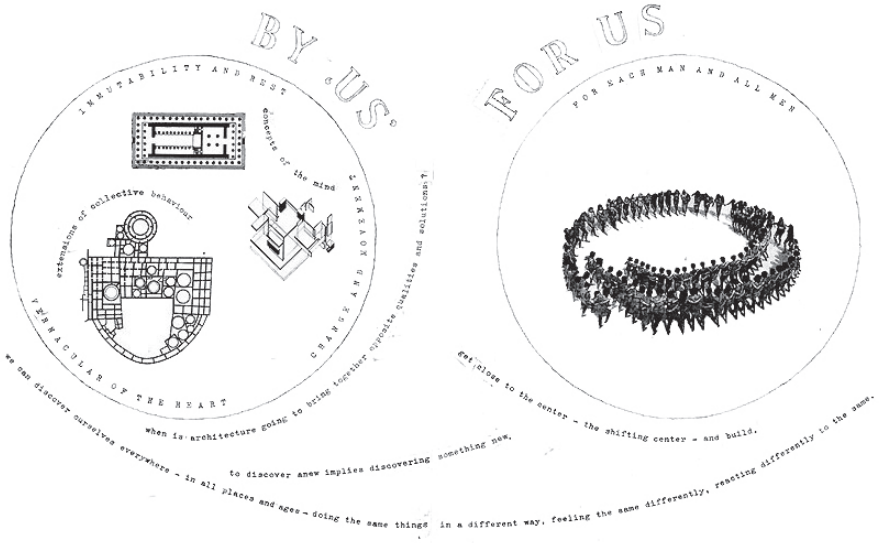
i10 Galeria Gold Center (Quarteirão C).

i11Galerias do Bingo (Quarteirão C).

14. "Real" time or duration is the time of which man becomes aware "when he experiences and participates fully, when his associative awareness charges and extends perception, rendering it transparent and profound through memory and anticipation". (...) Thus time becomes transparent. And transparency implies accessibility. As a consequence of duration time as it were acquires an inside; it becomes an interior where the subject feels at home. When consciousness gains access to duration, it experiences "a sense of being "present" within the present". *In* Strauven, Francis. (1998). *Op.cit.* p.419.

15. "Space is turned into place by being conceived "in the image of man"." Strauven, Francis. (1998). *Op. cit.* p.416.

16. "Architecture should therefore interiorize both space and time. To humanize environment can have no other meaning." Ligtelijn, Vincent; and Strauven, Francis. (2008*). Aldo Van Eyck : writtings, the child, the city and the artist, an essay on architecture, the in-between realm.,* p.76.



76 Atravessamento e chegada ao miolo do quarteirão: contágio do domínio colectivo no logradouro devoluto.
Projecto de regeneração no centro histórico de Braga.

Diagrama da autoria de Aldo van Eyck apresentado em Otterlo, em 1959.

As novas palavras de ordem são agora "recuperar", "reabilitar", "revitablizar" as partes antigas ou existentes da cidade, sempre sujeitas a uma deterioração e à mudança dos usos e das pessoas.

Portas, Nuno. (2005). *Os tempos das formas*, p.156.



i1



i2



i3

78 Atravessamento e chegada ao miolo do quarteirão: contágio do domínio colectivo no logradouro devoluto.
Projecto de regeneração no centro histórico de Braga.

4. *Intervenção*

4.1. Contaminação do espaço público no miolo do quarteirão

Chegou o momento de "receitar", depois de "identificar a doença" e "entender o que a provoca"[1]. Uma das "doenças" por nós identificada e que nos propusemos a estudar é a contaminação da vida colectiva no domínio privado do miolo do quarteirão. A razão pela qual qualificamos este *fenómeno* como "doença" não se deve ao facto de acharmos errado haver uma conjugação flexível e permeável das esferas pública e privada, mas porque tanto as estruturas que *invadem* (galerias comerciais) como as que são *invadidas* (interiores do quarteirão) se encontram num agravado estado de degradação e não materializam as dinâmicas ou oportunidades de espaço colectivo para as quais têm, a nosso ver, potencial.

i1 Quarteirões onde propomos intervir.

i2 Projecto de revitalização *Luchtsingel*, em Roterdão, 2015. Ponte pedonal que liga três distritos da cidade, há muito tempo devolutos e sem movimento, atravessando edifícios, logradouros e linhas de comboio.

i3 Projecto *Luchtsingel*, 2015, em Roterdão. Pormenor do percurso.

O nosso projecto de intervenção incide, portanto, na procura de soluções que requalifiquem estes espaços, com vista a devolvê-los à cidade enquanto formas participativas da sua urbanidade; propomos repensar o carácter privado do logradouro e apropriamo-nos das galerias, não só enquanto mecanismos de acesso a esse espaço, mas também como estruturas disponíveis para albergar equipamentos públicos úteis à sociedade.

A metodologia à qual recorremos para o desenvolvimento da estratégia de intervenção nestas estruturas tem como referências nomes como Aldo van Eyck, Jaime Lerner ou Oriol Bohigas. Todos eles mencionam ou tomam partido de uma abordagem de projecto urbano que pode ser descrita como uma intervenção nevrálgica em pontos específicos e problemáticos da cidade, que, por consequência, tenham a capacidade de reactivar, também, as áreas vizinhas. A nomenclatura da metodologia varia conforme o autor, desde "constelação urbana"[2], "acupuntura urbana"[3] ou "metástases benignas"[4], respectivamente. Tal postura ou abordagem aplica-se à nossa intervenção na medida em que propomos requalificar três pontos muito circunscritos no centro histórico, tendo sempre uma ideia geral de projecto de cidade, sem, no entanto, apresentar uma proposta abrangente a toda a área de estudo. Ainda assim, tivemos sempre em consideração o impacto ou ressonância que as nossas propostas, embora pontuais, poderiam ter nas zonas vizinhas, encarando este exercício, desde início, como uma forma de projectar a cidade, ainda que indirectamente.

Como já foi referido, o processo de desenvolvimento e proposta de projecto partem do contexto real, de uma vontade de trabalhar com o *real sujo*[5]. No entanto, e tendo

1. Portas, Nuno. (2005). *Os tempos das formas*, p.158.
2. Lefaivre, Liane. (2002). *Aldo van Eyck. The playgrounds and the city*, p. 46.
3. Lerner, Jaime. (2003). *Acupuntura urbana*, p.8.
4. Bohias, Oriol; Lampugnani, Vittorio Magnago; Buchanan, Peter. (1990), p. 12.
5. Lefaivre, Liane. (2002). *Op.cit*, p.25.



i4



i5

80 Atravessamento e chegada ao miolo do quarteirão: contágio do domínio colectivo no logradouro devoluto.
Projecto de regeneração no centro histórico de Braga.

em conta a operatividade deste exercício, decidimos ignorar os vários constrangimentos da realidade (financeiros, burocráticos, legais, entre outros) no que respeita à resolução de problemas e apresentação de soluções. Esta forma de abordarmos o projecto resulta meramente do facto de o encararmos enquanto exercício académico que, partindo da realidade e informando-se sempre no contexto e condicionantes práticas da cidade, não bloqueia face a barreiras ou constrangimentos da contingência real. Como dizia Luis Mansilla, "De algum modo, a realidade precisa, às vezes, da ficção para ser verosímil"[6]. O cliente - a própria cidade - tem um único pedido: a melhoria da sua vida colectiva, recorrendo a estruturas que já se encontram ao nosso dispor.

Esta posição assemelha-se à de Pedro Bandeira no projecto *Quarteirões*; o arquitecto quer tornar evidente o peso que a componente política deve ter nas práticas de arquitectura, "seja pela vertente da responsabilidade social (para lá da disciplina), seja pela vertente do poder mediático das imagens (como produção cultural), seja finalmente pelas estratégias do investimento e da aplicação do capital (como construção)"[7]. Seguindo a mesma linha de pensamento, não queremos adjectivar as nossas propostas de *utópicas*, no sentido em que são "fisicamente exequíveis e socialmente desejáveis"[8].

i4 Igreja Politeísta, *Quarteirões* (2001-2006), projecto de Pedro Bandeira.

i5 Piscina com trechos de várias dimensões, *Quarteirões* (2001-2006), projecto de Pedro Bandeira.

Vemos nas *entranhas* do centro histórico a oportunidade de explorar uma espécie de realidade paralela de espaços públicos que contrabalance com a formalidade e rigidez dos espaços públicos já existentes. Associado a isto, pretendemos contrariar uma tendencial ocupação do logradouro enquanto espaço disponível para *lixo urbano*, isto é, enquanto área livre e escondida, que permite a construção de infra-estruturas para actividades colectivas menos nobres, das quais a cidade precisa mas quer esconder.

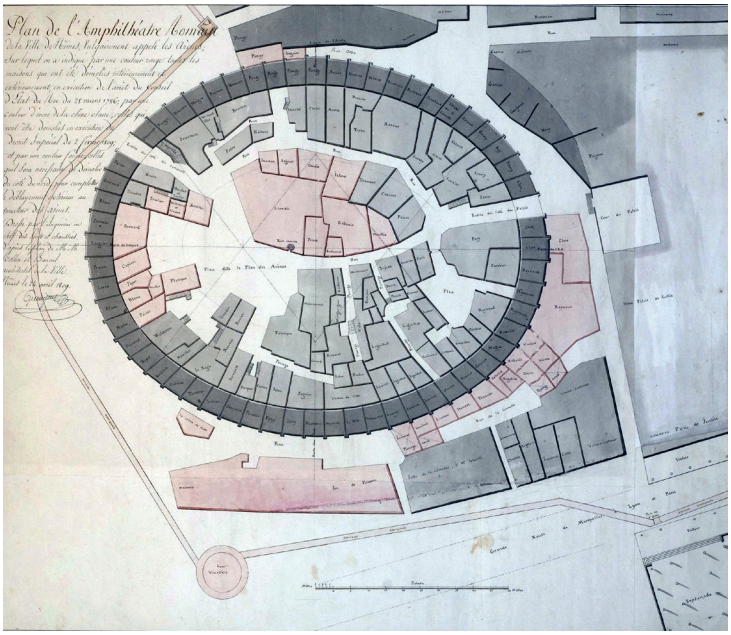
Não podemos, por outro lado, esquecer que o carácter destes espaços é muito diferente da dos espaços públicos canónicos; a própria forma como surgem na cidade é bastante distinta: continuam, afinal, a ser espaços para onde as traseiras e quintais das casas se viram, recatados do movimento citadino. Este fechamento, traço característico dos logradouros, deve, a nosso ver, manter-se, não só pelo facto de encararmos as nossas intervenções enquanto adaptações reversíveis (como os *playgrounds* de Aldo van Eyck) mas também de forma a que esta nova rede de espaços públicos seja motivo de surpresa e descoberta nos circuitos e quotidiano urbano. Propomos, então, que estas estruturas sejam espaços públicos fechados, com horário de abertura, garantindo o recolhimento e privacidade dos residentes dos respectivos quarteirões.

Esta qualidade *hermética* que queremos preservar é controlada pelas *válvulas* de acesso ao miolo do quarteirão, nas quais se incluem as galerias comerciais. Assim sendo, a este propósito de redesenho dos logradouros devolutos aliámos a requalificação das

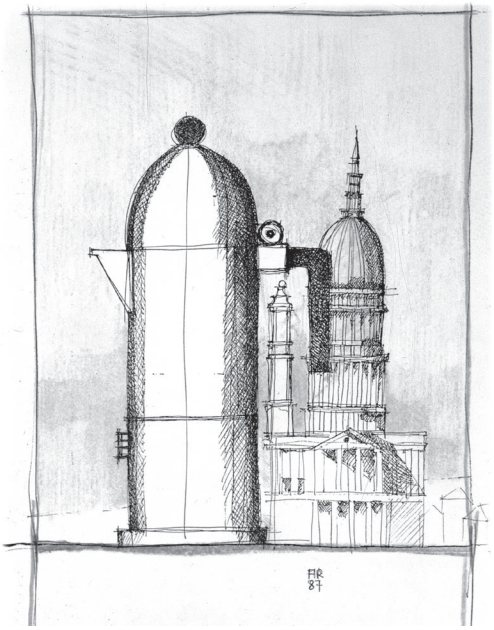
6. Mansilla, Luis Moreno. (2002). *Apuntes de viaje al interior del tiempo,* p.11.

7. *In www.dafne.pt*, resumo do livro *Projectos Específicos para um Cliente Genérico.*

8. Bandeira, Pedro. (2006). *Projectos específicos para um cliente genérico*, p. 105.



i6



i7

82 Atravessamento e chegada ao miolo do quarteirão: contágio do domínio colectivo no logradouro devoluto.
Projecto de regeneração no centro histórico de Braga.

galerias, que se deparam, actualmente, com elevadas taxas de desocupação. Com vista a tirar partido destas formas tipológicas[9] que se vão repetindo na malha da cidade, e tendo como referência os modelos parisienses (que atravessam o quarteirão na sua totalidade, levando o transeunte do ponto A ao ponto B), propomos repensar estes equipamentos tendo em conta a relação que podem vir a estabelecer com o miolo do quarteirão. Queremos que as galerias em estudo, ao contrário do que acontece hoje, funcionem (não só, mas também) como estruturas de atravessamento que permitam o alcance colectivo ao interior do quarteirão, e sejam formas participativas na rede urbana da cidade, de maneira a que a sua utilização não dependa apenas do programa mas também das suas qualidades tipológicas.

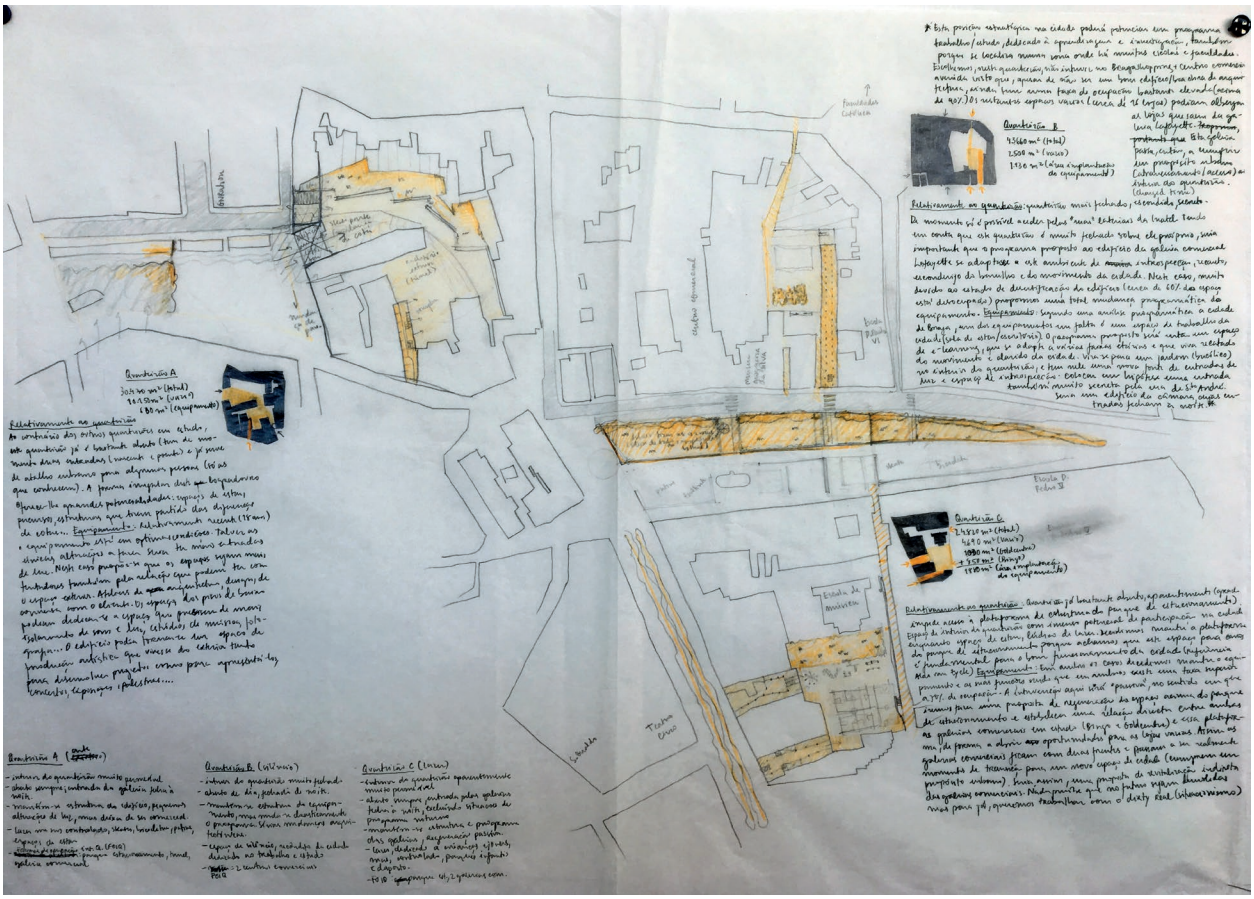
Acreditamos, por outro lado, que o passado só é útil na medida em que serve o presente, ou seja, a opção de manter estas permanências (galerias comerciais) só é válida se as mesmas passarem a participar no quotidiano dos bracarenses. Assim sendo, partimos das premissas rossianas relativamente à *perenidade da forma* e *transitoriedade da função* para repensar, também, no papel programático destas estruturas. Esta linha de pensamento vai de encontro a algumas noções de regeneração urbana defendidas por Nuno Portas, que, recorrendo a expressões como "conservar renovando" ou "renovar conservando", faz apologia a uma "política de recuperação física e de reutilização social do parque de edifícios existente"[10]. Queremos, então, trabalhar com as estruturas que a cidade, à partida, nos oferece, procurando soluções nas pré-existências, sem partir, irreflectidamente, para a construção de novos edifícios ou espaços. Tudo isto visa à transformação destes equipamentos em "passados experimentados"[11].

i6 Anfiteatro Nîmes. Construído pelo império romano durante a época agustina, foi, em tempos, base para uma pequena cidade que chegou a albergar cerca de 700 pessoas. Este assentamento foi demolido no século XVIII e é hoje um espaço dedicado a corridas de touros.

i7 Esquisso de estudo para a cafeteira *La Cupola*, 1988, da autoria de Aldo Rossi.

Os *braços* que prolongam a vida pública para a zona mais profunda do quarteirão são, a nosso ver, elementos importantes por potencialmente permitirem uma transição gradual entre a rua tradicional e o miolo do quarteirão; ao servirem de suporte a uma *promenade* pública, transversal ao limite do quarteirão e em direcção ao seu interior, as galerias comerciais acabam por diluir a fronteira público/privado, incutindo nelas

9. "Consideram-se então como forma tipológica aquelas formas que, na história ou na escolha que lhes é atribuída em certos períodos ou nas implicações a elas dadas, acabaram por assumir um carácter sintético de um processo que é manifesto, precisamente, na própria forma." *In* Rossi, Aldo. (2001). *A arquitectura da cidade*, p.17. Rossi refere esta tipologia partindo do exemplo da *rue corridor* de Le Corbusier; designa-a de "elemento horizontal que serve muitas e pequenas divisões".
10. Portas, Nuno. (2005) *Op.cit*, p.156.
11. Rossi, Aldo. (2001). *Op.cit*,, p.18.



84 Atravessamento e chegada ao miolo do quarteirão: contágio do domínio colectivo no logradouro devoluto.
Projecto de regeneração no centro histórico de Braga.

próprias um carácter de "continuidade"[12]. Queremos que sejam o suporte de uma experiência consciente de atravessamento do quarteirão, participando nesse jogo de "memória e antecipação"[13] que é a chegada ao espaço colectivo (por nós proposto) implantado no logradouro. Tais medidas visam contrariar a sensação de *alienação* a que as galerias comerciais actualmente nos induzem, resultante da sucessão monótona de espaços de loja e da falta de relacionamento com a envolvente exterior, que, por sua vez, anula qualquer possibilidade de orientação referencial - à parte do momento de entrada e da relação estabelecida com a rua (estanque e abrupta na maior parte dos casos) os edifícios fecham-se para a restante envolvente (o miolo do quarteirão).

i8 Folha de processo.

Os próximos capítulos consistirão, portanto, na análise da distribuição funcional da nossa área de trabalho (centro histórico) e na apresentação das propostas de redesenho dos logradouros e galerias comerciais correspondentes aos três quarteirões em estudo, tendo em conta não só as lacunas programáticas nesta porção de cidade, mas também o posicionamento dos quarteirões relativamente à organização funcional da mesma.

Apesar de o conceito estratégico ser comum (contaminação da vida colectiva da cidade no miolo do quarteirão), nunca pretendemos encontrar uma espécie de *receita* indiscriminadamente aplicável aos três casos de estudo; a cidade é, afinal de contas, um *conjunto de lugares*[14], cuja soma origina essa experiência global da mesma. O exercício parte da nossa vontade de oferecer novos espaços de encontro aos bracarenses, espaços onde "os estranhos se podem encontrar"[15], que, segundo Louis Kahn, é a parte mais importante no planeamento de uma cidade[16].

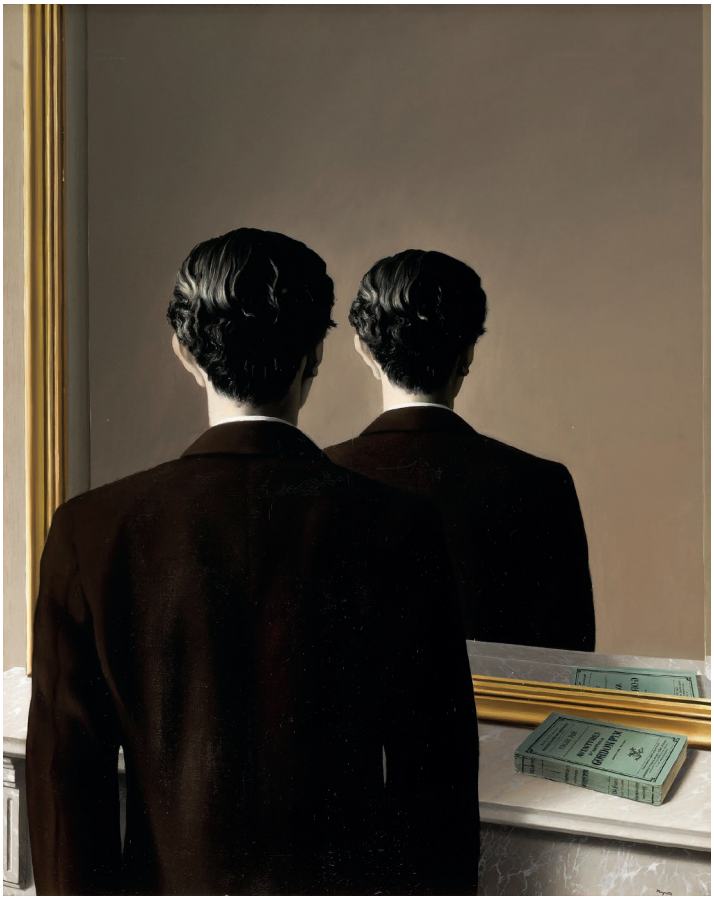
12. A noção de caminho, explicada por Norberg-Schulz, está proximamente relacionada com uma ideia de sucessão linear, no sentido em que existe uma direcção, um ponto de partida e uma meta. No entanto, os elementos que formalizam o caminho vão participando nele, e oferecem-lhe um carácter próprio que se vai construindo desde o ponto inicial até à chegada, sendo que, por vezes, esta tensão linear ou direccional não tem como finalidade a chegada, mas sim servir apenas de eixo distribuidor ou organizador desses vários elementos e retirando protagonismo à meta. *In* Norberg-Schulz, Christian. and Margarit, Adrian. (1975). *Existencia, espacio y arquitectura*, p.27.

13. Strauven, Francis. (1998). *Aldo van Eyck: the shape of relativity*, p.421.

14. "La ciudad no es un lugar. Puede estar compuesta de lugares pero no es un lugar". Prieto, Eduardo. (2011). *La arquitectura de la ciudad global,* p.95. "A city is a bunch of places". Strauven, F. *Op. cit* p.421.

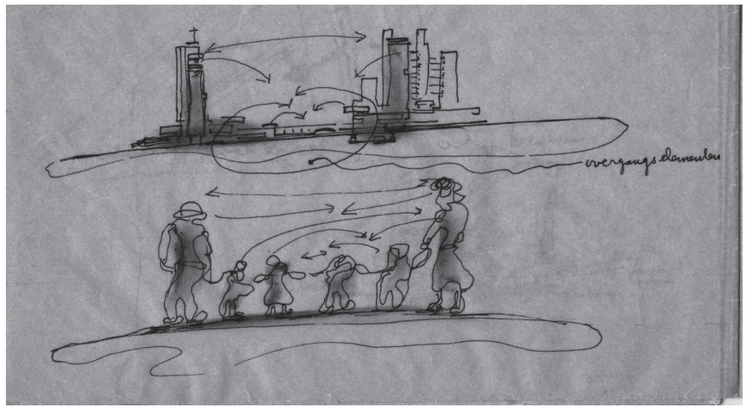
15. Sennett, Richard. (2002). *The fall of the public man*, p. xvii.

16. Kahn, Louis; Latour, Alessandra. (1991). *Writings, lectures, interviews*, p.315.



86 Atravessamento e chegada ao miolo do quarteirão: contágio do domínio colectivo no logradouro devoluto.
Projecto de regeneração no centro histórico de Braga.

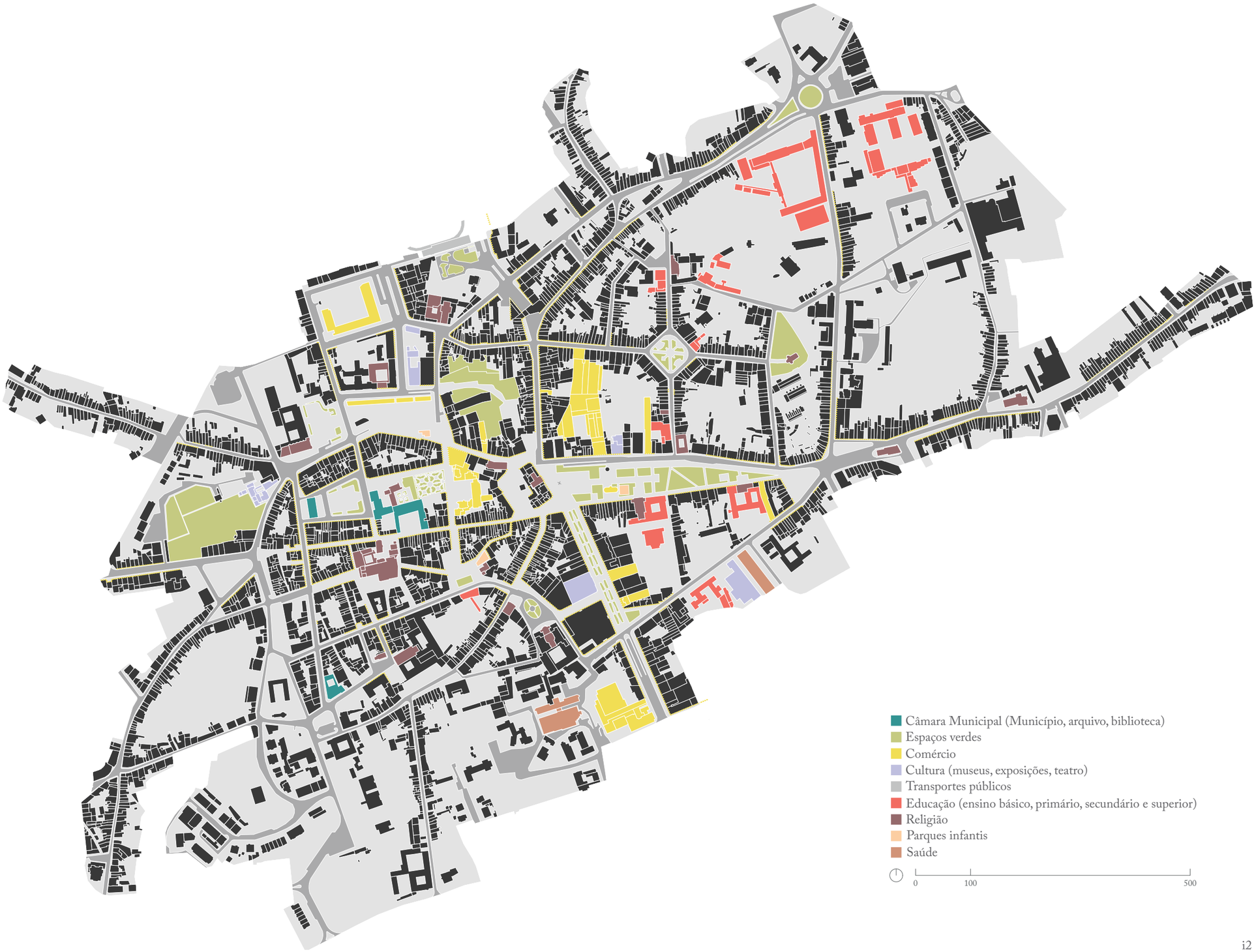
La reproduction interdite, 1937, da autoria de René Magritte.



i1

L'urbanisme comme idéologie formule tous les problèmes de la société en questions d'espace et transpose en termes spatiaux tout ce qui vient de l'histoire, de la conscience. Idéologie qui se dédouble aussitôt. Puisque la société ne fonctionne pas d'une manière satisfaisante, n'y aurait-il pas un pathologie de l'espace?

Lefebvre, Henri. (1973). *Le droit à la ville,* p.50.



88 Atravessamento e chegada ao miolo do quarteirão: contágio do domínio colectivo no logradouro devoluto.
Projecto de regeneração no centro histórico de Braga.

4. *Intervenção*

4.2. Mapeamento programático da cidade (programa de carácter colectivo)

i1 Diagrama *Maquete da Amizade*, da autoria de Jaap Bakema (abstracção da secção da Lijnbaan, Roterdão onde o autor explica a relação entre as torres de carácter residencial e os edifícios mais baixos, de função comercial).

i2 Levantamento funcional /programático dos edifícios de uso colectivo no centro histórico de Braga.

Com o objectivo de informar a nossa estratégia de intervenção, e como mote para o lançamento do exercício de projecto, achamos oportuno desenvolver um mapeamento funcional esquemático relativo à nossa área de estudo. Este exercício, puramente empírico, revelou-se necessário na medida em que procuramos estabelecer relações lógicas de proximidade e complementaridade entre os programas que já existem e os que iremos propor para os três quarteirões em estudo. Para além disso, este confronto foi, também, bastante útil na medida em que nos auxiliou na identificação de algumas lacunas programáticas no centro histórico.

Após termos feito o levantamento e analisado os resultados, um dos problemas mais gritantes é a falta de espaços verdes apropriáveis; para além da Avenida Central, as restantes zonas verdes que existem nesta parte da cidade são por norma apenas contemplativas, como os jardins de flores de Santa Bárbara e Avenida da Liberdade, ou resultam de mecanismos menos claros de *ocupação* do espaço, isto é, como forma de regularizar afunilamentos ou preencher rotundas. Os espaços verdes de qualidade, de que são exemplo o Parque da Ponte ou os jardins do Santuário do Bom Jesus, estão fora do limite do centro histórico, faltando a esta parte consolidada da cidade mais manchas verdes que possibilitem o descanso ou retiro, momentos de sombra e frescura, convidativos à apropriação colectiva e que não sejam apenas *adereços* de embelezamento da cidade.

Evidenciou-se, também, a falta de parques infantis ou outro tipo de estruturas ao ar livre destinadas às crianças. Existem apenas três no centro histórico que consideramos insuficientes não só em quantidade e área, mas também por serem modelos estereotipados repetitivos que não incentivam à criatividade das crianças e não se adaptam às diferentes faixas etárias e formas de brincar. Este factor, tendo em conta a falta de espaços verdes e a elevada densidade de infantários e escolas primárias no centro histórico, agrava o problema, evidenciando ainda mais a falta de estruturas que possam estimular e contribuir para actividades de carácter familiar.

Na mesma linha de pensamento, e ainda no que respeita a actividades ao ar livre, apercebemo-nos da falta de espaços disponíveis para a prática de desporto no exterior. Apesar de existirem vários pavilhões desportivos e campos dedicados ao desporto numa zona mais periférica da cidade, as pessoas vêem-se obrigadas a recorrer ao automóvel ou a transportes públicos.

Para além de existirem muitos infantários e escolas primárias, existem também várias escolas básicas, secundárias e de ensino Universitário. No entanto, o centro carece de espaços disponíveis para o estudo ou aprendizagem fora das instituições de ensino,



i3



i4



i5



i6



i7



i8



i9



i10



i11

isto é, de equipamentos que complementem as instalações educativas e alberguem espaços de trabalho variado. Temos apenas a Biblioteca Pública de Braga e a Biblioteca Lúcio Craveiro da Silva, por norma sobrelotadas.

Relativamente à cultura, e como podemos ver pelo levantamento, existem no centro histórico vários equipamentos dedicados à exposição de várias formas de arte, como o Museu Nogueira da Silva, o Theatro Circo, o espaço GNRation ou a Shairart.[1] Sentimos, por outro lado, que faltam espaços dedicados à *experimentação*, ao exercício, ensaio e criação, infraestruturas disponíveis para produção de arte de carácter mais informal. Seria enriquecedor, para a vida cultural da cidade, complementar os vários equipamentos de exposição de arte já existentes com outras estruturas mais flexíveis, que tirem partido da própria cidade como estúdio ou espaço de trabalho e que permitam uma espécie de *democratização* da cultura, se assim o entendermos, oferecendo espaço para uma dimensão mais urbana da mesma, que ultrapasse as salas de exposições e as vitrinas dos museus.

O trabalho a seguir apresentado parte da conjugação deste *mapeamento funcional* com o *levantamento dos espaços em desuso* feitos na parte inicial da dissertação; são estes elementos que garantem o carácter não-utópico do trabalho, impedindo que se distancie do real ou que seja alienado do contexto da cidade. Atribuímos, partindo desta análise, um *tema* programático a cada quarteirão, tendo em conta o contexto onde se insere, o papel que pode vir a desempenhar na cidade e, acima de tudo, os problemas que levanta ao nível urbano e ao nível arquitectónico.

i3 Avenida Central.

i4 Jardim de Santa Bárbara.

i5 Avenida da Liberdade.

i6 Biblioteca Pública de Braga.

i7 Biblioteca Lúcio Craveiro da Silva.

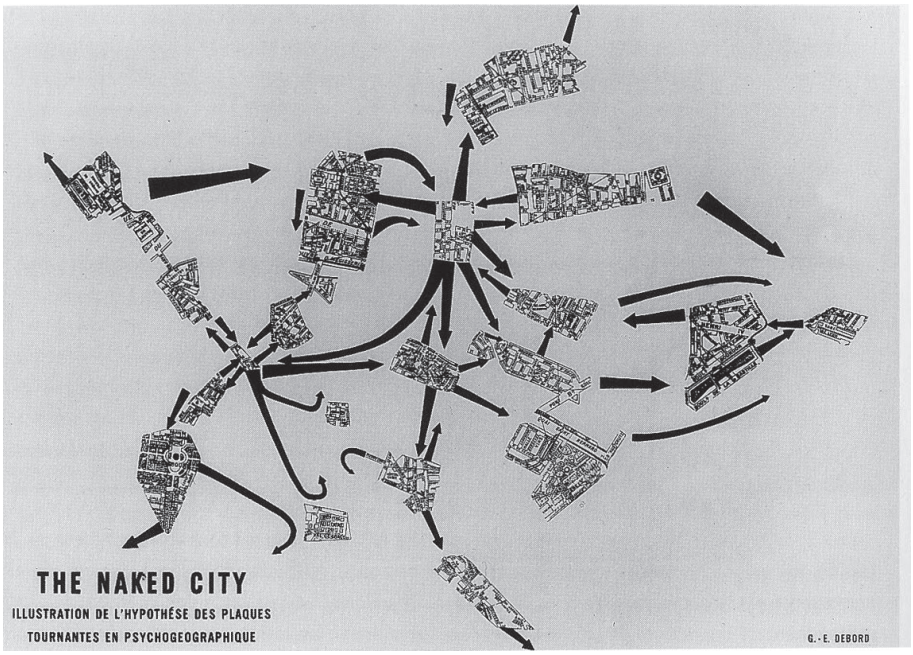
i8 Museu Nogueira da Silva.

i9 Theatro Circo.

i10 GNRation.

i11 Shairart.

1. Para além de servir como plataforma de exposição de arte, a Shairart é também um espaço com uma vocação comercial, que tem como objectivo divulgar obras de artistas emergentes no campo da pintura, escultura, ilustração, desenho, técnicas de impressão e fotografia.



92 Atravessamento e chegada ao miolo do quarteirão: contágio do domínio colectivo no logradouro devoluto.
Projecto de regeneração no centro histórico de Braga.

The Naked City, 1957, da autoria de Guy Debord, membro fundador dos *Internacionais Situacionistas*. Este mapa, composto por dezanove partes da cidade de Paris colocadas aleatoriamente, propõe novas formas de circular na cidade, fora das trajectórias habituais; sugere uma *deambulação* não planeada que se vai compondo conforme as experiências emocionais que a cidade despoleta no transeunte.

They [the playgrounds] are conceived as a constellation, a scheme made up of situationally arising units, bound to time, accident and circumstance.

Lefaivre, Liane. (2002). *Aldo van Eyck. The playgrounds and the city*, p.46.



i1



i2



i3

94 Atravessamento e chegada ao miolo do quarteirão: contágio do domínio colectivo no logradouro devoluto.
Projecto de regeneração no centro histórico de Braga.

4. *Intervenção*
4.3. Projecto
4.3.1. *Fórum B*



i1 Quarteirão em estudo (orientado a norte).

i2 Entrada sul, vista do cruzamento entre a rua dos Chãos e rua dos Capelistas.

i3 Entrada poente, vista do Campo da Vinha.

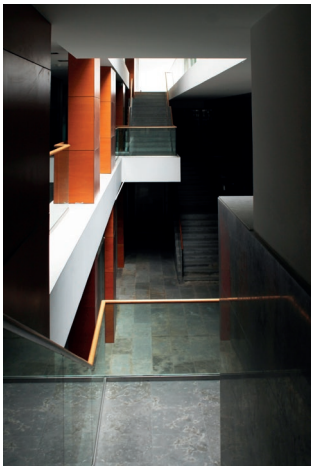
Este quarteirão é, comparativamente aos restantes casos de estudo, bastante *permeável*, tendo actualmente três pontos de entrada. A construção do túnel que estabelece a ligação entre o Campo da Vinha (a poente) e a Avenida da Liberdade (a sudeste) terá contribuído para a divisão do miolo do quarteirão em dois quadrantes, sendo que a laje de cobertura do próprio túnel desenha um percurso que atravessa o quarteirão, servindo de atalho urbano para as pessoas que o conhecem.

A entrada a sul é feita por baixo de um edifício (i2), numa pequena reentrância na massa do quarteirão e, por se afastar das trajectórias mais movimentadas da rua dos Chãos e da rua dos Capelistas, acaba por ser bastante discreta. Por outro lado, a entrada a poente (i3) é bastante mais presente, abrindo-se assumidamente para o Campo da Vinha e para a rua do Carmo, com uma extensão de cerca de 30 metros. Apesar das diferenças, vemos, de ambos os pontos de entrada, uma *massa verde*, composta por árvores mais altas que os edifícios e por antigos muros e ruínas do logradouro cobertos de heras e silvas.

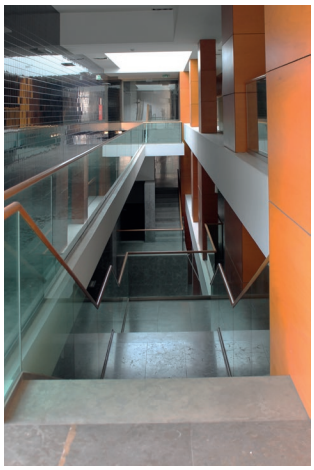
Para além destes dois pontos de entrada que permitem o atravessamento livre de pessoas e, por isso, o *contágio* do domínio público no espaço privado do quarteirão, existe uma outra passagem de acesso ao logradouro: o Alameda Shopping[1]. Esta galeria comercial é, no entanto, poucas vezes usada como forma de acesso; não só tem pouca presença na rua dos Capelistas, como não cumpre os requisitos de atalho urbano, visto que todos os percursos alternativos que possibilita são mais extensos do que os convencionais. Para além disso, ou até devido a isso, a galeria tem apenas um espaço de loja activo.

Contrariamente ao que por norma se constata nas galerias comercias, o Alameda Shopping não tem um corredor de acesso centralizado, dispondo, por isso, de uma única frente de lojas[2] (i6). Esta forma distributiva oferece alguma independência

1. O Alameda Shopping é um claro exemplo de intenções imobiliárias desmedidas e pouco reflectidas, uma intervenção relativamente recente que visa unicamente explorar e rentabilizar toda a extensão do lote para fins lucrativos (tanto para arrendamento de casas como de espaços de comércio). Foi construído há cerca de 18 anos, segundo informação obtida pelos trabalhadores que tratam do espaço exterior à galeria comercial, em Janeiro de 2017, um pouco fora da época tendo em conta que o grande *boom* de galerias comerciais no nosso país se deu nos anos 80, (de que são exemplo as galerias Lafayete, Central Avenida, Bingo e Gold Center, que iremos explorar nos próximos casos de estudo). A área comercial tem mais dois andares para além do piso de entrada (um acima e outro enterrado) e a parte habitacional é composta pela restante frente de rua (dois andares acima dos pisos comerciais) e por um volume de quatro pisos na parte de trás do lote, aos quais se acede pelo interior da galeria.
2. A extensão total do edifício ronda os 58 metros.



i4



i5



i6



i7



i8



i9

96 Atravessamento e chegada ao miolo do quarteirão: contágio do domínio colectivo no logradouro devoluto.
Projecto de regeneração no centro histórico de Braga.

i4 Vista interior do Alameda Shopping (sentido sul-norte no piso de entrada).

i5 Vista interior do Alameda Shopping (sentido norte-sul, no piso 1).

i6 Vista interior do Alameda Shopping (sentido sul-norte no piso 1).

i7 Miolo do quarteirão, a chegar do Campo da Vinha.

i8 Miolo do quarteirão, com o Campo da Vinha ao fundo.

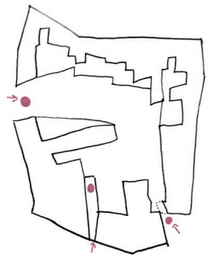
i9 Vista para o miolo do quarteirão a partir da galeria comercial.

ao eixo de circulação, que, por estar em parte duplicado, possibilita um percurso afastado dos espaços de loja (i4; i5).

Como foi dito, e apesar de o equipamento estar em perfeitas condições, tem apenas uma loja activa, o que, a nosso ver, se deve, para além das razões anteriormente referidas, à carência de luz natural em dois dos três pisos da galeria: a única fonte de iluminação é garantida por dois vãos a nascente no andar acima do piso da entrada (i6), zona que coincide com a localização da loja em funcionamento e por onde é possível aceder-se ao interior do quarteirão (i9).

Semelhantemente ao estado de desertificação da galeria, podemos, também, constatar a condição devoluta do espaço de logradouro deste quarteirão. Devido à sua forma irregular, ao descontrolo da vegetação e à permanência de anexos arruinados, o interior do quarteirão é muitas vezes usado por mendigos e toxicodependentes, o que faz com que esta passagem seja evitada por muitas pessoas, principalmente à noite; acaba por ser um resíduo no coração do centro histórico, completamente escondido e esquecido dos percursos habituais do dia-a-dia.

Vemos, apesar disto, grande potencial neste atravessamento e nas relações que pode vir a estabelecer com a galeria comercial e com o contexto próximo. Tendo em conta o carácter permeável e a extensão da área livre do logradouro (cerca de 10 000 m^2), achamos que este espaço pode vir a ser um promissor lugar de uso colectivo, que associa o propósito de passagem/atalho ao estar, com vista a contribuir para o movimento, actividade e dinamismo da cidade.

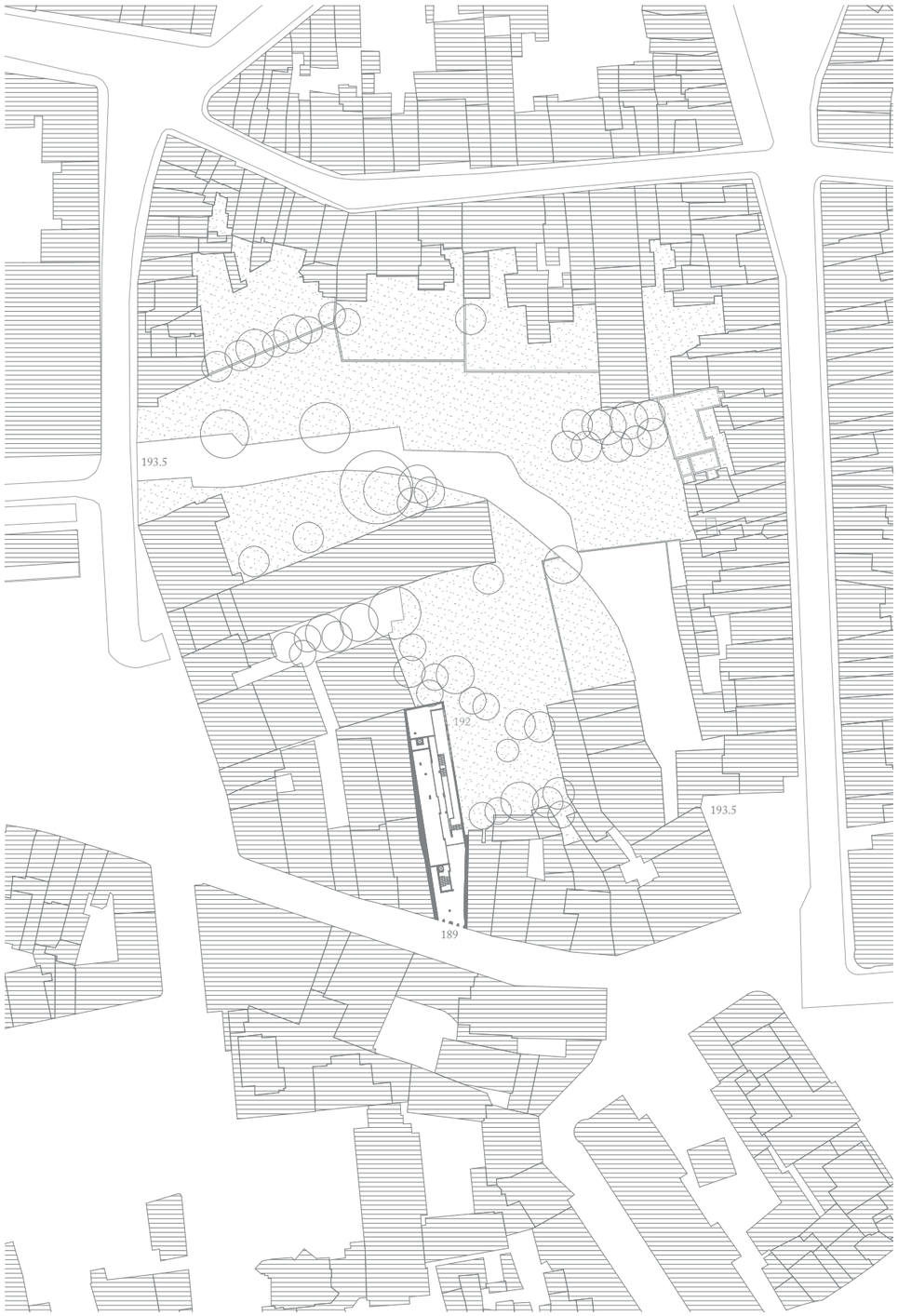




Optámos, assim, por tirar partido da *instabilidade* deste vazio, resultante da triangulação dos três pontos de entrada, e associar a requalificação deste logradouro e da galeria comercial ao solucionamento da falta de espaços destinados à produção ou experimentação artística mais coloquial e descomprometida, lacuna identificada no capítulo anterior. A nossa proposta para o interior deste quarteirão visa incentivar à reinvenção constante do que este espaço pode ser, uma ideia de *fórum* aberto, convidativo e adaptável às necessidades dos bracarenses para experimentações, exibições, espectáculos, concertos, ensaios, ou outro tipo de actividades.

Associado a isto, e seguindo as lógicas do conceito de intervenção que propusemos no início, sugerimos que a requalificação da galeria comercial não aconteça apenas com o propósito de a revitalizar enquanto forma tipológica *reutilizável*[3], mas também como parte do processo de reactivção do miolo do quarteirão, isto é, enquanto terceira entrada e motor de actividades pensadas para este espaço. Importante referir que esta proposta de reactivação do miolo do quarteirão e da galeria enquanto espaços complementares foi sempre vista como uma espécie de *prolongamento* dos actuais equipamentos culturais

3. Portas, Nuno. (2005). *Os tempos das formas*, p.156.



i10

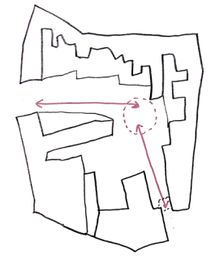


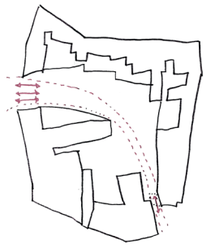
i11

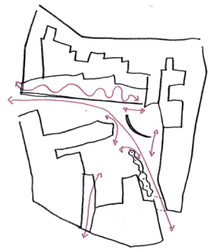
98 Atravessamento e chegada ao miolo do quarteirão: contágio do domínio colectivo no logradouro devoluto.
Projecto de regeneração no centro histórico de Braga.

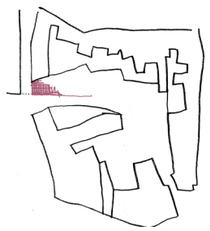
i10 Planta actual do quarteirão.

i11 Planta da proposta.









da cidade e não como *ilha* isolada que se fecha sobre si mesma.

Sendo que queremos transformar este atravessamento num novo espaço público da cidade, lugar de encontro e convívio, um dos grandes problemas que aqui se colocam é o descontrolo dos acessos ao miolo do quarteirão e as tensões impostas pelo seu inevitável carácter de circulação: a permeabilidade é uma vantagem, mas é também uma fragilidade. Posto isto, redesenhámos os momentos de entrada/saída e a *articulação* das duas direcções impostas pelo túnel de forma a suavizar este *choque* e estabelecer uma "geometria"[4] que ordene este espaço caótico.

Para o momento de inflexão do percurso, e como remate visual das duas entradas, sugerimos um espaço de estar recatado, composto por um espelho de água e conformado por um muro/banco curvo, uma espécie de *rótula* que tanto serve para o proteger dos movimentos de circulação como para encaminhar o circuito principal do atalho (i19).

Tivemos, também, em atenção o *afunilamento* dos percursos de atravessamento, resultado das diferentes características dos dois pontos de passagem, explicadas anteriormente. Considerámos vantajoso manter esta qualidade do atalho por sugerir uma maior abertura para o Campo da Vinha, e incentivar a sua aproximação a essa praça e, consequentemente, ao Espaço GNRation[5].

De forma a melhor controlar a passagem a sul, propusemos uma linha de árvores, que para além de direccionar o trajecto e o olhar de quem passa, conforma melhor os vazios, distinguindo o que é circulação do que é espaço de estar. O próprio pavimento sugere dois tipos de apropriação do espaço, mais rápido (microcubo, prolongado das ruas adjacentes ao quarteirão) ou mais lento, de estadia (um lajeado de maior dimensão).Esta parede verde cria, também, uma tensão interessante com o muro curvo: em conjunto, estes dois elementos sugerem uma inflexão; direccionam o transeunte para o Campo da Vinha, amortecendo o choque de direcções, ao mesmo tempo que protegem dois espaços de estar: a praça de água e o auditório exterior, próximo da galeria.

A passagem a poente encontra-se, por outro lado, bastante mais descontrolada, não só no que respeita às suas dimensões, mas também na relação que estabelece com a envolvente. Mantendo, por um lado, uma certa abertura para o Campo da Vinha, propusemos um fechamento volumétrico parcial desta *válvula*, moldando-a à malha da cidade. Para isso, desenhámos um edifício aberto, que, para além de controlar melhor



i12

4. "O objectivo consistia em delinear, naquela imagem orgânica, uma geometria: descobrir aquilo que estava disponível e pronto para receber a geometricidade. Arquitectura é geometrizar." *In* Siza, Álvaro. (2009). *Imaginar a evidência*, p.27.

5. "O GNRation é um espaço orientado para a promoção de actividades artísticas e para a exploração e disseminação das artes digitais. Através uma estratégia sustentada e de permanente abertura à comunidade pretende afirmar-se como polo aglutinador de dinâmicas culturais e criativas, assumindo-se como um espaço orientado para a sensibilização e formação de novos públicos, expondo-os a práticas artísticas relevantes à luz de uma perspectiva contemporânea e cosmopolita." *In* www.gnration.pt.

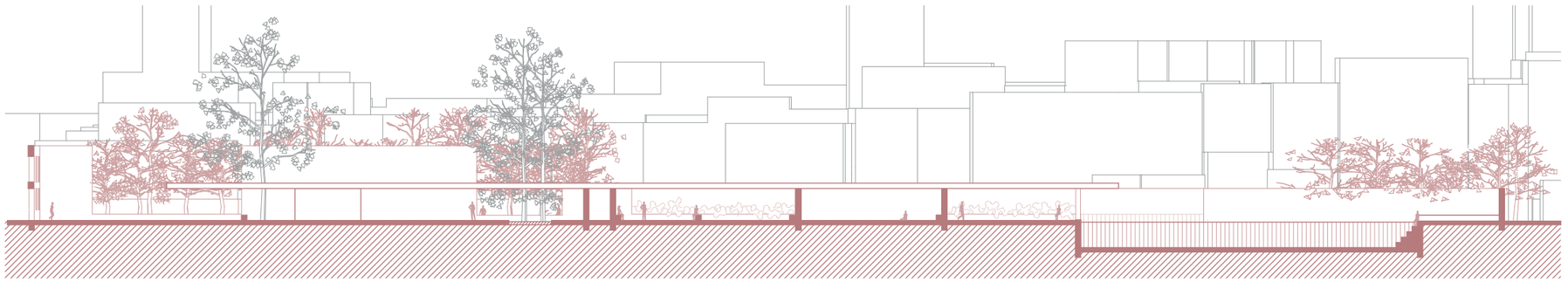
i13

i14

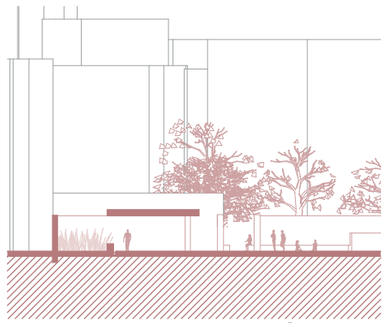
i15



i16



i17



i18

0m 5m

100 Atravessamento e chegada ao miolo do quarteirão: contágio do domínio colectivo no logradouro devoluto.
Projecto de regeneração no centro histórico de Braga.



i12 Ponto de vista 1

i13 Esquisso de estudo para o Pavilhão Sonsbeek, 1966, Arnhem, da autoria de Aldo Van Eyck.

i14 Pavilhão Sonsbeek, 1966, Arnhem, da autoria de Aldo Van Eyck. (Destruído pouco tempo depois da exibição, foi reconstruído em 2006 no jardim do museu Kröller-Müller em Hoenderloo, na Holanda.)

i15 Pavilhão *Percorso*, em Veneza, projecto de Álvaro Siza Vieira.

i16 Vista axonométrica do pavilhão.

i17 Corte longitudinal do pavilhão.

i18 Corte transversal do pavilhão.

o acesso ao miolo do quarteirão, duplica-o, possibilitando um circuito diferente, mais lento e labiríntico (i12).

Este pavilhão conforma vários espaços exteriores e oferece-se à cidade enquanto composição de paredes, muros, bancos, zonas cobertas e descobertas que tanto podem ser usados para feiras ou mercados espontâneos como podem destinar-se a zonas de estar, de reunião e convívio. A organicidade da planta é contrabalançada por uma laje regular que cobre toda a *promenade*, conformada, a sul, por uma sequência de *salas de estar* ao ar livre e, a norte, por uma sucessão de espaços da *natureza* (i16) - uma pequena floresta, um jardim de cheiros e um espelho de água a diferentes cotas, cuja sonoridade acompanha e remata o percurso, impedindo a passagem para a praça de canto, mas permitindo o contacto visual com a mesma (i19). Esta sequência de espaços não praticáveis, cujo alcance físico é interdito, oferece *espessura* à fronteira entre este novo espaço público e os logradouros das casas a norte, assegurando algum distanciamento e privacidade.

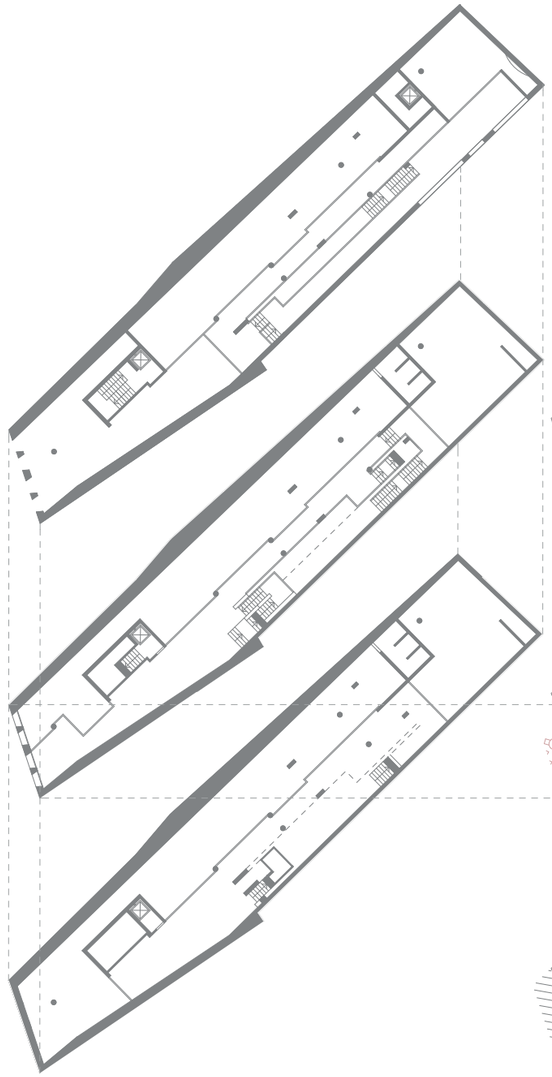
Importante não esquecer que a galeria comercial materializa também um outro ponto de acesso ao miolo do quarteirão. Tendo em conta o bom estado do edifício e o facto de ter apenas uma loja activa, propusemos uma alteração de programa, algo mais relacionado com o tipo de actividades e dinâmicas que queremos provocar no interior do quarteirão - movimento, apropriação, troca e informalidade. Redesenhámo-la como se de um colectivo artístico se tratasse[6]. Sugerimos, para isto, um conjunto de simples intervenções de ajuste dos compartimentos, de forma a adaptar o que são actualmente espaços destinados ao comércio ou a escritórios às novas actividades pensadas para este edifício (i21).

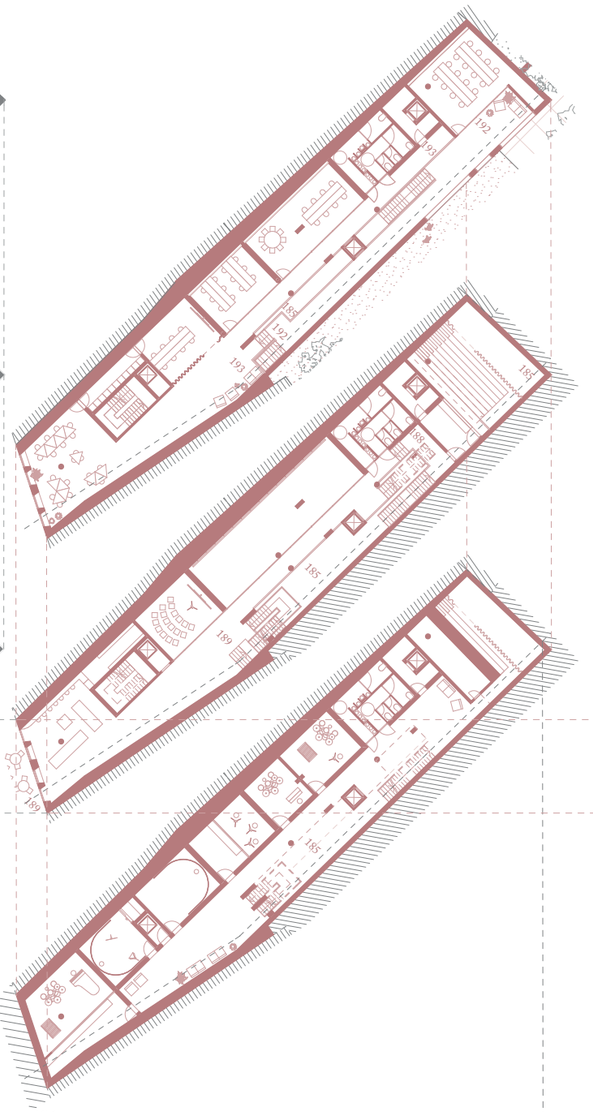
O sistema de meios pisos associado ao jogo de escadas e de mezaninos que organiza o Alameda Shopping é propício a esta ideia de *colaboração* artística (i4, i5, i6); permite estabelecer relações visuais não só entre os vários usuários do equipamento mas também que os transeuntes assistam às actividades que se vão desenrolando ao longo desta rua interiorizada, numa *promenade* que se quer com vida: entram pela loja/cafetaria, passam pelo estúdio de dança e, após subirem as escadas, o caminho até à chegada ao interior do quarteirão é acompanhado por estúdios de arquitectura, design



i19

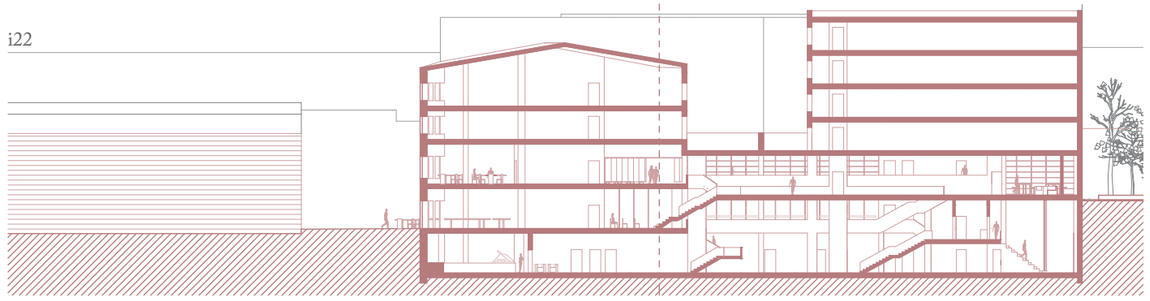
6. Solução muito comum em vários países da Europa, cujo intuito é dar uso a edifícios vazios, incentivando a sua ocupação através de rendas mais baixas. Para além disso, e por resultar normalmente de projectos ou iniciativas colectivas que incluem várias entidades, grupos ou empresas, promovem, também, a troca de influências entre diferentes formas de arte. Este tipo de adaptações já foi experimentado nalguns casos semelhantes, de que são exemplo o shopping Brasília e o centro comercial Stop, ambos no Porto. Os músicos e artistas viram nestas estruturas uma oportunidade para terem os seus estúdios e, incentivados pelas baixas rendas de aluguer, *reciclaram* estes antigos equipamentos comerciais em "salas de ensaio" da cidade, expressão usada numa reportagem da RTP acerca do CCStop. https://www.rtp.pt/noticias/pais/centro-comercial-stop-e-agora-sala-de-ensaios-do-porto_v804412.





i20

i21



i22



i23



i24



i25

0m 5m

102 Atravessamento e chegada ao miolo do quarteirão: contágio do domínio colectivo no logradouro devoluto.
Projecto de regeneração no centro histórico de Braga.

i19 Ponto de vista 2.

i20 Plantas pré-existentes da galeria.

i21 Plantas da proposta para a galeria.
Áreas dos espaços:
Piso 1 (508m²)
Zona Refeições (59m²)
Kitchenette (12m²)
Sala Reuniões (32m²)
Atelier 1 (33m²)
Atelier 2 (52m²)
WC (26m²)
Atelier 3 (55m²)
Piso 0 (403m²)
Entrada/loja (43m²)
Cafetaria (12m²)
Sala Multiusos 1 (32m²)
Sala Multiusos 2 (86m²)
WC (26m²)
Régie (15m²)
Piso -1 (532m²)
Estúdio Música 1 (59m²)
Est. Fotografia 1 (27m²)
Est. Fotografia 2 (30m²)
Est. Música 2 (30m²)
Est. Música 3 (20m²)
Est. Música 4 (27m²)
WC (26m²)
Auditório (76m²)
Arrumos (21m²)

i22 Corte longitudinal da galeria.

i23 Vista axonométrica da galeria e espaço exterior adjacente.

i24 Centro comercial Stop, no Porto.

i25 Auditório no Bairro da Malagueira, em Évora, projecto de Álvaro Siza Vieira.

ou escultura.

É, a nosso ver, fundamental ter as condicionantes da pré-existência em consideração, sendo uma delas a escassez de luz natural, especialmente marcante no piso inferior à entrada[7] (i4). Assim sendo, organizámos os espaços desse piso com estúdios de fotografia, de música ou salas de ensaio, programas que, por exigirem fortes isolamentos de iluminação e som, possam, à partida, estar enterrados e com pouco acesso a iluminação natural.

No piso da entrada, temos, então, a loja/cafetaria (programa mediador entre a rua e o edifício), dedicada à exposição e venda de material produzido nesta cooperativa - fotografias, música, cartazes, esculturas, ou outro tipo de objectos. O acesso ao piso superior, de nível com as plataformas exteriores no miolo do quarteirão, é feito imediatamente a seguir a este espaço de transição, sendo que o que resta do piso de entrada é ocupado por um espaço multifuncional, que pode ser desde um estúdio de dança até uma sala de ensaios de teatro, e por um auditório que se desenvolve em altura desde o piso inferior.

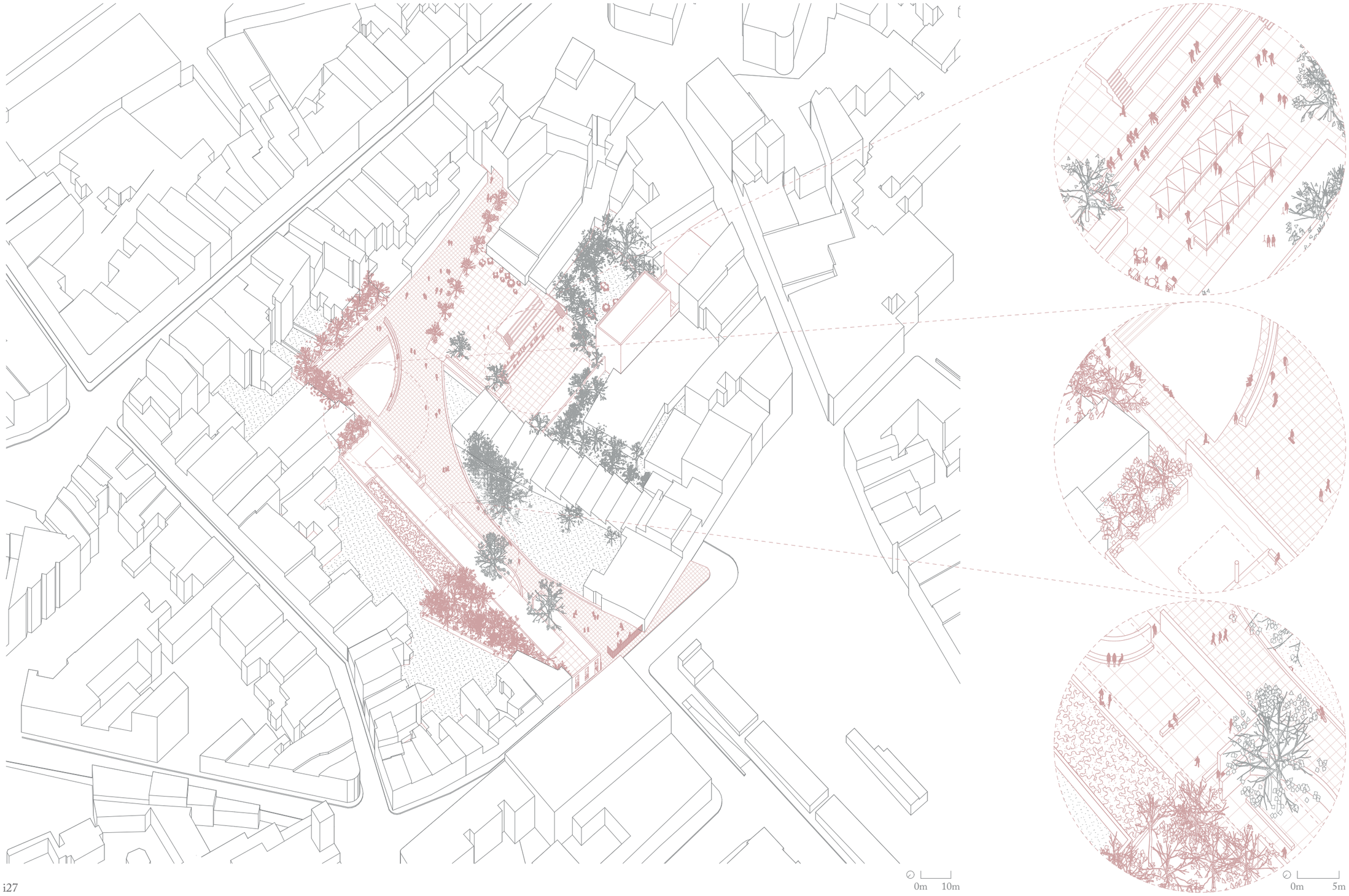
No último piso, o mais iluminado, propusemos o estabelecimento de outros tipos de espaços de produção e experimentação artística, desde ateliers de arquitectura, pintura, produção de imagem, escultura ou design, programas mais exigentes no que respeita à necessidade de luz natural. É nesta zona que o edifício estabelece uma clara relação com o miolo do quarteirão, abrindo-se para uma zona verde, em sombra, com muitas árvores e muros cobertos de trepadeiras (i23). Aproveitamos o declive desta área (cerca de 1,5m) para desenhar um pequeno auditório ao ar livre, enquanto prolongamento da actividade deste colectivo artístico no exterior, possibilitando a realização de concertos, recitais de poesia, peças de teatro ou outro tipo de actividades (i26).

As linhas que aqui propusemos para o redesenho deste espaço público têm *volume*; sugerimos uma composição para o vazio através de um enfiamento de árvores, de um auditório, de um pavilhão e de um muro curvo, procurando oferecer-lhe uma *ordem*, um propósito. O que antes era um atalho pouco usado e até perigoso passa a ser uma rota de arte urbana, uma espécie de novo *fórum* da cidade, propício ao encontro e à troca, e disponível para albergar actividades de carácter cultural como feiras do livro, pequenos pavilhões de exposição temporária ou sessões de cinema ao ar livre. Queremos convidar ao estar, à criatividade e à propagação da cultura.



i26

7. Para além do facto de a fachada poente e parte da fachada nascente serem empenas, não nos é possível abrir clarabóias, devido às habitações e respectivos terraços acima dos pisos de uso colectivo.



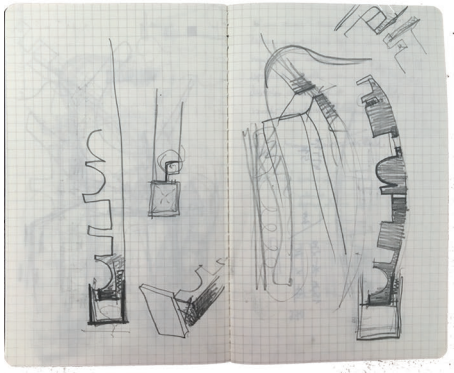
104 Atravessamento e chegada ao miolo do quarteirão: contágio do domínio colectivo no logradouro devoluto.
Projecto de regeneração no centro histórico de Braga.

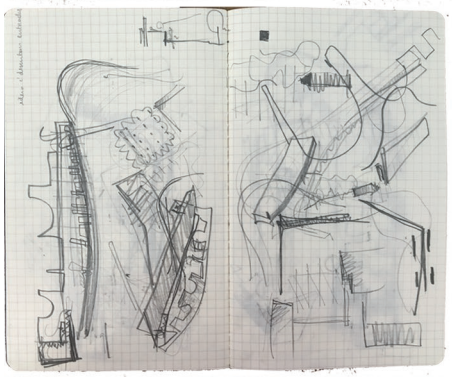
i26 Ponto de vista 3.

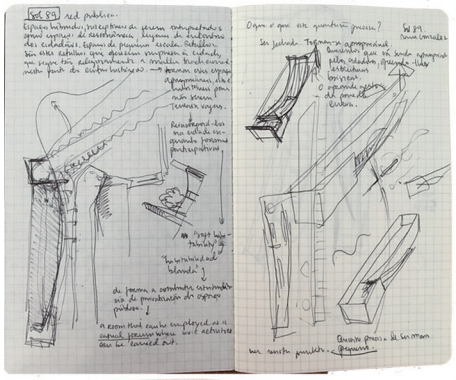
i27 Vista axonométrica da proposta com pormenores.

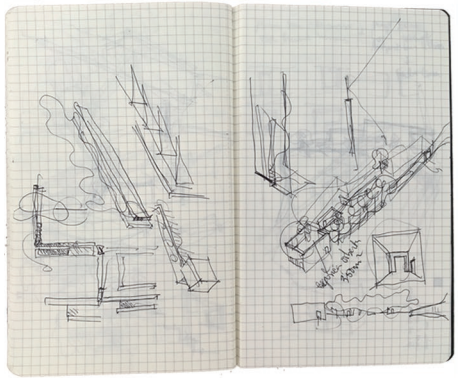
i28 Desenhos de processo.

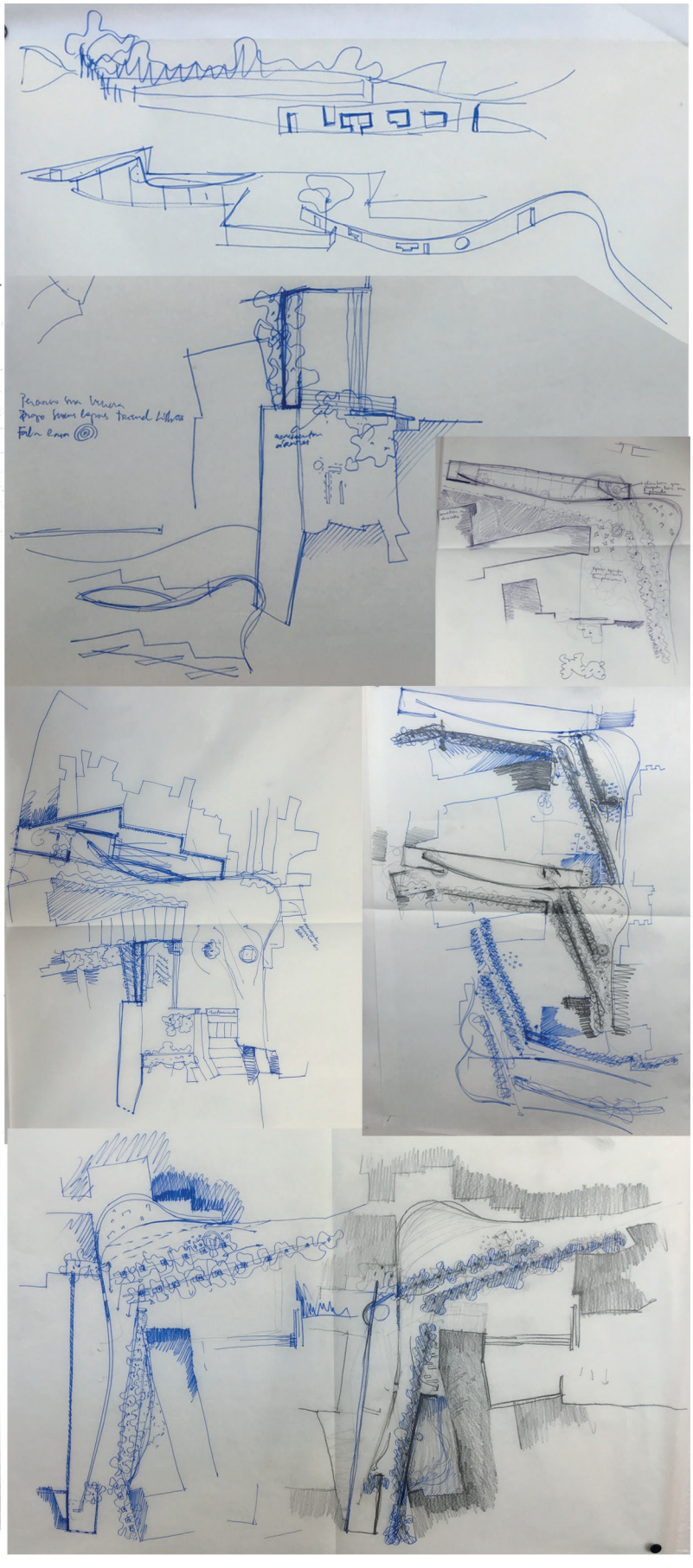
i28

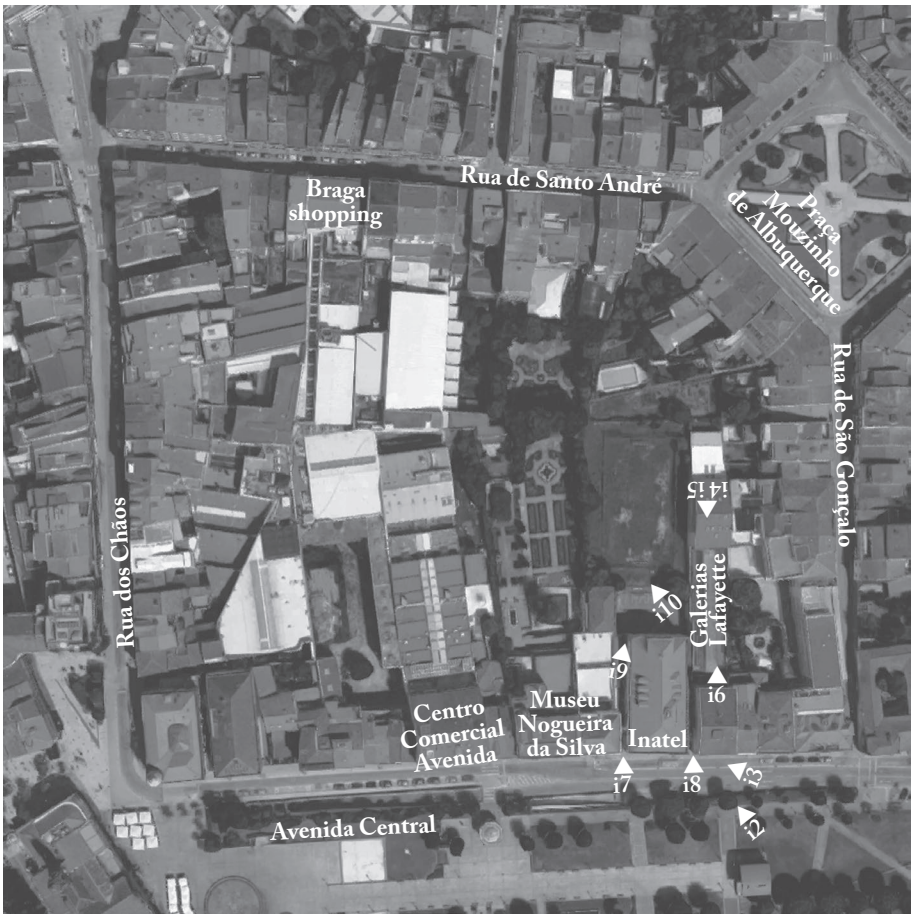











Braga
shopping
Rua de Santo André
Praça
Mouzinho
de Albuquerque
Rua de São Gonçalo
Rua dos Chãos
i4 i5
i10
Galerias
Lafayette
i9
i6
Centro
Comercial
Avenida
Museu
Nogueira
da Silva
Inatel
i7
i8
i3
i2
Avenida Central

i1



i2


LAFAYETTE

i3

4. *Intervenção*
4.3. Projecto
4.3.2. *Sala Lafayette*



i1 Quarteirão em estudo (orientado a norte).

i2 Galeria Lafayette, vista da Avenida Central.

i3 Galeria Lafayette e edifício da Inatel à esquerda.

O quarteirão que agora analisamos é mais *encerrado* sobre si mesmo. Apesar de existirem quatro entradas que permitem o acesso público ao espaço de logradouro por meio dos vários equipamentos comerciais que o foram invadindo nas últimas décadas[1], é de relevância clarificar que estes mesmos acessos não se abrem para o espaço exterior do miolo do quarteirão - percorremos estes edifícios sem ter a exacta noção de onde estamos.

Decidimos, neste caso, intervir apenas na galeria Lafayette. Para além do maior potencial a nível arquitectónico, este edifício apresenta uma taxa de desocupação bastante mais elevada do que o conjunto formado pelo centro comercial Avenida e Bragashopping, sendo, por isso, mais urgente uma proposta de regeneração deste equipamento[2].

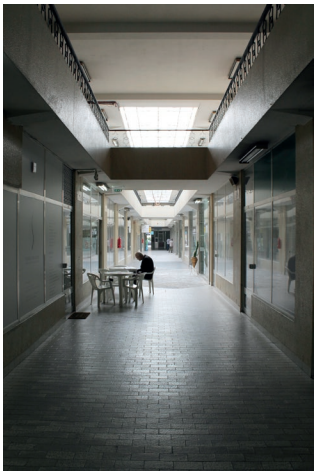
A área desocupada no miolo do quarteirão pode resumir-se ao jardim do Museu Nogueira da Silva, ao espaço nas traseiras da Inatel[3] (uma parte a servir de estacionamento para os trabalhadores (i9), outra em total abandono (i10)) e ao conjunto de quintais das casas que fazem frente à praça Mouzinho de Albuquerque. Sendo que nos propusemos a oferecer uma utilidade urbana às galerias comerciais, isto é, transformá-las de forma a que sejam realmente dispositivos de passagem ou atravessamento, apropriámo-nos não só da galeria Lafayette, mas também da porção abandonada nas traseiras da Inatel (cerca de 1720m^2), com vista a trabalhar uma possível abertura da galeria para um espaço exterior que se possa destinar ao uso colectivo.

Partimos novamente das características do lugar, associadas à análise funcional anteriormente feita, para atribuir um programa de reactivação de ambos os espaços (a galeria e parte do logradouro que lhe é adjacente). Sendo este um quarteirão muito fechado para a cidade, propicia-se uma atmosfera particular, em que o ambiente de silêncio e refúgio induz à introspecção e ao sossego; esta qualidade de encerramento deve-se, em grande medida, aos vários espaços verdes que ainda persistem no quadrante nascente do miolo do quarteirão e ao facto de os vários equipamentos comerciais que

1. A sul através das galerias Lafayette e do centro comercial Avenida, a poente e a nascente a partir do centro comercial Bragashopping (uma extensão do centro comercial Avenida).
2. As galerias Lafayette têm 53 espaços de loja, dos quais 32 estão vazios (60% de taxa de desocupação), enquanto que o centro comercial Avenida e o Bragashopping têm, em conjunto, 143 lojas das quais apenas 16 estão vazias (11% de taxa de desocupação).
3. A Fundação Inatel disponibiliza e organiza actividades nas áreas da hotelaria, turismo social e sénior, ocupações dos tempos livres, da cultura tradicional e desporto amador, sendo tutelada pelo Ministério da Solidariedade, Emprego e Segurança Social.



i4



i5



i6



i7



i8



i9

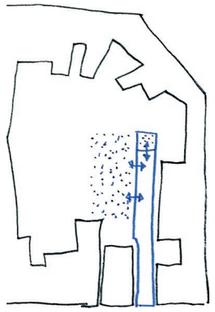


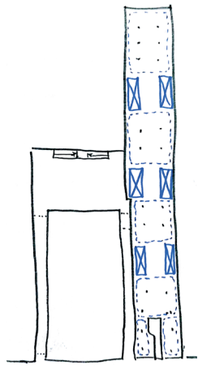
i10

i4 Vista interior da galeria Lafayette (sentido norte-sul no piso 1).

i5 Vista interior da galeria (sentido norte-sul no piso 0).

i6 Vista interior da galeria (sentido sul-norte no piso 0).





i7 Passagem para o interior do quarteirão, lado poente da Inatel.

i8 Passagem para o interior do quarteirão, lado nascente da Inatel.

i9 Vista do interior do quarteirão (galeria Lafayette à direita).

i10 Vista do interior do quarteirão (galeria Lafayette à direita).

o invadiram não se abrirem nem prolongarem para esse vazio. Posto isto, considerámos pertinente que o programa que mais se adapta às condicionantes deste quarteirão é a *sala de estudo* que falta à cidade; para além das qualidades *atmosféricas* do lugar, que podem contribuir para a construção desse ambiente de trabalho que propomos, mais relacionado com o intelecto e concentração, a sua localização acaba por ser também estratégica, na medida em que o edifício está próximo de várias instituições de ensino[4].

A galeria Lafayette, sendo uma das galerias comerciais mais antigas de Braga, segue os traços habituais desta tipologia; apresenta uma estrutura porticada que divide o corredor de circulação dos espaços de loja que se distribuem lateralmente, tendo uma longa clarabóia que ilumina os dois pisos em quase toda a sua extensão (i6).

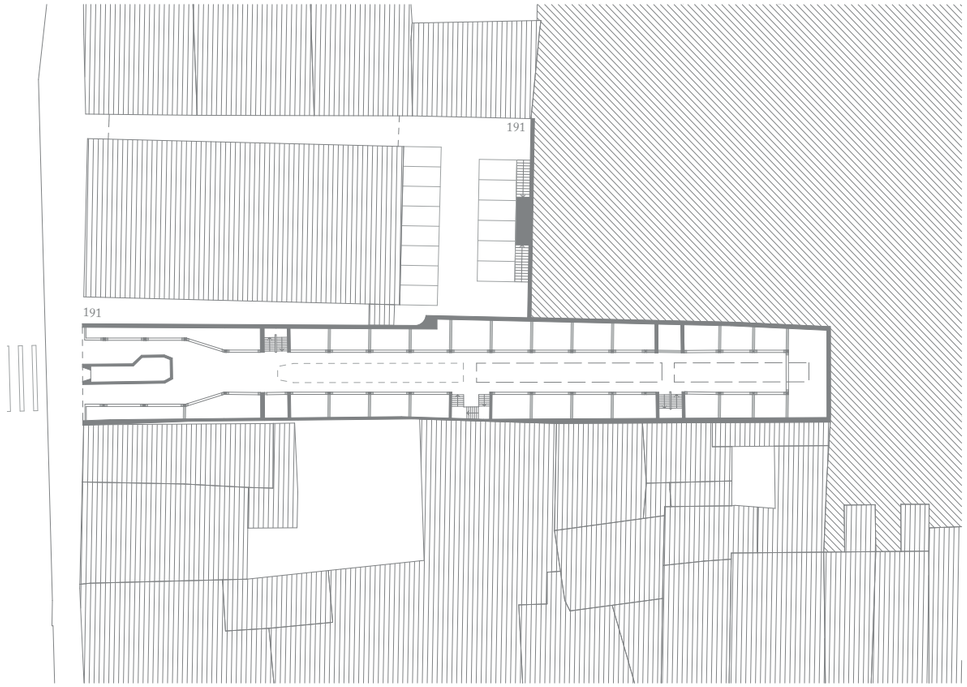
Como dissemos, para além da reprogramação que sugerimos para este edifício, propomos também que a galeria se abra para o miolo do quarteirão, com vista a combater a sensação de perda de referências espaciais e alienação que sentimos quando a percorremos. Para isso, propusemos um pátio no extremo oposto à entrada, a norte, que desenha um remate à circulação imposta pela forma de corredor da pré-existência (i4, i5, i6) e, à cota superior, abrimos o edifício a poente, para o espaço vazio que lhe é adjacente (i9, i10) passando, também, a fazer parte da nossa proposta de requalificação.

Relativamente à galeria, tirámos partido das fontes de luz (de origem e propostas) e da métrica imposta pelo edifício para organizarmos o novo programa que lhe decidimos atribuir. No que respeita à forma, interpretámos a pré-existência como uma espécie de sequência de *carruagens*, cujos limites são definidos pelas caixas de escadas, que, por sua vez, vão marcando, ritmadamente, o percurso. Acentuámos ainda mais esta lógica de *parcelamento* ao associar outro tipo de infra-estruturas, como elevadores ou instalações sanitárias, ao posicionamento das caixas de escadas, com o objectivo de sugerir uma distribuição gradual de salas, de qualidades ou propósitos distintos, sem as encerrarmos necessariamente (i12).

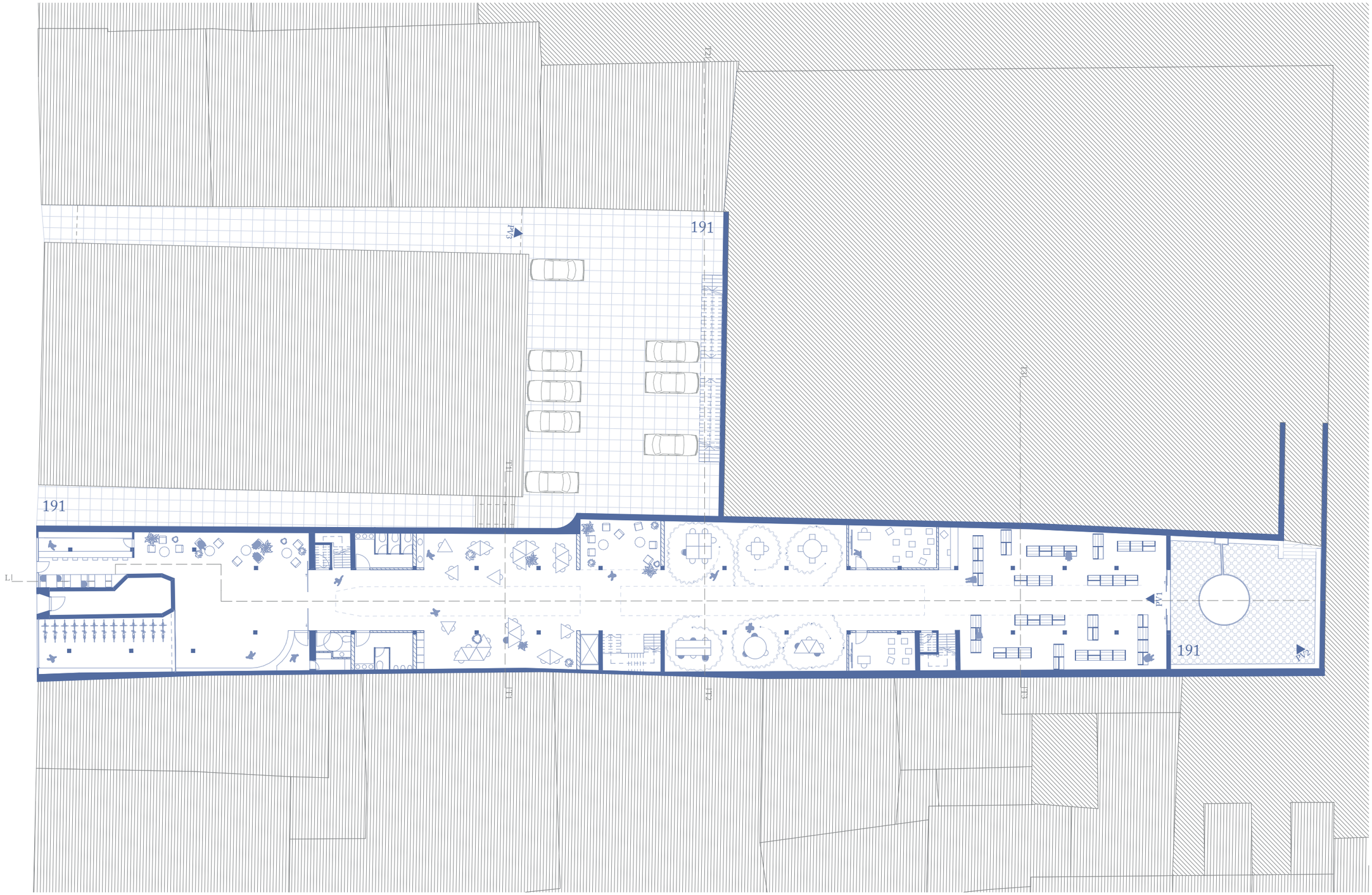
Optámos, também, por fazer uma distinção entre os dois pisos no que respeita à flexibilidade de espaços, às lógicas de circulação e ao tipo de trabalho para o qual se destinam; o piso da entrada presa pela polivalência e informalidade das áreas de estudo, leitura ou escrita e não cede à métrica estrutural imposta pela pré-existência, enquanto que o piso superior impõe uma organização mais metódica dos espaços, sugerindo um ambiente de trabalho mais rigoroso e disciplinado, em relação próxima com o jardim (i14).

4. Num raio de, aproximadamente, 1 km: Escola secundária Sá de Miranda, colégio D. Diogo de Sousa, colégio Teresiano, escola S. João do Souto, escola básica de D. Pedro V, escola básica André Soares, escola básica Francisco Sanches, escola básica de São Vítor, escola secundária Carlos Amarante, escola secundária D. Maria II, colégio D. Pedro V, externato Paulo VI, Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais, Escola Superior de Música e Escola Superior de Enfermagem.





i11



i12

110 Atravessamento e chegada ao miolo do quarteirão: contágio do domínio colectivo no logradouro devoluto.
Projecto de regeneração no centro histórico de Braga.

i11 Planta da galeria pré-existente (piso 1 e piso 0).

i12 Planta da proposta
Piso 0 (1030m²)
- Parque Bicicletas (49m²)
- Cafetaria (33m²)
- Zona de estar (46m²)
- Recepção (8m²)
- Arrumos (4m²)
- WC (33m²)
- Trecho 1 - Espaço informal (109m²)
- Espaço de estar (26m²)
- Trecho2-Casulos(139m²)
- Sala escura 1 (17m²)
- Sala escura 2 (24m²)
- Trecho 3 - Biblioteca (184m²)
- Lugar supervisor (6m²)

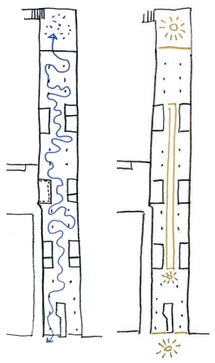
Pátio (120m²)
Acesso e estacionamento Inatel (184m²)

O acesso à *Sala Lafayette* é feito pela Avenida da Liberdade, uma rua bastante movimentada, não só por pessoas, mas também pela grande afluência de trânsito automóvel. O momento de entrada no edifício é bifurcado pelo volume de acesso aos apartamentos e escritórios dos pisos superiores. Esta condição impôs, então, que tivéssemos dois espaços de acesso, diferentes programaticamente, mas ambos pensados como extensões da rua: espaços mestiços que materializam a transição entre a Avenida da Liberdade e o interior do edifício, servindo tanto os utentes do equipamento como qualquer outro transeunte. Posto isto, temos uma cafetaria de estadia rápida, para se tomar um café ou consultar os jornais diários, e uma zona de estacionamento para bicicletas, que pode também servir de espaço coberto, útil na relação com a paragem de autocarros que existe mesmo em frente à galeria. Na continuação destes dois pontos mediadores, e numa zona mais interior e controlada, temos uma recepção e uma sala de estar, com sofás e mesas, que por sua vez sugere uma estadia mais prolongada e recatada, contrastante com o movimento da Avenida - já nos sentimos dentro do edifício.

A parcela seguinte, após passarmos a primeira *divisória* (caixa de escadas e instalações sanitárias), destina-se a um espaço multifuncional, que tanto pode ser uma zona informal de trabalho como uma área de refeições, à semelhança do que acontece, por exemplo, no Bar dos Artistas na Casa da Música (no Porto). A distribuição e organização das mesas variam conforme as necessidades de quem as usa. Entre esta e a próxima *carruagem* existe uma outra *divisória*, um espaço de reunião informal, destinada aos momentos de pausa, que faz frente ao segundo núcleo de acessos.

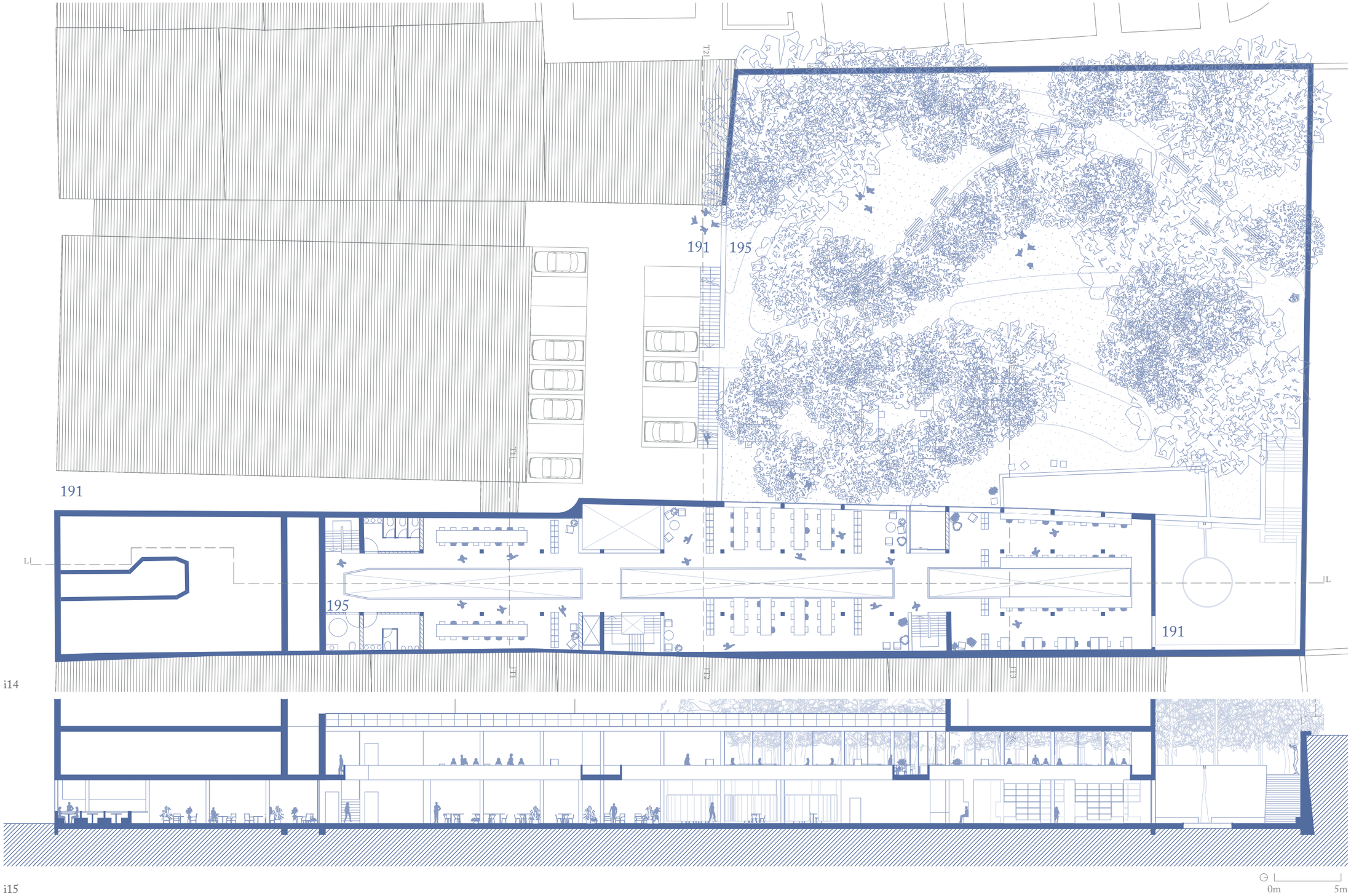
Temos, depois, uma área dedicada ao trabalho em grupo e organizada por *casulos* de paredes têxteis, que, por sua vez, conformam núcleos de trabalho maleáveis, mais abertos ou mais fechados conforme desejado. Enquanto espaço mediador face à parcela seguinte, existem duas *salas escuras*, isoladas do resto do edifício, que podem servir para apresentações de trabalhos ou reunião de grupos, espaços onde as pessoas se podem confrontar com o trabalho produzido ou partilhá-lo com colegas.

Posto isto, chegamos a um espaço de leitura mais individual, uma pequena biblioteca onde as estantes se distribuem de forma labiríntica, conformando, no seu próprio desenho, os bancos de leitura (i13); estabelece-se pela primeira vez desde a entrada uma relação franca com o exterior através de um pátio *interiorizado*, dedicado à deambulação nos momentos de pausa e descanso (i16). É este espaço que vemos desde que entrámos no edifício, e cuja imagem vamos construindo à medida que nos aproximamos. Composto por um espelho de água e mobilado com bancos de pedra encostados às paredes que o conformam, este espaço, para além de oferecer um ponto de chegada ao caminho que temos vindo a fazer, existe também como prolongamento da sala de leitura no exterior, oferecendo-lhe uma atmosfera de relaxamento e concentração.





i13

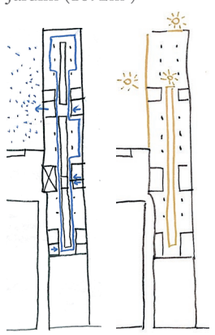


112 Atravessamento e chegada ao miolo do quarteirão: contágio do domínio colectivo no logradouro devoluto.
Projecto de regeneração no centro histórico de Braga.

i13 Ponto de vista 1.

i14 Planta da proposta
Piso 1 (594m²)

WC (34m²)
Trecho 1 - Mesa comum (66m²)
Trecho 2 - Mesa de grupo (85m²)
Trecho 3 - Lugares individuais (106m²)
Jardim (1692m²)



i15 Corte longitudinal da proposta para a galeria.

O avanço das escadas sugere a presença de algo mais a descobrir à cota superior, sendo esta uma das formas de aceder ao jardim.

O piso de cima, por outro lado, e apesar de seguir a mesma lógica de *parcelamento* dos espaços, funciona enquanto área de trabalho mais reservada e recolhida; o mobiliário impõe-se de forma mais rígida, orientando-se conforme a localização das fontes de iluminação natural. Enquanto que, no primeiro trecho, as mesas estão simetricamente colocadas, tendo a clarabóia como eixo referencial, no segundo as mesas viram-se para poente, de forma a se aproximarem da clarabóia e do jardim, respectivamente. Por último, na zona de trabalho individual, os pontos de luz são apenas os vãos a poente e a janela virada a norte[5], fazendo com que nesta *parcela* os lugares se organizem de forma distinta. Acaba por ser uma estratégia de organização oposta à do piso inferior; enquanto que no rés-do-chão os pontos de luz são a entrada e o pátio no extremo oposto, impondo um eixo de distribuição mais rígido (acentuado pela luz zenital da clarabóia), no piso superior os pontos de luz vão surgindo de forma mais desorganizada - a partir da clarabóia (no primeiro e segundo trecho), dos vãos que propusemos a poente (no segundo e terceiro trecho) e da janela a norte (no terceiro trecho).

Os cacifos[6] orientam a circulação, direccionando os percursos e oferecendo alguma protecção aos espaços de trabalho; conformam zonas de filtro, disponíveis para momentos de pausa no estudo, que quebram a lógica mais repetitiva de mobiliário e propiciam ocasiões de surpresa, num percurso que poderia tornar-se monótono. Estes espaços de excepção estão estrategicamente localizados próximos das caixas de escadas, funcionando como zonas mediadoras entre as *carruagens* e estabelecendo, por vezes, uma relação directa com o piso inferior, através de mezaninos ou dos próprios vãos de escada.

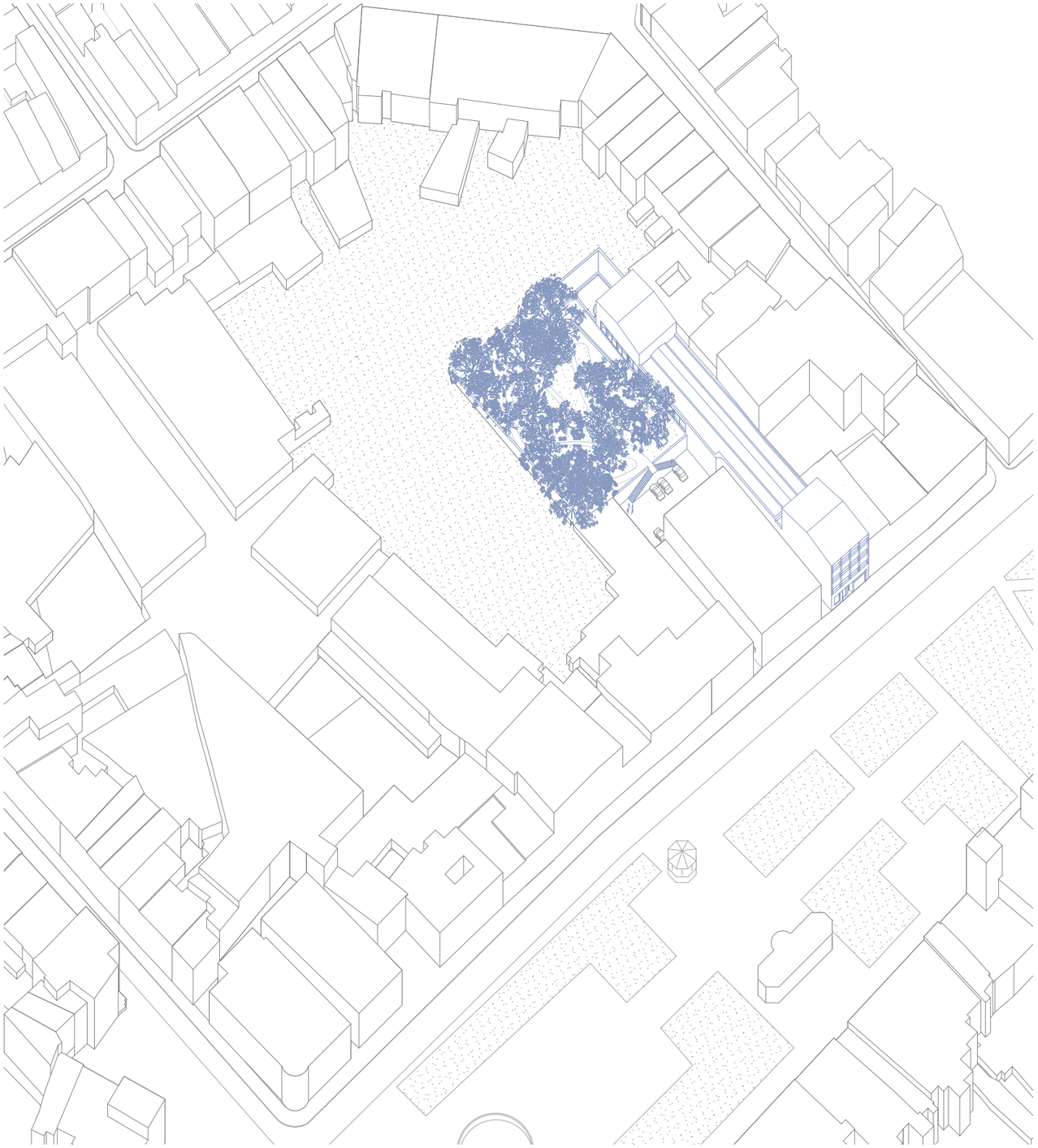
Desenhámos, também, um espaço de transição de acesso ao jardim, confrontado por uma massa de árvores que oferece sombra a um conjunto de mesas e bancos de exterior, onde as pessoas podem almoçar, ler ou, simplesmente, estar, próximas do tanque. Enquanto que no segundo trecho as mesas de trabalho, transversais à fachada, se viram para o arvoredo, no terceiro a mesa debruça-se sobre o tanque no exterior, contribuindo para uma forma de trabalho mais íntima e em relação de grande proximidade com o jardim.

Como dissemos antes, a *Sala Lafayette* procura, não só complementar, como tirar partido das qualidades inerentes a este novo espaço verde no coração do centro histórico, em grande medida relacionadas com o ócio, a deambulação e a introspecção.



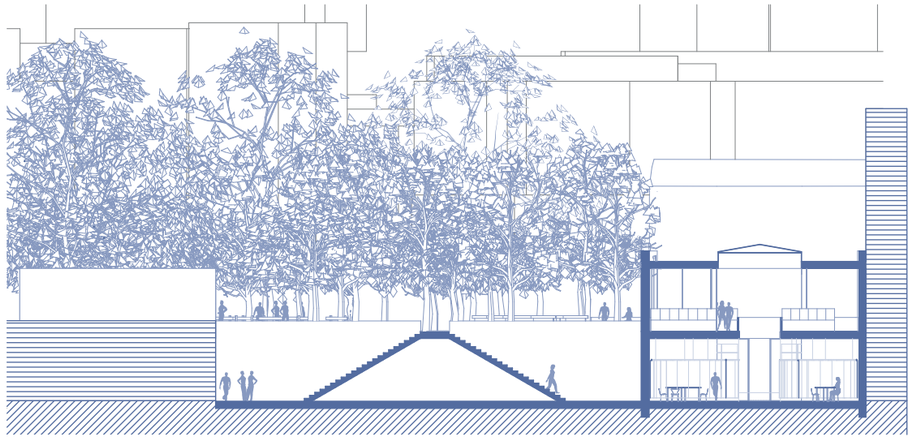
i16

5. Por existirem pisos acima desta parte do edifício, não existe uma clarabóia nesta *carruagem*.
6. Os cacifos oferecem um certo carácter de regularidade a este equipamento, permitindo que o utente do espaço, no caso de estar a desenvolver um trabalho mais demorado, possa deixar lá alguns objectos durante um determinado período de tempo.



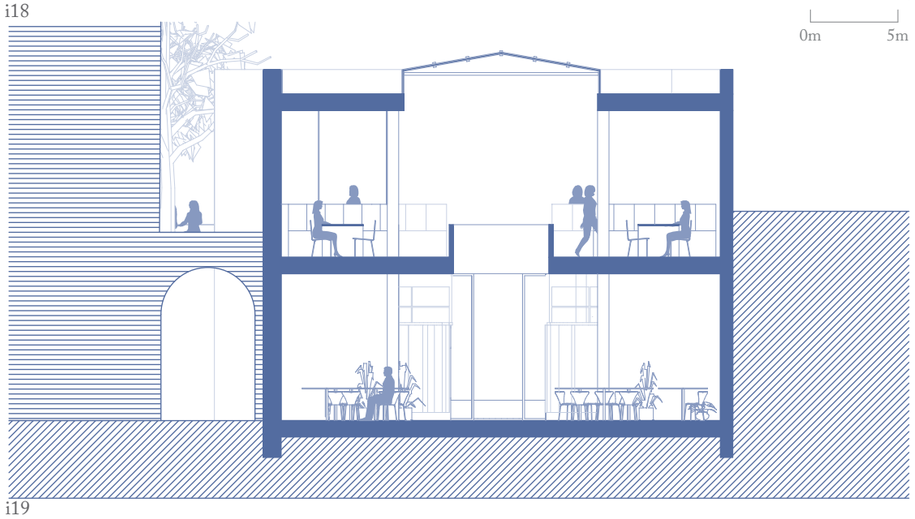
i17

0m 20m

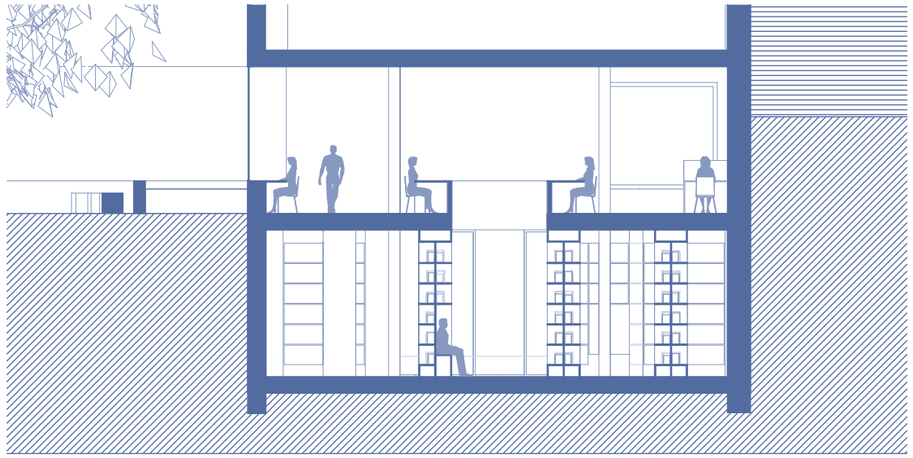


i18

0m 5m



i19



i20

0m 2m

114 Atravessamento e chegada ao miolo do quarteirão: contágio do domínio colectivo no logradouro devoluto.
Projecto de regeneração no centro histórico de Braga.

i16 Ponto de vista 2.

i17 Vista axonométrica da proposta.

i18 Corte transversal 2 da proposta para a galeria.

i19 Corte transversal 1 da proposta para a galeria.

i20 Corte transversal 3 da proposta para a galeria.

Existem várias formas de se aceder a este espaço; para além dos pontos de ligação que estabelece com o equipamento (através do pátio no piso inferior, ou directamente a partir do piso de cima), é também possível alcançá-lo a partir das ruelas tangenciais ao edifício do Inatel, ligeiramente afastado dos edifícios que o ladeiam (i7, i8).

Após visitarmos o jardim do Museu Nogueira da Silva, fomos em grande parte influenciados pelo seu ambiente de silêncio e recato. Apesar disso, não quisemos seguir a mesma lógica de desenho por ser, em certa medida, autera e pouco flexível, primando pela simetria e disciplina; pretendemos, pelo contrário, sugerir percursos sinuosos que impedissem a leitura imediata dos limites do espaço, enriquecendo o ambiente de estudo e exercício intelectual da *Sala Lafayette*. Não desenhámos pontos de fuga, mas uma sucessão de vistas e enquadramentos que convidam à descoberta através da perambulação. Os vários percursos têm propósitos e caracteres distintos, misturando-se e cruzando-se numa rede *orgânica* de caminhos que, por sua vez, conformam espaços relvados, propícios a momentos de preguiça ou relaxe.

Mantém-se, assim, o carácter de fechamento característico deste quarteirão, traço que oferece a este novo espaço público uma qualidade distinta dos espaços públicos existentes convencionais; torna-se um lugar fora de todos os lugares, uma espécie de *oásis verde* no centro histórico de Braga (i21). Os ruídos da cidade desvanecem e estamos resguardados do turbilhão do quotidiano. Por outro lado, a faceta heterotópica do edifício pré-existente desvanece; o sentimento de alienação e fechamento que experienciávamos na galeria comercial é anulado pelo facto de o edifício se abrir para o exterior - para o pátio no piso térreo e para o jardim no piso de cima -, fazendo com que o utilizador esteja consciente do espaço em que *habita*.



i21

i22



i23

i24

i25

i26

i27

0m 5m

116 Atravessamento e chegada ao miolo do quarteirão: contágio do domínio colectivo no logradouro devoluto.
Projecto de regeneração no centro histórico de Braga.

i21 Ponto de vista 3.

i22 Vista axonométrica da proposta.

i23 Jardins da Gulbenkian, em Lisboa, projecto paisagístico de Gonçalo Ribeiro Telles.

i24 Quinta da Conceição, em Leça da Palmeira, projecto de Fernando Távora.

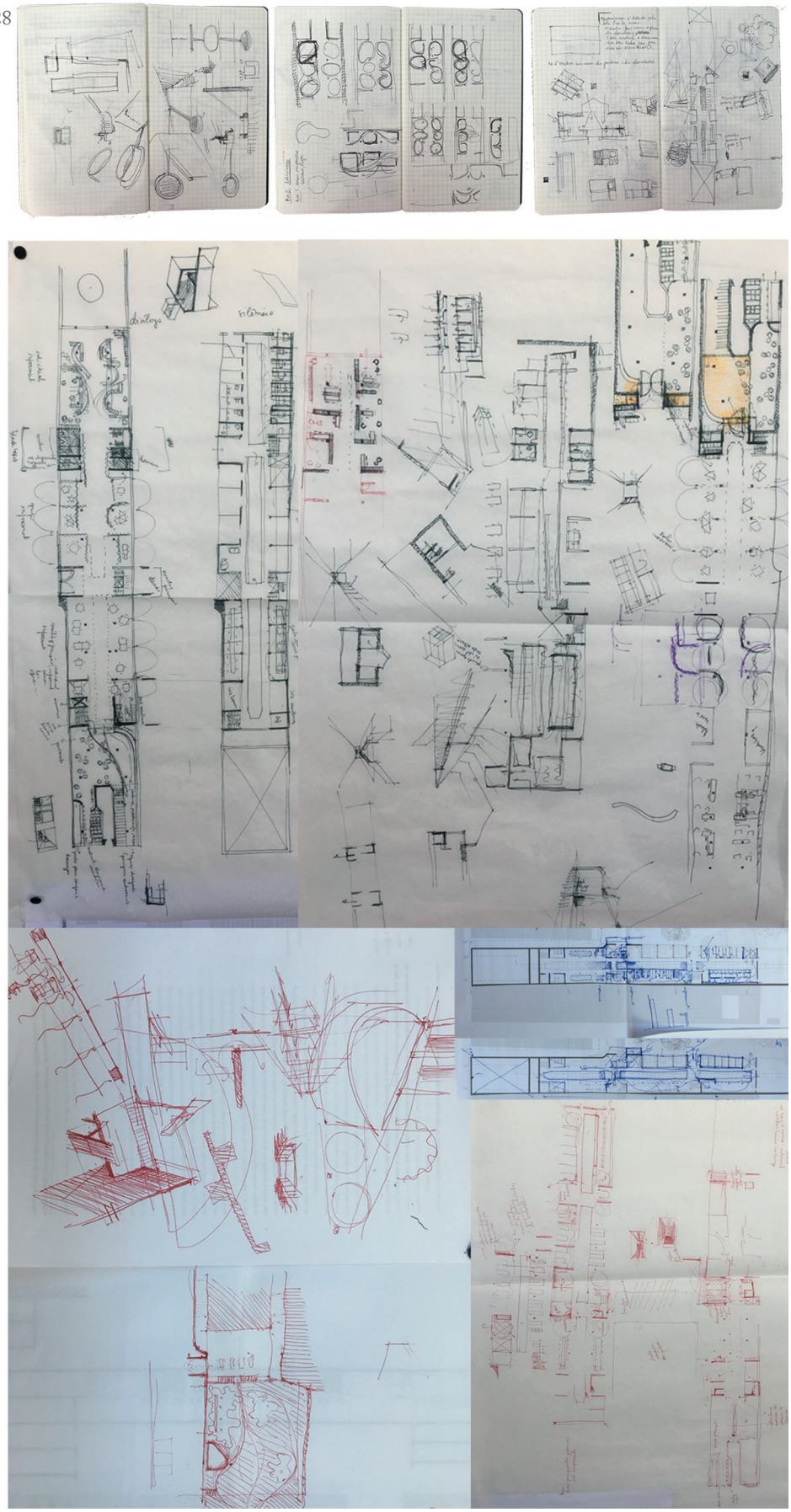
i25 Jardins de Charlottenhof, projecto paisagístico de Peter Joseph Lenné.

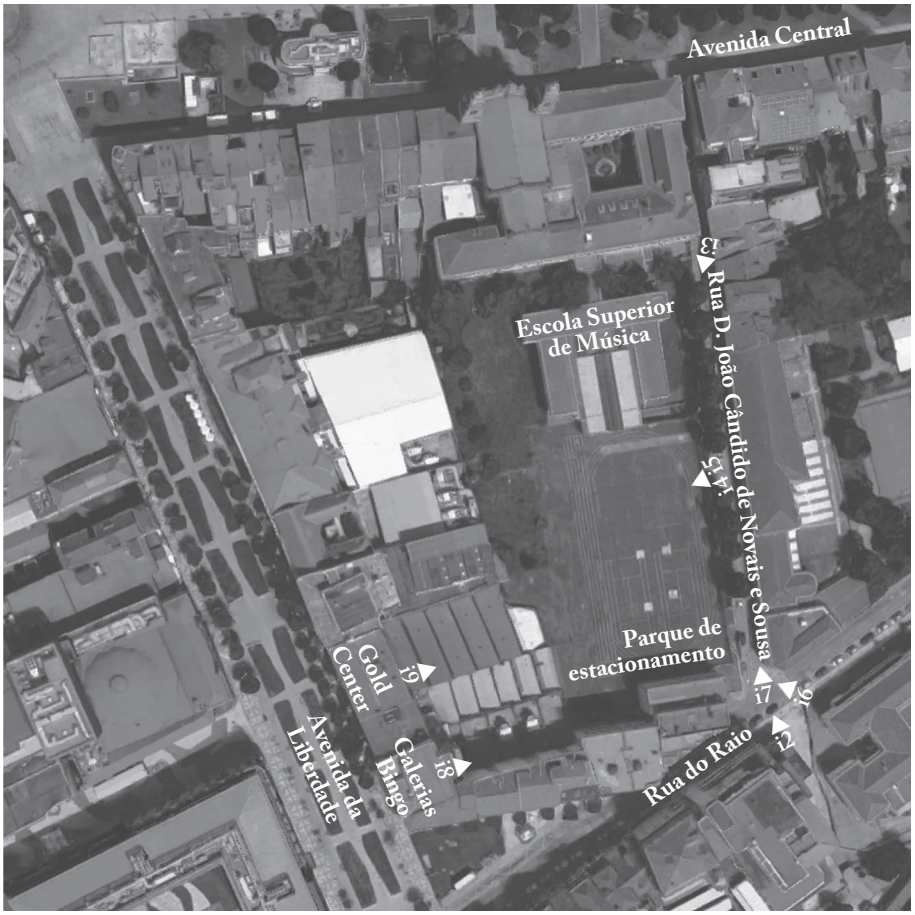
i26 *(Un)curtain office*, em Liubliana, projecto de Dekleva Gregoric.

i27 Biblioteca Almeida Garrett, no Porto, projecto de José Manuel Soares.

i28 Desenhos de processo.

i28




Avenida Central
Escola Superior de Música
Rua D. João Cândido de Novais e Sousa
Parque de estacionamento
Gold Center
Galerias Bingo
Avenida da Liberdade
Rua do Raio
i1
i2
i3
i4
i5
i6
i7
i8
i9

i1

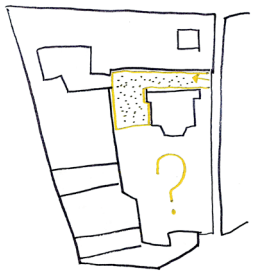


i2



i3

4. *Intervenção*
4.3. Projecto
4.3.3. *Recreio do Raio*



i1 Quarteirão em estudo (orientado a norte).

i2 Vista do cruzamento da rua do Raio com a rua D. João Cândido Novais (sentido sul-norte).

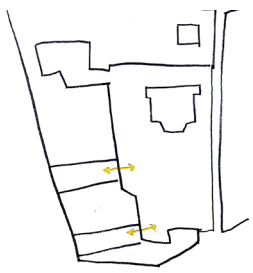
i3 Vista do cruzamento da rua do Raio com a rua D. João Cândido Novais (sentido norte-sul; Escola Superior de Música à direita).

Este quarteirão sofreu sérias alterações na transição entre as décadas de 80 e 90 do século passado, devido à construção do parque de estacionamento do Raio[1], intervenção que veio ocupar grande parte do seu espaço de logradouro. Apesar disso, essa área já tinha sido usada para actividades do foro colectivo, nos tempos em que era propriedade da Escola Industrial e Comercial de Braga.

Este caso de estudo distingue-se dos anteriores por ter apenas três frentes construídas, sendo que a quarta, virada a nascente, vai ganhando leitura à medida que descemos a rua D. João Cândido de Novais e Sousa, não só através de uma linha de árvores, mas também da parede que conforma o parque de estacionamento (i6, i7). Tanto a Avenida da Liberdade como a rua D. João Cândido de Novais e Sousa têm uma pendente considerável, descendo no sentido norte-sul; por isso, a plataforma de cobertura do parque de estacionamento que nivela a cota do espaço de logradouro à cota do acesso norte, pela Avenida Central, chega a atingir aproximadamente seis metros de altura na frente oposta, no cruzamento com a rua do Raio, que, por sua vez, se encontra a uma cota inferior, permitindo que se desenhe aí a entrada para parque de estacionamento (i2).

Este nivelamento *asfixia* os pisos térreos dos edifícios que conformam o quarteirão a poente e a sul, por norma de carácter comercial ou cumprindo outro tipo de serviços como garagens ou armazéns, onde se incluem as galerias comerciais em estudo (Galerias do Bingo e Gold Center).

Nos dias de hoje, o miolo do quarteirão (grande parte ocupado pelo parque de estacionamento) está vedado em toda a sua extensão (i6, i7), sendo apenas possível aceder à área correspondente à Escola Superior de Música. Somos, então, confrontados com este espaço vazio no coração da cidade, uma plataforma de dimensões consideráveis (cerca de 4 500 m^2), completamente inacessível e sem qualquer utilidade, mas com potencial para ser mais do que uma cobertura de um parque de estacionamento.



A questão aqui levantada passa, não só por procurar uma forma de explorar ao máximo o papel ou participação que esta infra-estrutura pode ter na cidade, mas também por resolver a relação ambígua e de contra-senso que o parque de estacionamento estabelece com as galerias, na medida em que estas se abrem para os vários andares do parque e se fecham para a cota superior da plataforma de cobertura do mesmo, não usufruindo dela.

1. Inaugurado em 1991.



i4



i5



i6



i7



i8



i9

i4 Vista do interior do quarteirão, a partir da rua D. João Cândido de Novais e Sousa.

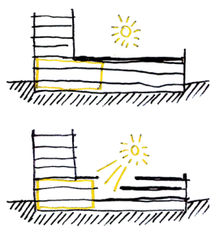
i5 Vista do interior do quarteirão, a partir da rua D. João Cândido de Novais e Sousa.

i6 Vista da rua D. João Cândido de Novais e Sousa, a partir do cruzamento com a Rua do Raio.

i7 Vista da rua D. João Cândido de Novais e Sousa, a partir do cruzamento com a Rua do Raio, parque de estacionamento à esquerda.

i8 Vista do interior das Galerias do Bingo (passagem para o parque de estacionamento ao fundo).

i9 Vista do interior do Gold Center (passagem para o parque de estacionamento ao fundo).



Por outro lado, e contrariamente à abordagem que tivemos relativamente aos outros casos de estudo, não questionamos nem a pertinência do parque, na medida em que é conveniente para o fluir do trânsito automóvel e para resolver a falta de lugares de estacionamento nesta parte da cidade, nem o carácter comercial das galerias, visto fazerem frente a uma das ruas com maior procura comercial da cidade, a Avenida da Liberdade, e terem uma taxa de ocupação considerável[2]. Para além disso, alguns destes espaços oferecem um tipo de comércio ou serviço menos *mainstream*, que acaba por servir de complemento ao comércio tradicional; são exemplo disso as lojas de tatuagens, o espaço de cinema pornográfico, os consultórios para leitura de cartas *tarot*, a sala de bilhar, entre outros (podemos dizer, até, que têm um pouco do carácter boémio e escondido das galerias parisienses). Desta forma, decidimos não intervir programaticamente nem nas galerias, nem no parque de estacionamento.

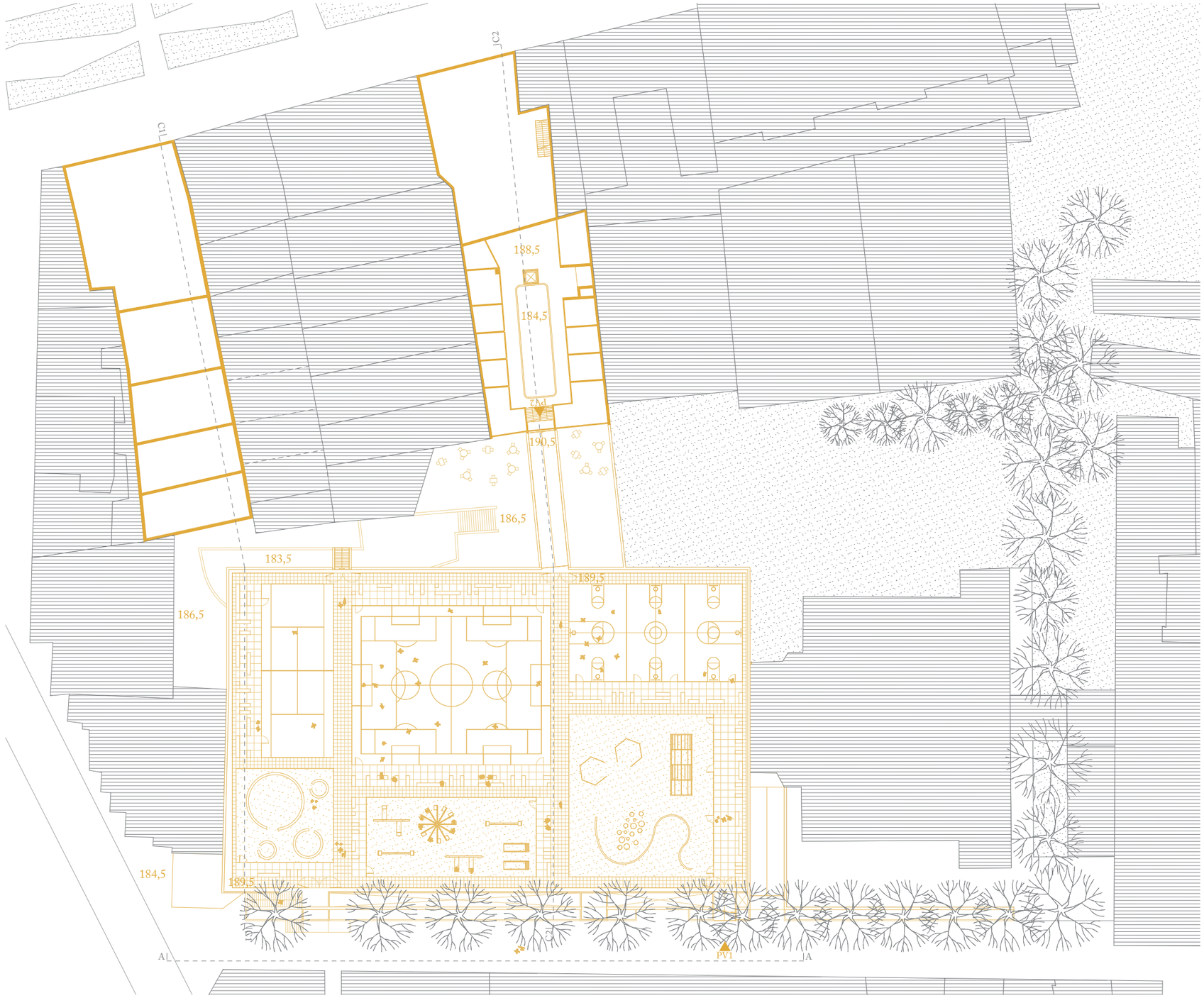
Concluímos também que, tendencialmente, as áreas com menor ocupação das galerias são as menos iluminadas, correspondentes aos pisos subterrâneos e à zona mais profunda dos edifícios, do lado oposto à entrada. Apesar de permitirem o atravessamento desde a Avenida da Liberdade até à rua D. João Cândido de Novais e Sousa (através dos pontos de ligação que estabelecem com o parque de estacionamento) estas galerias não têm o carácter de rua nem são qualificadas para se poderem intitular de atalhos urbanos. Os momentos de articulação com o parque são espaços muito escondidos, nitidamente não planeados e pouco claros no papel que desempenham na cidade; o propósito da sua construção nunca foi possibilitar o atravessamento público do espaço privado (ou, neste caso, privatizado) do logradouro, mas sim acrescentar novos pontos de acesso ao parque de estacionamento.

A nossa proposta procura, desta forma, clarificar o encontro das galerias comerciais com o miolo do quarteirão, através do redesenho dos espaços de articulação entre estes edifícios e o parque de estacionamento. A reanimação das Galerias do Bingo e do Gold Center ocorre, então, paralelamente ao projeto de reutilização do miolo do quarteirão, que para além de procurar oferecer um ponto de chegada às mesmas, pode, também, vir a ser um motor de reactivação dos espaços de loja que se localizam nas áreas mais profundas e escuras destes equipamentos comerciais.

Com vista a resolver a falta de luz natural na parte nascente das galerias do Bingo e Gold Center, propusemos *escavar* o volume do parque de estacionamento. A abertura destes pátios garante, não só a entrada de luz nos edifícios, mas também no parque de estacionamento, oferecendo, ao mesmo tempo, novas possibilidades de diálo-

2. As Galerias do Bingo têm 12 espaços de loja dos quais apenas 2 estão desocupados (83% de taxa de ocupação) e o Gold Center tem 35 espaços de loja dos quais 10 estão desocupados (72% de taxa de ocupação).





i14



i15

i16

122 Atravessamento e chegada ao miolo do quarteirão: contágio do domínio colectivo no logradouro devoluto.
Projecto de regeneração no centro histórico de Braga.

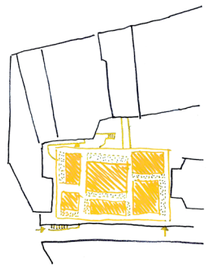
i10 Planta pré-existente do parque de estacionamento e das galerias do Bingo e Gold Center, piso -1.

i11 Planta da pré-existência, piso 0.

i12 Planta da pré-existência, piso 1.

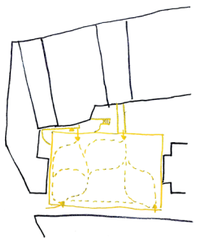
i13 Planta da pré-existência, cobertura do parque de estacionamento.

i14 Planta da proposta para a plataforma de cobertura.



i15 Planta da proposta para o piso 0.

i16 Planta da proposta para o piso 1.



go entre os diferentes tipos de estabelecimentos no interior das galerias e os vários pisos do estacionamento. Por exemplo, a academia de dança *Adaggio*, que ocupa inteiramente o primeiro andar das Galerias do Bingo, poderia usufruir de um espaço exterior (coberto ou descoberto) para algumas aulas ou até para apresentações de coreografias e os cafés e restaurantes no extremo nascente do piso da entrada do Gold Center, poderiam prolongar-se num espaço de esplanada exterior.

Relativamente ao programa que motiva o redesenho da plataforma, e revisitando o levantamento programático feito numa fase anterior do trabalho, considerámos oportuno atribuir a este logradouro (des)ocupado um programa familiar associado ao recreio e ao desporto, por ser um espaço relativamente amplo, de cota estável que, para além de estar numa área bastante densa no que respeita a escolas e infantários, se encontra afastado do trânsito automóvel[3]. Através de um composto de parques infantis e campos de desporto variados, compensamos a falta de estruturas dedicadas ao lazer nesta zona da cidade e complementamos o centro desportivo da Rodovia com um novo espaço recreativo no centro histórico: devolvemos esta plataforma à cidade na forma de *recreio urbano*.

Do ponto de vista urbano e de implantação, achamos fundamental materializar a frente menos definida do quarteirão (a nascente), de modo a oferecer alguma estabilidade à rua D. João Cândido de Novais e Sousa. Para isso, desenhámos este espaço público como se de uma pequena *cidade* se tratasse: com *ruas, praças* e *edifícios*, procurando, ao mesmo tempo, uma ordem, uma métrica, a partir da qual estabelecemos prioridades, ora de percurso, ora de acesso, ora de estar.

O acesso a esta plataforma a partir das galerias é feito por um percurso labiríntico que pode incluir as caixas de escadas no interior das mesmas ou ser feito por um circuito exterior, que liga as várias plataformas do estacionamento. Para além destes acessos a partir da Avenida da Liberdade, por intermédio das galerias comerciais, propusemos outras duas possibilidades de entrada no *Recreio do Raio*, mais imediatas. Uma delas é feita a meio da rua D. João Cândido de Novais e Sousa, momento em que a plataforma de cobertura do parque de estacionamento fica aproximadamente à mesma cota da rua, possibilitando uma forma de acesso nivelada (i17). A outra tem lugar no encontro dessa mesma rua com a rua do Raio, mais a sul (i24).

O posicionamento dos *edifícios*, extrudidos do chão através das redes que os conformam, origina uma malha de *arruamentos* que, por sua vez, garante os acessos aos campos de desporto ou de brincadeira e conforma, em conjunto com eles, as *praças,* espaços dedicados ao encontro, ao descanso, ao convívio ou à supervisão. Cada *edifício*



i17

3. O trânsito na rua D. João Cândido de Novais e Sousa é maioritariamente pedonal, permitindo apenas a passagem esporádica dos carros que saem do estacionamento, e que, por isso, andam a uma velocidade sempre bastante controlada.



i18

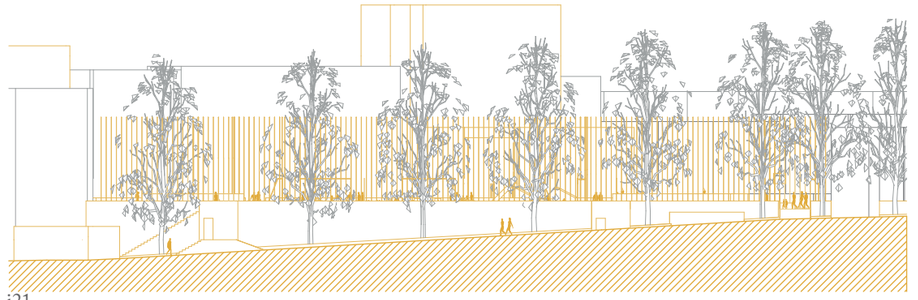
0m 20m



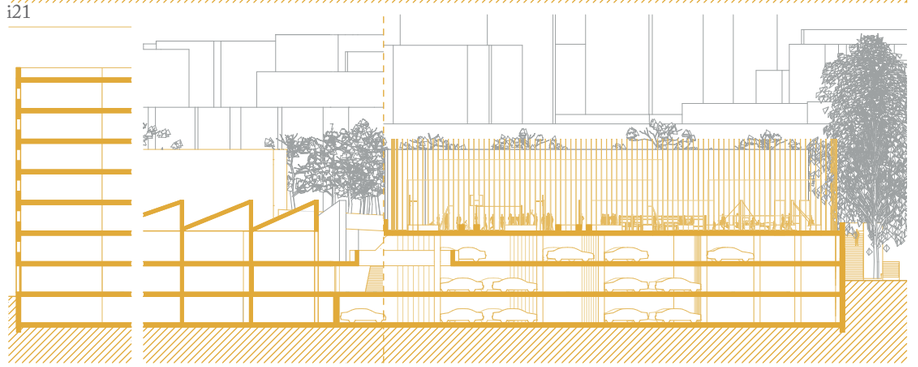
i19



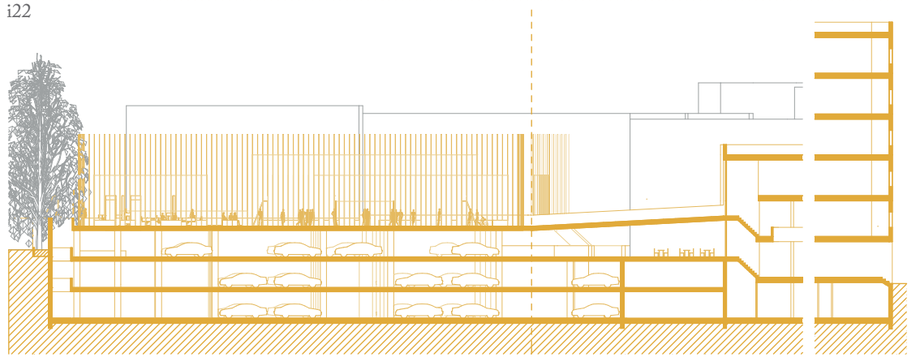
i20



i21



i22



i23

0m 10m

124 Atravessamento e chegada ao miolo do quarteirão: contágio do domínio colectivo no logradouro devoluto.
Projecto de regeneração no centro histórico de Braga.

i17 Ponto de vista 1.

i18 Vista axonométrica da proposta.

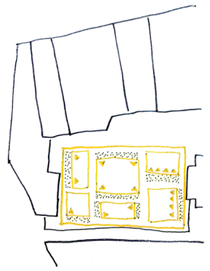
i19 Cobertura da Unidade de Habitação de Marselha, 1952, projecto de Le Corbusier.

i20 Parque de estacionamento da Mumadona, Guimarães, projecto de Álvaro Siza.

i21 Alçado da proposta.

i22 Corte transversal 1 da proposta.

i23 Corte transversal 2 da proposta.



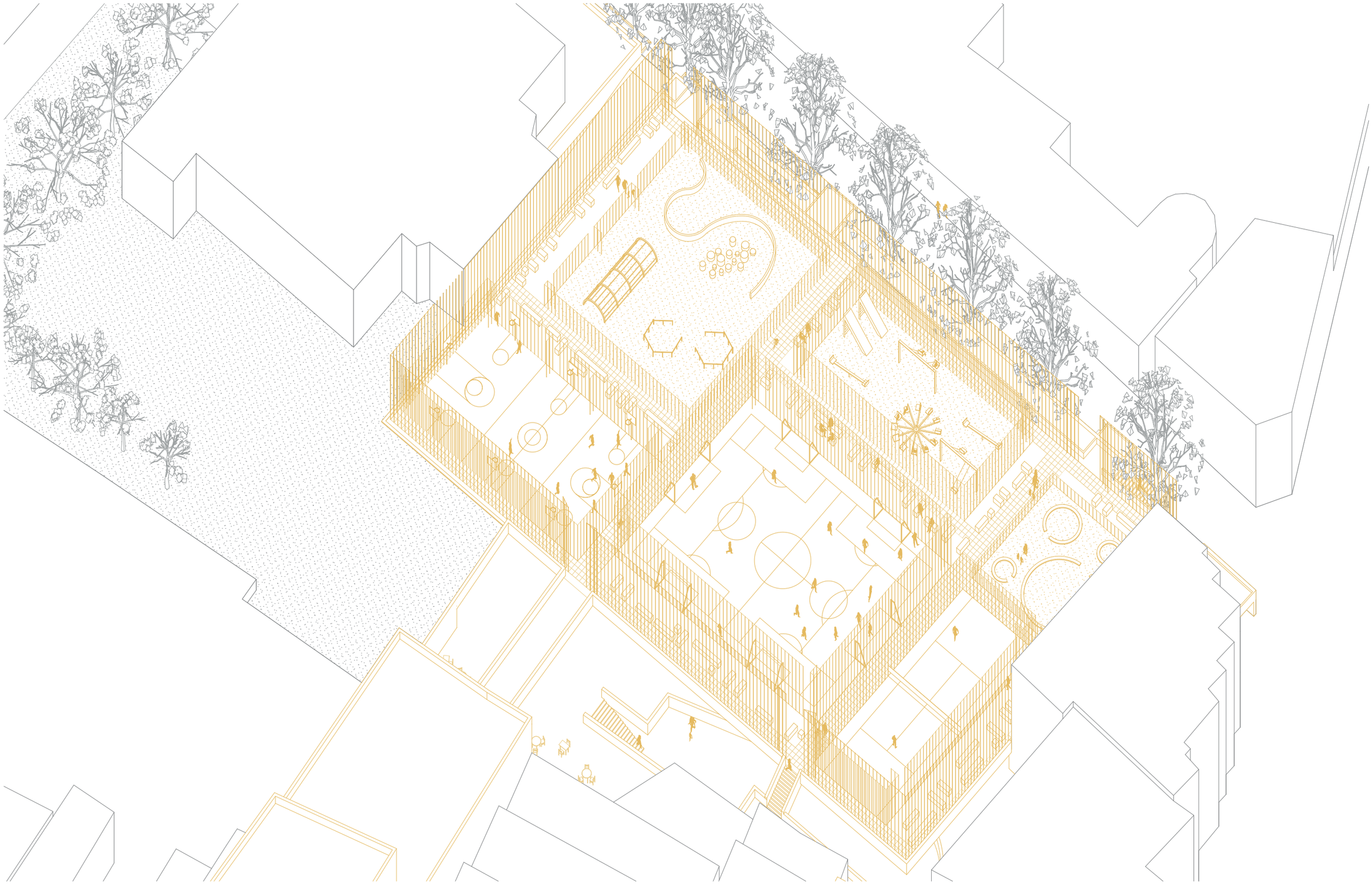
tem, desta forma, um espaço livre correspondente. O pavimento, em conjunto com as *paredes* dos vários campos de desporto e de brincadeira, sugere a distinção entre as *ruas* e as *praças*; a malha de pavimento mais apertada (lajeado de 0,50x0,50 m) indica a circulação, enquanto que a malha mais larga (lajeado de 1x1 m) conforma os espaços de estar, desenhados, também, por mobiliário urbano cuja disposição convida ao convívio e ao diálogo, por exemplo, entre pais que observam os filhos a brincar ou entre colegas que descansam entre partidas.

Os gradeamentos que limitam a malha *edificada* variam em altura e transparência conforme o tipo de actividade que cumprem: modalidade de desporto ou faixa etária para a qual se destinam. Importante referir que os desportos escolhidos para este projecto são apresentados a título de exemplo; queremos que sejam interpretados como estruturas adaptáveis que podem vir a ser usadas para outros desportos ou propósitos, como dança, ginástica ou patinagem, por exemplo. Por outro lado, desenhámos os parques infantis de forma a que se adequem às várias idades das crianças e haja mais variedade, por considerarmos que os que existem na cidade seguem todos uma norma standardizada. Propomos um conjunto de espaços que incitem as crianças a encontrarem novas formas de brincar, estimulando a invenção e a criatividade. A cada parque infantil corresponde um intervalo de idades diferente, factor que se repercute não só na altura do gradeamento, mas também na área do espaço e no número de aberturas desse limite; para além disso, a *praça* correspondente a cada um também varia conforme o nível de supervisão necessário para cada faixa etária. Por meio destes mecanismos, conseguimos controlar a facilidade de alcance dos pais e o seu controlo visual de entradas ou saídas das crianças desses espaços.

Garantimos, assim, através desta sobreposição de camadas de gradeamento - as *paredes dos edifícios* - algum fechamento para a rua D. João Cândido de Novais e Sousa, proporcionando-lhe uma nova frente construída, ao mesmo tempo que, devido à transparência das mesmas, convidamos os transeuntes a participar neste espaço lúdico, o *Recreio do Raio*. Para além disso, oferecemos uma proposta de desenho para a quinta fachada do parque de estacionamento, menosprezada aquando da sua construção, apesar de, possivelmente, ser a mais importante pelo facto de o edifício estar, em grande parte, enterrado; não só oferecemos um novo espaço de encontro no centro da cidade, como também uma nova paisagem urbana aos residentes deste quarteirão.



i24



i25

0m 5m

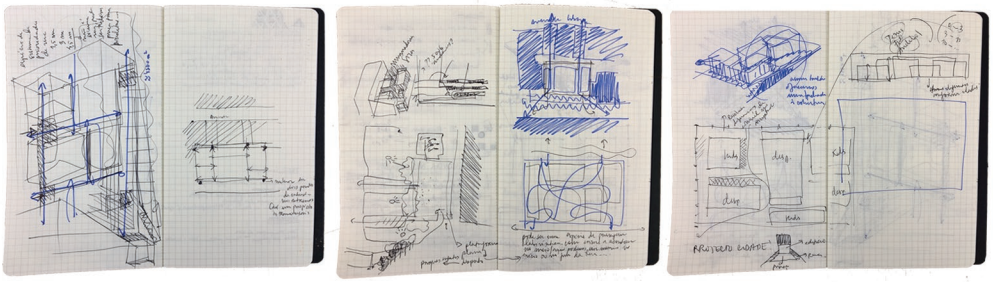
126 Atravessamento e chegada ao miolo do quarteirão: contágio do domínio colectivo no logradouro devoluto.
Projecto de regeneração no centro histórico de Braga.

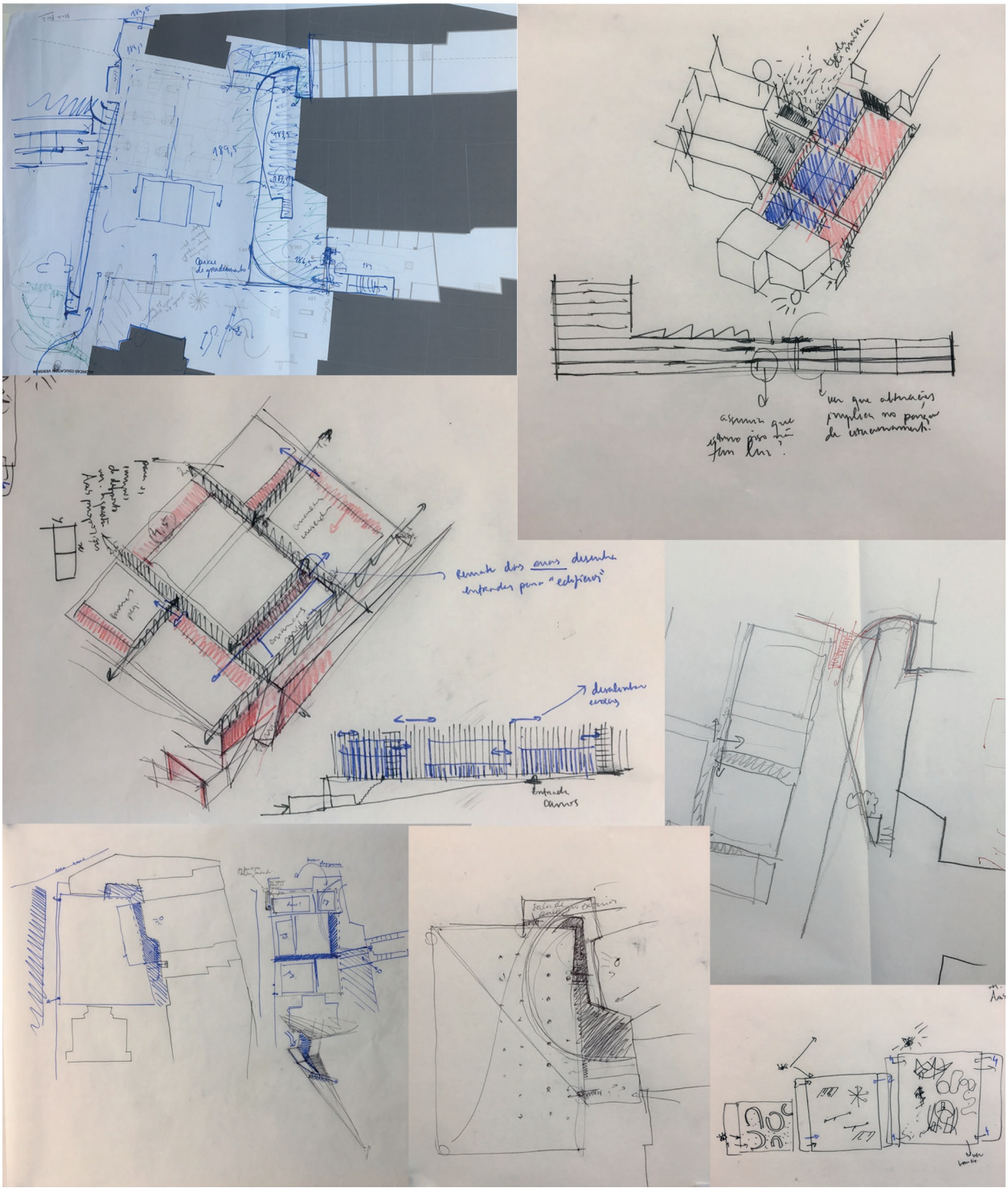
i24 Ponto de vista 2.

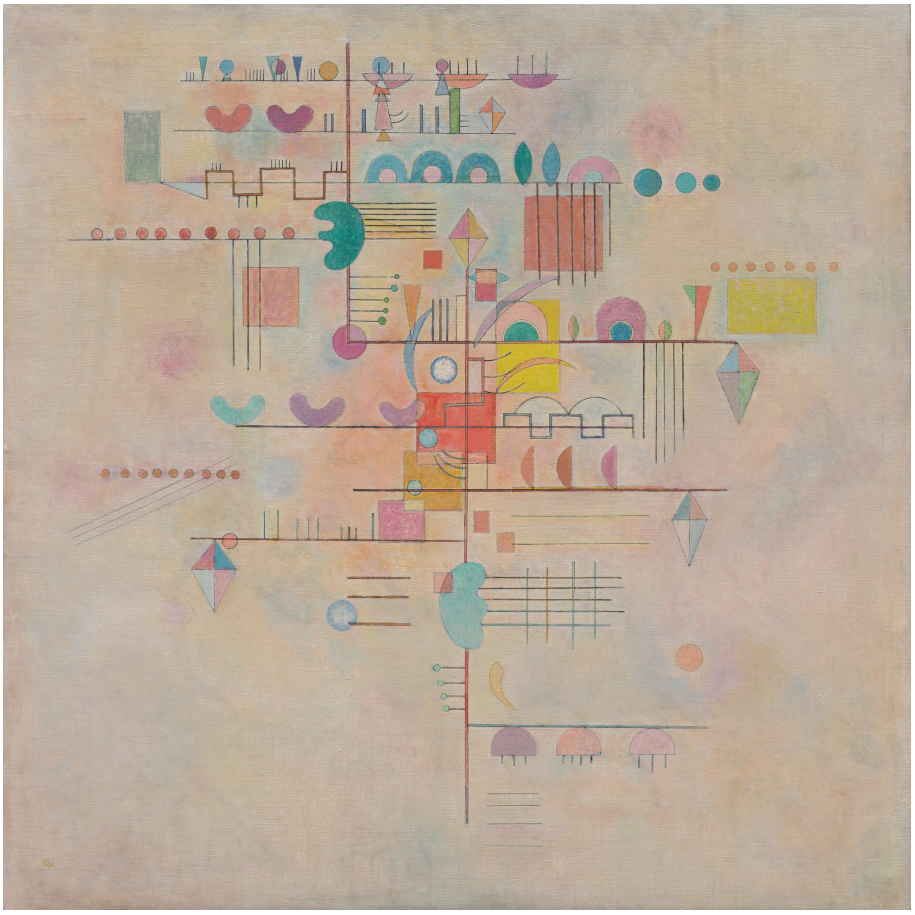
i25 Vista axonométrica da proposta.

i26 Desenhos de processo.

i26





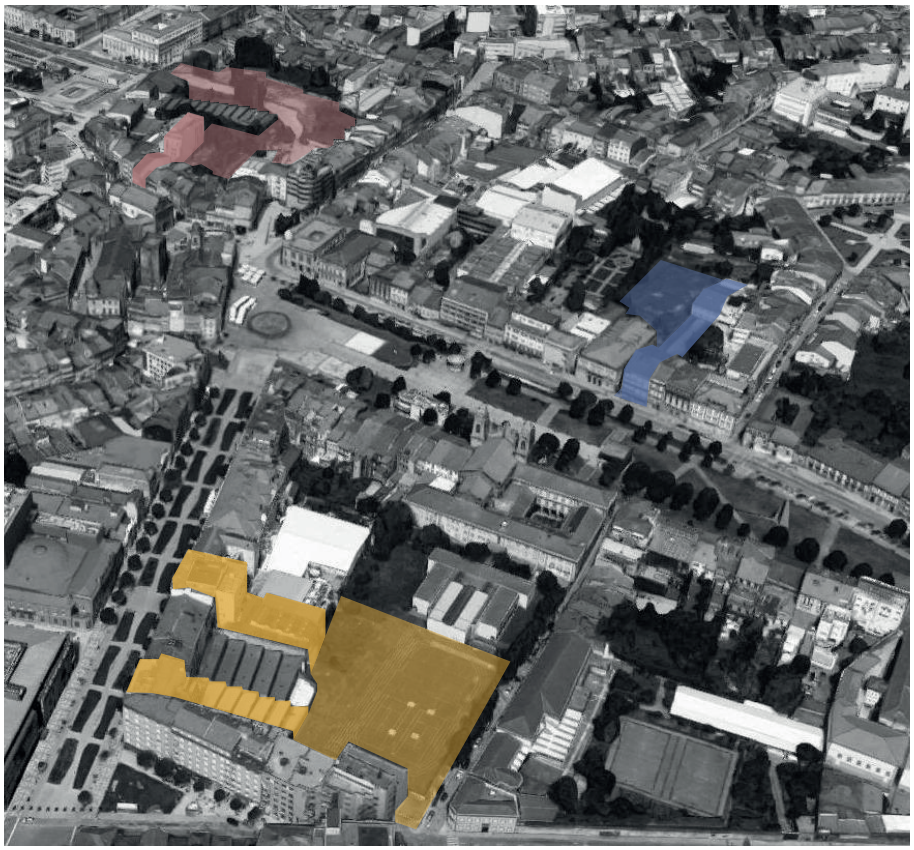


128 Atravessamento e chegada ao miolo do quarteirão: contágio do domínio colectivo no logradouro devoluto.
Projecto de regeneração no centro histórico de Braga.

Montée gracieuse 1934, da autoria de Vasily Kandinsky.

A expressão "organizar espaço", à escala do homem, tem para nós um sentido diferente daquele que poderia ter, por exemplo, a expressão "ocupar espaço". Vemos na palavra "organizar" um desejo, uma manifestação de vontade, um sentido, que a palavra "ocupar" não possui (...).

Távora, Fernando. (1962). *Da organização do espaço*, p.14.



i1

130 Atravessamento e chegada ao miolo do quarteirão: contágio do domínio colectivo no logradouro devoluto.
Projecto de regeneração no centro histórico de Braga.

5. *Considerações finais*

É necessário sair da ilha para ver a ilha, que não nos vemos se não nos saímos de nós[1]. Encontrámos, contudo, quando voltamos à *ilha*, um centro histórico com um "sistema de espaços colectivos"[2] fragilizado.

Para além de existirem alguns espaços *vagos*[3], sobrantes do desenvolvimento improvisado ou pouco planeado da cidade, abundam também edifícios colectivos (na sua maioria de carácter comercial) com pouca afluência ou mesmo em grave processo de *desertificação.* Através da análise histórica de Braga, incidente na evolução das suas estruturas colectivas e no modo como a sociedade se foi revendo (e ao mesmo tempo reflectindo) na forma da cidade, apercebemo-nos de um perigoso processo de deterioração do espaço público, resultado da progressiva *privatização* de grande parte das actividades ou práticas colectivas (lazer, cultura, desporto, trânsito automóvel, estacionamento, ...). Considerámos, por isso, ser da maior urgência encontrar uma resposta que conjugasse as necessidades da cidade, enquanto matéria construída, às carências colectivas dos bracarenses, conciliando o processo de reutilização de edifícios e espaços doentes à reactivação de algumas práticas colectivas em falta na nossa área de estudo.

i1 Vista perspéctica sobre os três quarteirões.

O carácter do lugar e a heterogeneidade inevitável de uma cidade que foi sendo construída ao longo de um extenso período de tempo, por camadas (como um palimpsesto), associados ao facto de termos escolhido três diferentes quarteirões como terrenos de intervenção alertaram-nos para a premência de uma proposta, também ela, heterogénea. Apesar de existir uma ideia geral e comum de acção - a regeneração complementar das galerias comerciais e do miolo do quarteirão -, refutámos desde o início encontrar uma espécie de solução genérica aplicável aos três casos de estudo, sendo que, eles próprios, são diferentes no que respeita à forma, à área, ao contexto, e aos problemas que levantam. As propostas resultam, em contrapartida, de uma reflexão aprofundada do lugar e das suas condicionantes; qualquer outro tipo de atitude seria, a nosso ver, contraproducente e levar-nos-ia à elaboração de uma proposta desligada da realidade urbana com a qual nos dispusemos a trabalhar. Relembrando as palavras de Eduardo Prieto "a cidade não é um lugar. Pode estar composta por lugares, mas não é um lugar". Os traços distintos que caracterizam cada um desses lugares e que contribuem para o sentimento identitário da cidade acabam por exigir diferentes tipos de soluções, tendo sempre em vista o alcance de um único objectivo ou finalidade: tornar estes *espaços* vazios e esvaziados, feios à partida, em *lugares* com valor colectivo,

1. Saramago, José. (2015). *O Conto da Ilha Desconhecida*.
2. Portas, Nuno. (2005). *Os tempos das formas*, p. 195.
3. Em referência a Solà-Morales, Ignasi. (2014). *Terrain Vague.*

apropriáveis e habitáveis, úteis e funcionais - e, por isso, belos.

Antes de avançarmos com a componente projectual e de forma a nos aproximarmos do nosso objecto de estudo - a cidade que pensávamos já conhecer - procurámos estudar a sua história, explorando a forma como a materialização do espaço público e o desenrolar da vida colectiva foram evoluindo ao longo dos séculos. Bebendo do passado, repensámos o papel que tanto as galerias como os interiores de quarteirão poderiam vir a ter na cidade.

Relativamente às primeiras, chegámos à conclusão que a importação indiscriminada de modelos pode acarretar consigo resultados menos bons e desadequados à realidade urbana onde esses mesmos modelos são aplicados. As galerias comerciais em Braga foram construídas ignorando o princípio primordial das *passages* parisienses, que seria, mais que cumprir uma função comercial, atalhar percursos, ligando dois pontos distintos da cidade por meio do atravessamento do quarteirão; resultam, por isso, (as primeiras) em estruturas colectivas frágeis e vulneráveis cuja utilização depende apenas do seu sucesso programático e não do seu papel urbano.

Assim sendo, e aprendendo com o modelo tipológico parisiense (sem o copiar), tornou-se clara a necessidade de oferecer às galerias comerciais de Braga um objectivo de atravessamento, uma meta; dessa forma, estes equipamentos teriam um outro propósito de utilização que não se esgota no seu programa. Ao mesmo tempo, e tendo em conta que as galerias comerciais de Braga não atravessam os quarteirões onde se implantam na sua totalidade, essas metas seriam o espaço interior dos próprios quarteirões; como vimos, também a partir da análise histórica da cidade, os logradouros funcionaram sempre como bolsas de ar, como áreas livres e permissivas que lhe oferecem espaço de manobra e ajuste. Vimos aqui a oportunidade de os redesenhar enquanto novos espaços colectivos na cidade, oferecendo um ponto de chegada às galerias, que, por sua vez, (entre outras coisas) materializam um dispositivo de acesso ao miolo do quarteirão.

Partindo do conselho de Nuno Portas - "Antes de receitar/ Identificar a doença/ E entender o que a provoca."[4] -, e mantendo o tom metafórico da citação, podemos reflectir acerca das consequências de uma *má prescrição*; as soluções por nós sugeridas poderiam, com o tempo, provar-se inadequadas ou, rapidamente, tornarem-se obsoletas. Foram, por isso, desde início pensadas enquanto estruturas flexíveis que, apesar de questionarem os limites entre os domínios público e privado, determinados pelas partes constituintes da malha urbana[5], não questionam a sua configuração, mais especificamente o carácter de fechamento intrínseco ao miolo do quarteirão. Achámos essencial, por uma questão de estabilidade e ordenamento da cidade, preservar esse traço de *mistério* e recolhimento dos logradouros, apesar de os redesenharmos como

4. Portas, Nuno. *Op.cit.,* p.158.

5. Espaços públicos de circulação e acesso, quarteirão e logradouro *in* Portas, Nuno. *Op.cit*, p.158.

espaços de uso público. O conjunto de transformações que propusemos para estes vazios foi, por isso, sempre acompanhado por uma ideia de reversibilidade; quisemos não só manter a clareza da leitura do quarteirão enquanto componente formal da cidade, mas também a sua nuance heterotópica, enquanto lugar relativamente fechado e recolhido, que tem em si um certo sentido de *oásis* a ser descoberto.

Fazemos nossas as palavras de Robert Venturi quando, ao explicar os conteúdos do livro *Complexidade e Contradição*, diz que "a maioria do pensamento aqui exposto era suposto ser entendido como sugestivo em vez de dogmático. (...) Deve um(a) artista levar as suas filosofias até às últimas consequências?"[6] É exactamente essa a nossa intenção, sugerir e não impor soluções, por estarmos conscientes da volubilidade das dinâmicas de uma cidade e por reconhecermos um certo carácter de *remendo*[7] na nossa estratégia. Estamos a sugerir uma forma de lidar com pré-existências menos qualificadas, procurando beleza nestas estruturas comuns, no ordinário. Afinal de contas, a cidade, enquanto organismo vivo, pode (e deve) ser reescrita e transformada de acordo com as necessidades da sociedade que a habita. Aceitamos, por isso, esse carácter temporário ou metamorfósico da nossa estratégia como parte do processo de desenvolvimento do projecto. Não estamos, como aconteceu com as *mutilações* que tentámos solucionar, a provocar cicatrizes irreversíveis no seu traçado; mantemos em aberto a hipótese de se voltar a fechar os quarteirões e restringir o acesso ao seu espaço de logradouro, se tal fizer sentido do ponto de vista urbano.

Aproveitamos este momento final do trabalho para reiterar a importância da *abstracção* enquanto condição necessária à aprendizagem, aos nossos olhos determinante para o desenvolvimento de um exercício académico com este carácter. O projecto a que nos auto-propusemos quis, desde o início, ser selectivo nos problemas a resolver, exigindo, por isso, libertar-se de algumas condicionantes da realidade; é apresentado a título de exemplo, pretendendo evidenciar as potencialidades destes espaços e do que se pode fazer de maneira a reciclar equipamentos, à partida dispensáveis, com vista a reincorporá-los na cidade. Partindo de um sentimento de urgência em validar estas "permanências"[8], o trabalho acaba por resultar num conjunto de intervenções *optimistas*, vendo o *belo propósito* nas *coisas feias*.

Não obstante o seu carácter pontual ou particular, a abordagem/estratégia à qual recorremos (correntemente apelidada de *acupunctura urbana*) implica, também, a

6. Venturi, Robert. (2014). *Complexity and contradiction in architecture,* p.15.

7. Na medida em que, com o objectivo de tirar partido da palete de edifícios da cidade, repara ou reaproveita estruturas urbanas em desuso, com pouca qualidade urbanística e arquitectónica. Neste tópico encontramos também algum apoio nos textos de Nuno Portas quando apela a uma política de reciclagem ou aproveitamento da palete de edifícios já existente, "conservar renovando e renovar conservando." *In* Portas, Nuno. *Op.cit.* p.156.

8. Rossi, Aldo. (2001). *A arquitectura da cidade*, p75.

provocação de um impacto radiante, isto é, apesar de as soluções ou propostas *nevrálgicas* serem circunscritamente aplicadas a cada um dos quarteirões em estudo, estas querem, do mesmo modo, despoletar repercussões ou efeitos positivos no contexto próximo de cada uma, reactivando áreas vizinhas.

Com o *Fórum B* podemos, por exemplo, em conjunto com o espaço GNRation induzir uma necessidade de repensar o propósito da praça do Campo da Vinha ou, através da reanimação da galeria comercial enquanto equipamento artístico, provocar um aumento de actividade na rua do Castelo, que por sua vez poderia justificar a reocupação do edifício de Marques da Silva, actualmente em desuso e propriedade da Universidade do Minho. Com a *Sala Lafayette*, para além de oferecemos às escolas do centro da cidade um outro espaço de trabalho, complementamos a rede de espaços verdes do centro histórico com um novo jardim, que também pode servir de apoio à instituição da Inatel. Com o *Recreio do Raio* reactivamos a rua pedonal D. João Cândido de Novais e Sousa, tendo, também, um impacto na Rua do Raio e na Avenida da Liberdade do ponto de vista da oferta e propósitos de passagem.

Com as nossas propostas procuramos desenhar "espaços interiores para a comunidade"[9], estruturas que desencadeiem sentimentos de abrigo, auto-estima e pertença nos habitantes pelo facto de se reverem numa cidade que os serve e satisfaz. A habitabilidade de um *lugar* permite que se criem memórias, e ao transformarmos estes espaços em complementos participativos no quotidiano colectivo dos bracarenses abrimos caminho para que essas memórias se criem e para que se sintam em *casa*[10] na sua cidade.

9. "True interiors for the community, so that every individual can know who and where he is, and so that the sheltered mind can once again warm the houses, streets and squares.", in Strauven, F. (1998). Strauven, Francis. (1998). *Aldo van Eyck: the shape of relativity*, p.344.

10. "Tree is leaf and leaf is tree. House is city and city is house. A tree is a tree but it is also a huge leaf. A leaf is a leaf but it is also a tiny tree. A city is not a city unless it is a huge house. A house is a house only if it is also a tiny city." Ligtelijn, Vincent; and Strauven, Francis. (2008). *Aldo Van Eyck : writtings, the child, the city and the artist, an essay on architecture, the in-between realm*, p.102.

136 Atravessamento e chegada ao miolo do quarteirão: contágio do domínio colectivo no logradouro devoluto.
Projecto de regeneração no centro histórico de Braga.

Não amo a cidade
por ser grande

Amo-a
por ter nascido sem mistério
e por ter criado
a sua própria natureza

embora os olhos e o coração
sofram quotidianamente
por imperfeições e mágoas[1]

1. *In* Reis, António. (2017) *Poemas quotidianos*.



138 Atravessamento e chegada ao miolo do quarteirão: contágio do domínio colectivo no logradouro devoluto.
Projecto de regeneração no centro histórico de Braga.

Crianças a brincar na rua Chisenhale, em Londres, fotografia de Nigel Henderson.

Nunca poderá ser exagerada a importância da Arquitectura e do Urbanismo como fenómeno condicionante da vida do homem. Se o homem, ao organizar espaço, realiza trabalho condicionado, na medida em que satisfaz as realidades que o envolvem, realiza também trabalho condicionante da sua própria actividade; uma cidade ou uma casa realizam-se segundo condições pré-existentes mas criam, uma vez realizadas, condições de existência para os homens que as vivem. Da boa ou má qualidade da organização do espaço depende, em parte, o bem ou o mal-estar dos homens; a desarmonia da organização do espaço gera a infelicidade humana.

Távora, Fernando. (1993). *Teoria geral da organização do espaço: arquitectura e urbanismo: a lição das constantes*, p. 16.

140 Atravessamento e chegada ao miolo do quarteirão: contágio do domínio colectivo no logradouro devoluto.
Projecto de regeneração no centro histórico de Braga.

6. *Referências Bibliográficas*

Livros/Revistas

Alarcão, Pedro. (2014). *Intervenção arquitectónica em contexto arqueológico: propostas e desafios para a cidade de Braga.* Porto: FAUP publicações.

Ascher, François (2010). *Novos princípios do urbanismo seguido de novos compromissos urbanos: um léxico.* Lisboa: Livros Horizonte.

Balsas, Carlos. (1999). *Urbanismo comercial em Portugal e a revitalização do centro das cidades*. Lisboa: Gabinete de Estudos de Prospectiva Económica, Ministério da Economia.

Bandeira, Pedro. (2006). *Projectos específicos para um cliente genérico*. Porto: Dafne Editora.

Barbey, Gilles. (1990). *L'évasion domestique: essai sur les relation d' affectivité au logis*. Lausanne: Presses polytechniques et universitaires romandes.

Bauman, Zygmunt. (2001). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar.

Benevolo, Leonardo. (1998). *A cidade e o arquitecto*. Lisboa: Edições 70.

Benjamin, Walter; Lacoste, Jean. (2002). *Paris, capitale du XIXe siècle*. Paris: Cerf.

Benjamin, Walter; Tiedemann, Rolf. (1999). *The arcades project*. Cambridge: Belknap Press.

Bohias, Oriol; Lampugnani, Vittorio Magnago; Buchanan, Peter. (1990). *Barcelona: Arquitectura y Ciudad. 1980-1992*. Barcelona: Gustavo Gili.

Braga e a sua catedral: caderno informativo. (1990). Braga: Cabido da Sé Catedral, Comissão Organizadora do o Educativo da Dedicação da Sé Catedral.

Calvino, Italo. (2011). *As Cidades Invisíveis*. Alfragide: Teorema.

Cerasi, Maurice. (1990). *El espacio colectivo de la ciudad: construcción y disolución del sistema público en la arquitectura de la ciudad moderna.* Barcelona: Oikos-Tau.

Delgado, Manuel. (1999). *El animal público*. Barcelona: Anagrama.

Delgado, Manuel. (2001). *Memoria y lugar: El espacio público como crisis de significado.* Valencia: Ediciones Generales de la Construcción.

Foucault, Michel; Miskowiec, Jay. (1984). *Of Other Spaces*.

Gregotti, Vittorio. (1994). *Território da arquitectura*. São Paulo: Perspectiva.

Grimal, Pierre; Oliveira, Rui. (2003). *As cidades romanas*. Lisboa: Edições 70.

Hertzberger, Herman. (2002). *Articulations*. Münich: Prestel.

Hertzberger, Herman. (1991). *Lessons for students in architecture*. Rotterdam: 010 Publishers.

Jornal Arquitectos 195. *A cidade e as Serras.* (2000). Ordem dos Arquitectos.

Kahn, Louis; Latour, Alessandra. (1991). *Writings, lectures, interviews*. New York: Rizzoli.

Koolhaas, Rem. (2001). *Project on the city*. Köln: Taschen.

Koolhaas, Rem; Mau, Bruce. (1998). *Small, medium, large, extra-large: Office for Metropolitan Architecture*. New York: Monacelli Press.

Kostof, Spiro. (2004). *The city assembled*. London: Thames and Hudson.

Lamas, José. (2010). *Morfologia urbana e desenho da cidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Lefaivre, Liane. (2002). *Aldo van Eyck. The playgrounds and the city*. Amsterdam: Stedelijk Museum.

Lefebvre, Henri. (1973). *Le droit à la ville*. Paris: Édition Anthropos.

Lefebvre, Henri.; Frias, Rubens. (2008). *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro Editora.

Lerner, Jaime. (2003). *Acupuntura urbana*. Rio de Janeiro: Editora Record.

Ligtelijn, Vincent; Strauven, Francis. (2008*). Aldo Van Eyck : writtings, the child, the city and the artist, an essay on architecture, the in-between realm.* Amsterdam: Sun Publishers.

Lopes, Diogo Seixas (2016). *Melancolia e arquitectura em Aldo Rossi*. Lisboa: Orfeu Negro.

Mansilla, Luis Moreno. (2002). *Apuntes de viaje al interior del tiempo*. Barcelona: Fundación Caja de Arquitectos.

Martins, Manuela. (2000). *Bracara Augusta. Cidade Romana*. Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.

Norberg-Schulz, Christian; Margarit, Adrian. (1975). *Existencia, espacio y arquitectura*. Barcelona: Blume.

Oliveira, Eduardo Pires de; Moura, Eduardo Souto; Mesquita, João (1982). *Braga: evolução da estrutura urbana.* Catálogo de uma exposição, Braga: C.M.

Portas, Nuno. (2005). *Os tempos das formas*. Guimarães: Universidade do Minho. Departamento Autónomo de Arquitectura.

Prieto, Eduardo. (2011). *La arquitectura de la ciudad global*. Madrid: Biblioteca Nueva.

Quesada, Fernando. (2015) *Comunidad, común, comuna*. Madrid: Ediciones Asimétricas.

Rossi, Aldo. (2001). *A arquitectura da cidade*. Lisboa: Cosmos.

Saramago, José. (2015). *O Conto da Ilha Desconhecida*. Porto: Porto Editora.

Sennett, Richard. (2002). *The fall of the public man*. London: Penguin.

Silva, Ana Sofia Pereira da. (2015). *La intimidad de la casa*. Buenos Aires: Diseño.

Silva, Paula. (2002). *As termas romanas de Bracara Augusta*. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

Silvano, Filomena. (2001). *Antropologia do espaço*. Oeiras: Celta Editora.

Siza, Álvaro. (2009). *01 Textos*. Porto: Civilização.

Siza, Álvaro. (2009). *Imaginar a evidência*. Lisboa: Edições 70.

Solà-Morales, Ignasi. (2014). *Terrain Vague*.

Strauven, Francis. (1998). *Aldo van Eyck: the shape of relativity*. Amsterdam: Architectura & Natura.

Távora, Fernando. (1962). *Da organização do espaço.* Porto: Sousa & Almeida.

Távora, Fernando. (1993). *Teoria geral da organização do espaço: arquitectura e urbanismo: a lição das constantes.* Porto: Faup Publicações.

Teyssot, Georges. (2013). *A topology of everyday constellations*. Cambridge: MIT Press.

Trigueiros, Luiz. (1993). *Fernando Távora*. Lisboa: Blau.

Venturi, Robert. (2014). *Complexity and contradiction in architecture*. New York: Museum of Modern Art.

Websites

https://www.cm-braga.pt/pt/0201/comunicacao/noticias/item/item-1-5059 (consultado a 25 de Junho de 2017)

http://www. divisare.com (consultado ao longo do trabalho)

https://www.failedarchitecture.com/behind-four-walls-barcelonas-lost-utopia/ (consultado a 12 de Fevereiro de 2017)

http://www.gnration.pt. (consultado a 17 de Julho de 2017)

http://www.infopedia.pt (consultado ao longo do trabalho)

http://ominho.pt/hotel-no-antigo-hospital-s-marcos-abre-no-inicio-2018/ (consultado a 14 de Agosto de 2017)

http://psychogeographicreview.com/baudelaire-benjamin-and-the-birth-of-the-flaneur/ (consultado a 14 de Abril de 2017)

https://sgeraldocultural.org/ (consultado a 26 de Junho de 2017)

https://www.publico.pt/2016/09/15/local/noticia/o-patrimonio-de-braga-tornouse-um-alvo-apetecivel-para-a-hotelaria-1744099 (consultado a 25 de Junho de 2017)

https://www.publico.pt/local-porto/jornal/arquitecto-propoe-museu-de-arte-contemporanea-no-edificio-do-antigo-hospital-de-braga-24021476 (consultado a 25 de Junho de 2017)

https://www.rtp.pt/noticias/economia/zona-pedonal-de-braga-aumenta-para-130-mil-metros-quadrados-centro-comercial-ao-ar-livre_n94853 (consultado a 14 de Agosto de 2017)

https://www.rtp.pt/noticias/pais/centro-comercial-stop-e-agora-sala-de-ensaios-do-porto_v804412

http://www.swati.nl/barcelona/publicatie.htm (consultado a 9 de Abril de 2017)

144 Atravessamento e chegada ao miolo do quarteirão: contágio do domínio colectivo no logradouro devoluto.
Projecto de regeneração no centro histórico de Braga.

7. *Lista de origem/crédito de imagens*

Separador 1: Arquivo pessoal

[2.1 A revisita]

i1: www.tate.org.uk/art/archive/items/tga-201011-3-1-55-3/henderson-photograph-showing-two-unidentified-children-playing-with-bicycle-wheels;

i2: www.tate.org.uk/art/artists/sir-eduardo-paolozzi-1738;

i3: www.pinterest.pt/pin/543387511270905273/;

i4: www.architekturfuerkinder.ch/index.php/pioniere/aldo-van-eyck/;

i5: es.pinterest.com/pin/262897696977926425/;

Separador 2: Teyssot, Georges. (2013). *A topology of everyday constellations*. Cambridge: MIT Press;

[2.2 Espaços em desuso]

i1-i19: Arquivo pessoal;

i20: Desenho da autora, com base em plantas cedidas pelo arquivo da C. M. Braga (plantas digitais);

i21-i28: Arquivo pessoal;

i29: Desenho da autora, com base em plantas cedidas pelo arquivo da C. M. Braga (plantas digitais);

Separador 3: www.pierotrincia.it/IT/2873/Pianta-di-Roma-colla-situazione-di-tutti-i-monumenti---Giovan--Battista-Piranesi.html;

[3.1 Cidade como palimpsesto]

i1-i2: Desenho da autora, com base em plantas cedidas pelo arquivo da C. M. Braga (plantas digitais);

i3: aspa35anos.blogspot.pt/2016/12/;

i4: archaeoethnologica.blogspot.pt/2014/01/urbanismo-e-arquitectura-em-bracara.html;

i5-i6: Desenho da autora, com base em plantas cedidas pelo arquivo da C. M. Braga (plantas digitais);

i7: www.sanderusmaps.com/detail.cfm?c=11934;

i8: Desenho da autora, com base em plantas cedidas pelo arquivo da C. M. Braga (plantas digitais);

i9: Arquivo pessoal de Ana Sofia Pereira da Silva;

i10: Desenho da autora, com base em plantas cedidas pelo arquivo da C. M. Braga (plantas digitais);

i11: Arquivo pessoal;

i12: Strauven, Francis. (1998). *Aldo van Eyck: the shape of relativity*. Amsterdam: Architectura & Natura;

i13: Arquivo pessoal de Ana Sofia Pereira da Silva;

i14: www.geira.pt/bracara/historiaInv.html;

i15-i17: Arquivo pessoal de Ana Sofia Pereira da Silva;

i18: www.pinterest.pt/pin/384072674451800731/;

i19: www.moma.org/interactives/objectphoto/objects/83984.html;

i20: Esquema da autora, com base em fotografia retirada de maps.google.com;

Separador 4: Desenho da autora, com base em plantas cedidas pelo arquivo da C. M. Braga (plantas digitais);

[3.2 O miolo do quarteirão]

i1: nl.wikipedia.org/wiki/Het_straatje;

i2: Montagem da autora, com base em fotografias retirada de maps.google.com;

i3: www.elperiodico.com/es/noticias/onbarcelona/a-la-ultima/sitios-para-banarse-familia-torre-aigues-creue-ta-del-coll-6150184;

i4: www.bcncatfilmcommission.com/es/location/jardines-tete-montoliu;

i5: archive.boston.com/bigpicture/2011/08/remembering_the_divide.html;

i6: www.pinterest.pt/pin/364158319845429963/;

Separador 5: https://www.pinterest.pt/pin/507217976768303106/;

[3.3 Atravessar o quarteirão]

i1: Arquivo pessoal;

i2: Benjamin, Walter; Tiedemann, Rolf. (1999). *The arcades project*. Cambridge: Belknap Press;

i3: www.tate.org.uk/art/artworks/maddox-passage-de-lopera-t03052;

i4: Benjamin, Walter; Lacoste, Jean. (2002). *Paris, capitale du XIXe siècle*. Paris: Cerf;

i5: commons.wikimedia.org/wiki/File:Gustave_Caillebotte_-_Jour_de_pluie_%C3%A0_Paris.jpg;

i6: thecitythecitythecity.tumblr.com/page/13;

i7: Koolhaas, Rem. (2001). *Project on the city*. Köln: Taschen.

i8-i11: Arquivo pessoal;

Separador 6: somebodywhere.tumblr.com/post/69721292896/by-us-for-us-diagram-presented-by-van-eyck-at;

[4.1 Contaminação do espaço público no miolo do quarteirão]

i1: Esquema da autora, com base em fotografia retirada de maps.google.com;

i2-i3: www.smart-magazine.com/de/luchtsingel-rotterdam/;

i4-i5: www.pedrobandeira.info/Quarteiroes-2001-2006;

i6: www.nemausensis.com/Nimes/arenesESP/arenESP9.htm;

i7: www.pinterest.pt/pin/469007748664877231/;

i8: Desenhos da autora;

Separador 7: collectie.boijmans.nl/en/object/4232/La-reproduction-interdite-%28Verboden-af-te-beelden%29/Ren%C3%A9-Magritte;

[4.2 Mapeamento programático da cidade]

i1: open.jaapbakemastudycentre.nl/content/de-lijnbaan;

i2: Desenho da autora, com base em plantas cedidas pelo arquivo da C. M. Braga (plantas digitais);

i3-i11: Arquivo pessoal;

Separador 8: nikosgeorgopoulos.blogspot.pt/2012/03/on-guy-debords-naked-city-posted-on.html;

[4.3.1 Fórum B]

i1: Esquema da autora, com base em fotografias retirada de maps.google.com;

i2-i9: Arquivo pessoal;

i10-i11: Desenhos da autora, com base em plantas cedidas pelo arquivo da C. M. Braga (plantas digitais) e na planta de incêndio do Alameda Shopping;

i12: Colagem da autora;

i13-i14: socks-studio.com/2013/11/18/sonsbeek-pavilion-in-arnhem-aldo-van-eyck-1966/;

i15: divisare.com/projects/209322-alvaro-siza-nicolo-galeazzi-roland-halbe-percorso

i16-i18: Desenhos da autora, com base em plantas cedidas pelo arquivo da C. M. Braga (plantas digitais);

i19: Colagem da autora;

i20-i23: Desenhos da autora, com base em plantas cedidas pelo arquivo da C. M. Braga (plantas digitais) e na planta de incêndio do Alameda Shopping;

i24: www.publico.pt/2012/06/25/local/noticia/incendio-fez-evacuar-centro-comercial-stop-1551968

i25: www.atlante.pt/siza-malagueira;

i26: Colagem da autora;

i27: Desenho da autora, com base em plantas cedidas pelo arquivo da C. M. Braga (plantas digitais);

i28: Arquivo pessoal;

[4.3.2 Sala Lafayette]

i1: Esquema da autora, com base em fotografias retirada de maps.google.com;

i2-i10: Arquivo pessoal;

i11-i12: Desenhos da autora, com base em plantas cedidas pelo arquivo da C. M. Braga (plantas digitais e anexo 1);

i13: Colagem da autora;

i14-i15: Desenhos da autora, com base em plantas cedidas pelo arquivo da C. M. Braga (plantas digitais e anexo 1);

i16: Colagem da autora;

i17-i20: Desenhos da autora, com base em plantas cedidas pelo arquivo da C. M. Braga (plantas digitais e anexo 1);

i21: Colagem da autora;

i22: Desenho da autora, com base em plantas cedidas pelo arquivo da C. M. Braga (plantas digitais e anexo1);

i23: gulbenkian.pt/jardim/percursos/percursos-no-jardim/percurso-luz-e-sombra/;

i24: Trigueiros, Luiz. (1993). *Fernando Távora*. Lisboa: Blau;

i25: de.wikipedia.org/wiki/Schloss_Charlottenhof;

i26: http://dekleva-gregoric.com/uncurtain-office/;

i27: https://workfrom.co/biblioteca-almeida-garrett;

i28: Arquivo pessoal;

[4.3.3 Recreio do Raio]

i1: Esquema da autora, com base em fotografias retirada de maps.google.com;

i2-i9: Arquivo pessoal;

i10-i16: Desenhos da autora, com base em plantas cedidas pelo arquivo da C. M. Braga (plantas digitais e anexos 2 e 3) e na planta de incêndio do Gold Center;

i17: Colagem da autora;

i18: Desenho da autora, com base em plantas cedidas pelo arquivo da C. M. Braga (plantas digitais);

i19: atfpa3y4.wordpress.com/2015/03/25/unite-dhabitation-marsella-le-corbusier-1947-52/;

i20: guiasdearquitectura.com/pt/produtos/packs/alvaro-siza-author/_241;

i21-i23: Desenhos da autora, com base em plantas cedidas pelo arquivo da C. M. Braga (plantas digitais e anexos 2 e 3) e na planta de incêndio do Gold Center;

i24: Colagem da autora;

i25: Desenho da autora, com base em plantas cedidas pelo arquivo da C. M. Braga (plantas digitais);

i26: Arquivo pessoal;

Separador 9: www.guggenheim.org/artwork/1959

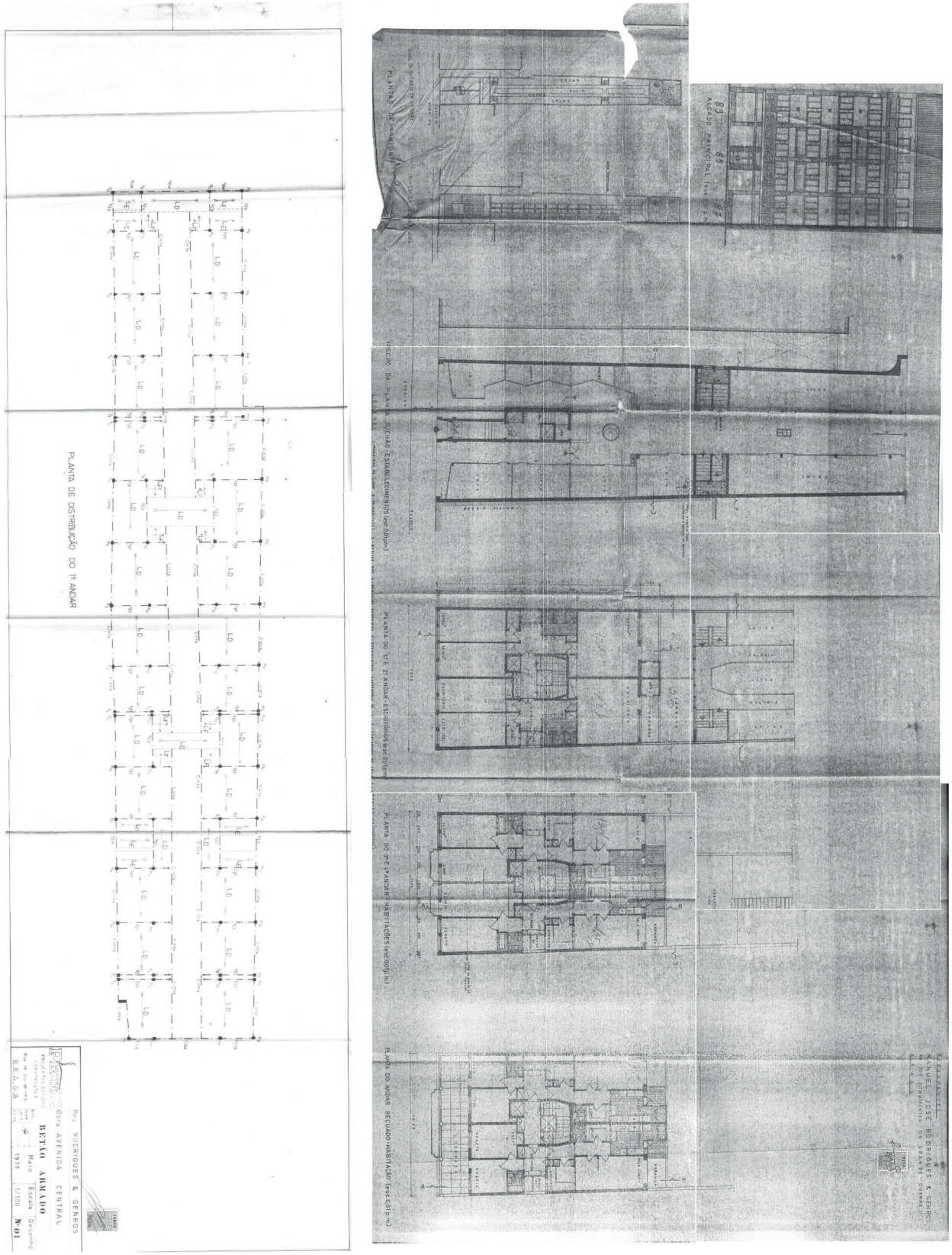
[5. Considerações finais]

i1: Esquema da autora, com base em fotografia retirada de maps.google.com;

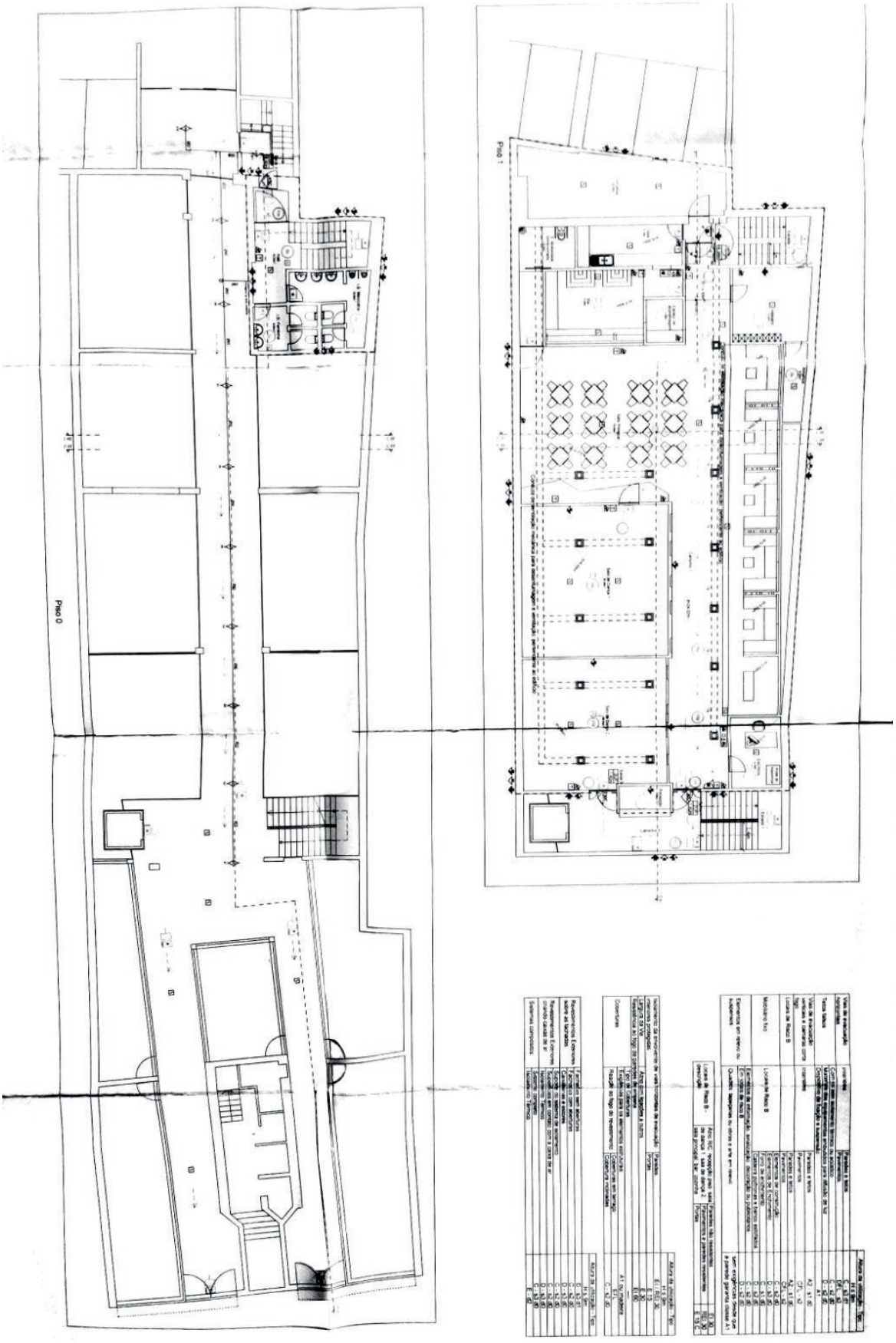
Separador 10: fotografiaviviendasmithson.blogspot.pt/2014/05/

150 Atravessamento e chegada ao miolo do quarteirão: contágio do domínio colectivo no logradouro devoluto.
Projecto de regeneração no centro histórico de Braga.

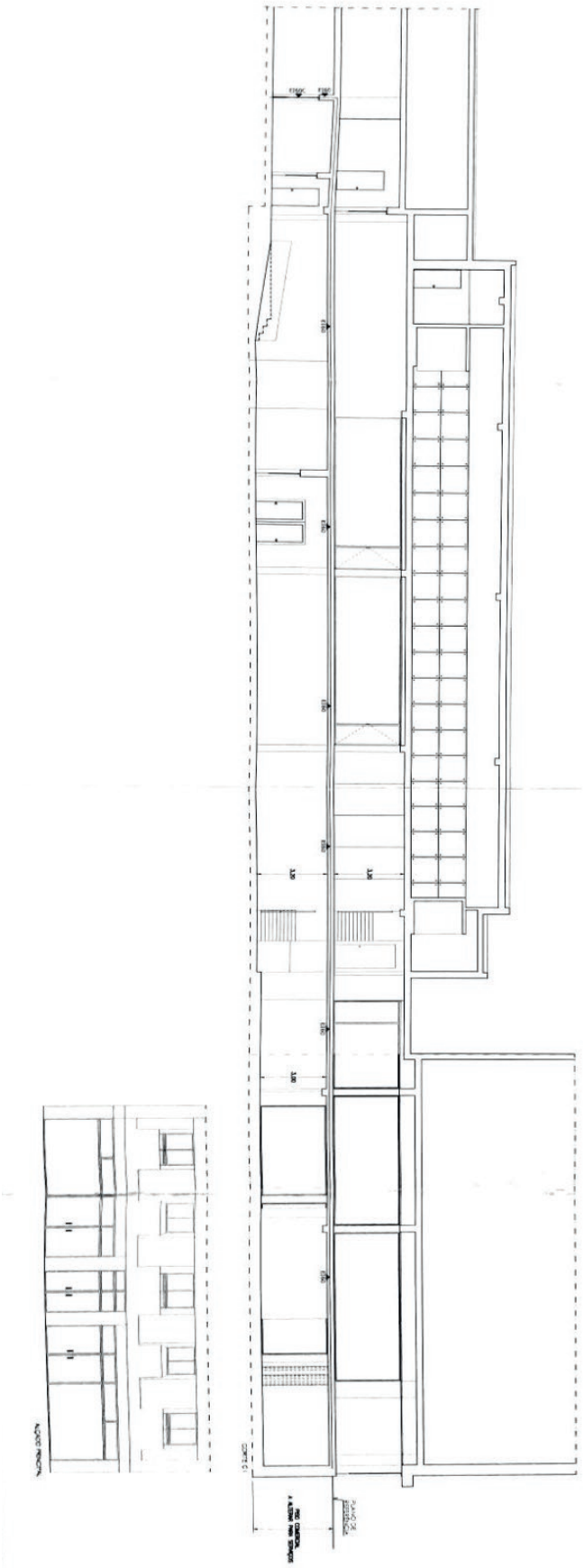
8. *Anexos*



1. Plantas e alçados da galeria Lafayette (documentos disponibilizados pelo arquivo da C. M. Braga).



2. Plantas das Galerias do Bingo (documentos disponibilizados pelo arquivo da C. M. Braga).



3. Cortes das Galerias do Bingo (documento disponibilizado pelo arquivo da C. M. Braga).

154 Atravessamento e chegada ao miolo do quarteirão: contágio do domínio colectivo no logradouro devoluto.
Projecto de regeneração no centro histórico de Braga.